

RIOS NO DESERTO

Palestras sobre evangelização
de muçulmanos

FEDERICO A. BERTUZZI, editor

EDITORA SEPAL

RIOS NO DESERTO

Federico A. Bertuzzi, editor

Documento do CLAME 90, Consulta Latina de Evangelização aos Muçulmanos, realizada em Orlando (Florida, Estados Unidos), auspiciada por COMIBAM Internacional e PM Internacional.

Original em espanhol:

Ríos en la soledad, Federico A. Bertuzzi, editor

© 1991 Proyecto Magreb, Casila 711, 3000 Santa Fe, República Argentina, publicado por Unilit, Miami, 1991.

Colaboradoras: Viviana Hack de Smith, Anneliese Folta e Marta Panotto de Bertuzzi.

© 1993 Editora Sepal e Edições Kairós

Todos os direitos reservados na língua portuguesa por Editora Sepal, Caixa Postal 2029, 01060-970 São Paulo, SP, Telefone (11) 5523-2544, editorasepal@uol.com.br

Tradução al português: Denise Barros Parisi

Digitalizado por Tiago

www.semeadores.net

A menos que se indique outra coisa, as citações bíblicas foram extraídas da versão Revista e Atualizada e da *Bíblia na Linguagem de Hoje* da Sociedade Bíblica do Brasil.

Índice

Agradecimentos	11
Recomendação	13
Apresentação	15

DEVOCIONALES

1. Três etapas para aproximar-se de Jesus	21
<i>Waldemar Carvalho</i>	
2. O Segredo de Cristo	27
<i>Samuel Wilson</i>	
3. Missões: Um Trabalho Em Equipe	37
<i>Abel Morales</i>	
4. Esperança contra esperança	43
<i>Eliseu Escobar</i>	

A IGREJA

5. A Igreja na América Latina	53
<i>Edson Queiróz</i>	
6. A Igreja no Mundo Muçulmano	61
<i>Victor Hashweh</i>	
7. A Igreja Sofredora no Mundo Muçulmano	73
<i>Patrick Sookhdeo</i>	

O ISLAMISMO

8. O islã: descrição histórica e doutrinária	81
<i>Victoria Aguilar</i>	

9. O islã no Mundo Latino 91
Samuel Berberian
10. O islã no Oriente Médio 99
Maher Risk
11. O islamismo na África Negra 113
Larry Pate
12. O islã na Ásia. 119
Don McCurry

BASES DA MISSÃO

13. A missão transformadora da Igreja 127
José Alcântara
14. A batalha espiritual nos ares 137
Juan José Churruarín

MISSÕES EM PRÁTICA

15. A qualificação de latinos para o islã 149
Celedonio Gasca
16. Adaptação transcultural ao islã 155
Marcos Amado
17. O perfil do obreiro latino no islã 167
Antonio Peralta
18. Modelos de missão ao mundo islâmico 173
Pablo Carrillo
19. Oportunidades bivocacionais 181
Heinz Suter
21. A cooperação das missões no islã 193
Carlos Calderon

APÊNDICE

- Extensão do islã 206
- Preletores 208

Sua promessa:

“Eis que faço cousa nova; que está saindo à Luz; porventura não o percebeis? Eis que porei um caminho no deserto, e rios no ermo! (Isaías 43.19)

Nosso clamor:

“Faz isto outra vez, Senhor!”

Agradecimentos

Queremos expressar nossa gratidão ao PM Internacional e Misiones Mundiales da Argentina, os quais cederam os direitos deste livro e também nos ajudaram a conseguir direitos de outros livros sobre o assunto para publicação em português.

Agradecemos a todos os que ajudaram com tradução, revisão e sugestões, à Missão Portas Abertas que gentilmente cedeu a foto utilizada na capa e, em especial, ao missionário Ted Limpic que, com amor, dedicação, esforço e recursos, ajudou a tornar possível a publicação deste livro.

Neste livro você tem o resultado do que foi o Clame 90. Você poderá verificar que Deus está transformando a América Latina, de campo em celeiro missionário. Nosso objetivo ao editá-lo é contribuir para que esta consciência converta-se numa responsabilidade.

Que Deus o abençoe durante e a partir da leitura de Rios no Deserto!

Os Editores

Recomendação

O Clame 90 foi para mim um dos eventos mais significativos no despertar de missões ibero-americana nos últimos tempos. Um bom número de missionários, líderes de agências missionárias, missionários e pessoas envolvidas no movimento de missões, se encontraram para conversar, discutir e decidir o que a Igreja Latina pode fazer frente a um dos maiores desafios de nossos tempos: O mundo muçulmano.

A Palavra de Deus foi seriamente examinada, assim como a história, a teologia, e materiais sobre o islã. Escutamos testemunhos das experiências de alguns irmãos latinos naqueles países. *É possível fazê-lo – um deles comentou – mas não é tão fácil quando às vezes é exposto com certo romantismo nas conferências missionárias.*

Os irmãos que vieram do mundo muçulmano nos deram um enfoque muito valioso. Fui impactado ao escutar um deles vindo da África dizer: Os latinos podem fazer um grande trabalho entre os muçulmanos. Foi animador para aqueles que crêem que Deus tem um desafio e uma tarefa especial separada para a Ibero-América, de levar o bendito Evangelho de Jesus aos muçulmanos.

Na verdade muito mais interessante que o meu comentário sobre o “Clame 90” é o que você poderá ler neste livro que está em suas mãos, onde você saberá o que foi dito sobre o quê esta Consulta Histórica refletiu. De uma maneira simples, mas cheia de conteúdo, foram recompiladas idéias, mensagens, devocionais e

testemunhos de grandes servos de Deus que compartilharam no “Clame 90”.

Como presidente do Comibam internacional, tenho plena convicção que não podíamos adiar a publicação de um documento como este. Muitas pessoas dizem que uma das maiores necessidades no movimento crescente na Ibero-América é a literatura. Este presente trabalho será, sem dúvida, de uma grande ajuda ao informar sobre o desafio que o mundo muçulmano significa; e também será um instrumento para você usar em sua igreja, colégio, grupos de estudos e de oração em prol das missões. Por isso, recomendo com muita ênfase a leitura deste livro e um intercâmbio com outros irmãos que queiram se aprofundar mais neste – até agora esquecido – desafio muçulmano.

Para finalizar, quero deixar uma palavra de ânimo e apoio ao Projeto Magreb, pelo seu incansável trabalho em abrir oportunidades para o Ministério ibero-americano no mundo muçulmano. Quero também destacar que como esta, outras entidades missionárias estão trabalhando para alcançar esse grupo tão populoso da humanidade, que é tão carente de Deus e de seu Filho Jesus Cristo.

Ao Senhor damos a glória e a honra pelo que Ele nos permite e permitirá receber por meio destas páginas valiosas.

Rodolfo (Rudy) Girón

Apresentação

O presente trabalho é um compêndio da primeira “Consulta Latina de Evangelización a los Mulsumanes” que foi promovida pelo Projeto Magreb e Comibam e realizada entre 10 e 13 de abril de 1990, na cidade de Orlando (Flórida, Estados Unidos). Estiveram presentes 111 participantes vindos de 22 países das 3 Américas, Europa e Oriente Médio.

Conhecendo a história

Foi visão de alguns sonhadores considerar a Ibero-América uma fonte de recursos missionários para o mundo muçulmano. Entre eles, não podemos deixar de mencionar o engenheiro Pablo Carrillo (mexicano, Presidente do Projeto Magreb) que há muitos anos vem lutando por esta visão.

Durante o Congresso do Comibam 1987, realizado em São Paulo, no Brasil, já havia sido evidenciado um enorme interesse missionário dos latinos pelo mundo islâmico. Na época da “Consulta Global de Evangelização Mundial para o ano 2000 e mais adiante” (CGOWE 2000) que ocorreu em Singapura em janeiro de 1989, os participantes latinos concluíram um acordo para a realização do “CLAME 90”. Posteriormente, em julho daquele ano, durante o “Congresso de Evangelização Mundial Lausane II” em Manila, Filipinas, a urgência de promover esta Consulta continuou sendo solidificada. O país de escolha foi o Equador, e por isso foi chamado originalmente de “QUITO 90”. Os irmãos Pablo Carrillo,

Carlos Calderón, Roberto Hatch e este servo, formaram o Comitê Organizador. Em Granada, na Espanha, foram elaborados os planos e a programação; mas poucos dias depois, tivemos nosso trabalho interrompido por causa do falecimento repentino do nosso querido irmão Roberto Hatch. Esse fato nos fez mudar de local da consulta (podíamos optar entre Buenos Aires, Bogotá e Guatemala) para Orlando, onde as Igrejas Hispânicas ofereceram receber a todos nós.

Um encontro chave

Foi detectado nesse encontro a convergência de três correntes raciais unidas numa mesma vocação: chegar com a mensagem de Jesus aos não alcançados no bloco islâmico do mundo. Com efeito líderes latinos, árabes e anglo-saxônicos de mais de 20 denominações e 40 agências missionárias, estiveram refletindo, conversando, discutindo e orando a respeito do desafio que representa para nós – que somos 35 milhões de evangélicos latinos – os mais de 900 milhões de muçulmanos fora do alcance da Igreja Cristã.

O assunto

Os conferencistas, todos com autoridade e experiência reconhecida ministerialmente, apresentaram 17 assuntos que foram seguidos por um enriquecedor período de perguntas e respostas.

Sentimos no ar a necessidade de ampliarmos a cooperação e criar uma rede de ligação entre os diversos esforços missionários do mundo latino, mundo muçulmano e Anglo Saxônia. Estes três blocos foram usados para simplificar a comunicação e a compreensão de conceitos, que delimitam a Igreja do Senhor em três

meios distintos: “mundo latino” refere-se a presença de latino-americanos na Península Ibérica e os hispânicos residentes nos Estados Unidos, Canadá, Austrália ou Europa; o “mundo muçulmano” refere-se aos países muçulmanos, onde a Igreja funciona na grande maioria com severas restrições à liberdade e debaixo de perseguições contínuas, e a Anglo-Saxônica engloba a Europa nórdica, os Estados Unidos, Canadá, Austrália e outras latitudes onde haja Igrejas étnicas compostas por anglo-saxões.

Para a produção deste livro foram utilizados tanto as devocionais ministradas pela manhã, como anotações dos preletores e também gravações feitas durante a Consulta. Os detalhes que pudessem comprometer a segurança e o trabalho das igrejas e dos missionários no campo, foram cuidadosamente omitidos ou alterados.

Nossa sincera gratidão

Será difícil esquecer a hospitalidade com que fomos recebidos pelas Igrejas Hispânicas de Orlando: “El Calvário” pastoreada por José Cintrón, e “Betania”, por Edwin Martinez. É importante destacar que os irmãos só tiveram um mês e meio para organizar nossa recepção. Eles prepararam tudo com admirável diligência. Destacamos a hospedagem e alimentação; transporte dentro da linda e extensa cidade de Orlando; idas e vindas entre Orlando e Miami (cerca de 500 km). Tudo isto acompanhado da incerteza (o que é típico em nós, latinos) da confirmação quanto a quantidade de participantes, pois até a última hora não sabiam quem e quantos chegariam. A eles, os irmãos de Orlando, muito obrigado! Que o Senhor recompense vocês!

Também nos lembramos com um reconhecimento

profundo e inestimável a ajuda econômica em solo latino: Luís Bush (presidente do Partner Internacional e principal mentor do movimento AD 2000) e Guilherme Taylor (Secretário Executivo da Comissão de Missões da Aliança Evangélica Mundial). Os recursos, na sua maioria, foram usados para cobrir parte das despesas de passagens dos participantes. Sem tal apoio, como também o do “Projeto Magreb”, dificilmente levaríamos a diante a Consulta.

Nesta hora que avança, diante da proximidade do ano 2000, com o acontecido na guerra do Golfo Pérsico, anelamos e clamamos ao Senhor, que é o verdadeiro Senhor dos reinos deste mundo, que conceda ao desértico mundo islâmico, por sua infinita graça, que o rio de Deus volte a fertilizar suas terras sedentas, tal como Isaías 43.19 promete: “Eis que porei um caminho no deserto, e rios no ermo (rios no deserto).”

Federico A. Bertuzzi

DEVOCIONALES

1

Três etapas para aproximar-se de Jesus

Waldemar Carvalho

Que a paz do Senhor esteja com vocês! Vamos abrir nossas Bíblias em Lucas 24.25-32: “Então lhes disse Jesus: Ó néscios, e tardios de coração para crer em tudo o que os profetas disseram! Porventura não convinha que o Cristo padecesse e entrasse na sua glória? E, começando por Moisés, percorrendo por todos os profetas, expunha-lhes o que a seu respeito constava em todas as Escrituras. Quando se aproximavam da aldeia para onde iam, fez ele menção de passar adiante. Mas eles constrangeram dizendo: Fica conosco, porque é tarde e o dia já declina. E entrou para ficar com eles. E aconteceu que, quando estavam à mesa, tomando ele o pão, abençoou-o, e, tendo-o partido, lhes deu; então lhes abriram os olhos, e o reconheceram; mas eles desapareceu da presença deles. E disseram um ao outro:

Porventura não nos ardia o coração quando ele pelo caminho nos falava, quando nos expunha as Escrituras?”

Versículos 45-50:

“Então lhes abriu o entendimento para compreenderem as Escrituras; e lhes disse: assim está escrito que o Cristo havia de padecer, e ressuscitar dentre os mortos ao terceiro dia, e que em seu nome se pregasse arrependimento para remissão de pecados, a todas as nações, começando de Jerusalém. Vós sois testemunhas destas cousas. Eis que envio sobre vós a promessa de meu Pai; permaneçei, pois, na cidade, até que do alto sejais revestidos de poder. Então os levou para Betânia e, erguendo as mãos, os abençoou.”

Loucos por Jesus

Nesta passagem, Jesus usa uma palavra muito forte, pois chama Seus discípulos de *loucos* (néscios). Saindo do contexto, poderíamos dizer que isso é o que está acontecendo hoje, já que nos encontramos numa reunião fechada e também temos aqui pessoas que estão trabalhando em lugares onde sua vida não tem nenhum valor diante da sociedade. Para o mundo, isso é uma loucura.

Caminhando com Jesus

O que quero destacar aqui é que os discípulos haviam vivido com Jesus e O seguiram em muitos lugares. O mesmo acontece conosco: também temos vivido com Ele e O seguido.

Precisamos levar em conta que não se trata só de seguir a Jesus, mas também de servi-Lo. Esses discípulos sabiam que Jesus havia sido morto e ressuscitado, como também nós o sabemos. No entanto, eles estavam voltando a seus trabalhos e aos compromissos seculares de antes. Foi

então que Jesus os alcançou e começou a caminhar e conversar com eles. Naquele instante, começaram a sentir alguma coisa diferente. No versículo 32, um disse ao outro: *“Porventura não nos ardia o coração, quando ele pelo caminho nos falava, quando nos expunha as Escrituras?”*

Muitas vezes acontece que, ao escutar uma pregação ou na leitura da Bíblia, sentimos emoção com muita alegria, e o coração também ardendo dentro de nós. Porém, não é suficiente que nos guiemos só pelas emoções: devemos ser guiados pela Palavra de Deus.

Os olhos abertos

Enquanto Jesus falava, esses discípulos sentiam em seus corações algo muito forte, mas ainda não O haviam reconhecido. No versículo 31, vemos que quando Jesus sentou-se com eles partiu o pão, *“se lhes abriram os olhos”* para que O pudessem reconhecer.

Nos dias de hoje, muitas pessoas de fato seguem a Jesus, mas não O conhecem; estão com os olhos fechados. Lêm a Bíblia, gostam de seus assuntos, sentem muita emoção, mas não conhecem a Jesus. Nossos olhos, como os daqueles discípulos, foram abertos para conhecer a Cristo. Quando isto aconteceu, eles deixaram todos os trabalhos seculares que faziam e regressaram a Jerusalém. Então começaram a crer que Jesus efetivamente havia ressuscitado.

O entendimento aberto

Quando chegaram, reuniram-se com os discípulos e juntos se alegraram, porque o Senhor lhes havia aparecido no caminho. Enquanto conversavam, Ele se apresentou no meio deles novamente e lhes falou. Antes,

seus olhos tinham sido abertos para conhecer Cristo. Esse foi um passo importante, mas não era tudo. No versículo 45, vemos que Jesus *“lhes abriu o entendimento”* para que pudessem compreender o valor das Escrituras.

Ainda que tenhamos os olhos abertos para conhecer a Jesus, nós precisamos de algo mais: que os olhos de nosso entendimento se abram para que compreendamos o conteúdo de tudo o que Ele nos ensinou! Só quando tivermos o entendimento aberto é que, então, estaremos preparados para assumir responsabilidades.

Receber e obedecer

Em resumo, temos três etapas numa aproximação a Jesus. Primeiramente, caminhamos com Ele e O seguimos sem conhecê-LO realmente. Segundo, nossos olhos são abertos para conhecê-LO. Terceiro, nosso entendimento se abre para compreender tudo aquilo que implica ser um discípulo. Se entendermos estas implicações, estaremos prontos para receber Suas ordens e obedecê-LO. Muitas vezes as recebemos, mas não obedecemos. Por exemplo, temos mais de 900 milhões de muçulmanos que ainda não foram alcançados, o que indica que estamos muito atrasados em relação à obediência.

Damos graças ao Senhor porque em Sua misericórdia nos abriu o entendimento para compreender a responsabilidade de levar o Evangelho a toda criatura. Isto é justamente o que Jesus disse no versículo 47: *“...que em seu nome se pregasse arrependimento para remissão de pecados, a todas as nações, começando de Jerusalém”*. Aqui está nossa responsabilidade.

Se realmente estamos com a mente aberta, e creio que sim, pois para isso nos reunimos, pesa sobre nós esta

responsabilidade de levar o Evangelho a toda criatura e a todas as nações. Depois, Jesus nos levará para Betânia, como diz o versículo 50: *“Então os levou para Betânia e, erguendo as mãos, os abençoou”*.

Temos recebido uma ordem e já estamos em Betânia. Mas ainda não cumprimos esta ordem. Precisamos fazê-lo o mais rápido possível, unindo nossas forças e reunindo tudo o que Deus nos tem dado, porque sabemos que nosso inimigo é um: o diabo. Temos de avançar contra ele. Ele já está vencido; mas não obstante, está construindo uma enorme parede de dificuldades diante de nós, a qual ainda não foi derrubada. Por isso é que a Igreja precisa seguir avante e não retroceder. É verdade que isso é que a Igreja precisa avante e não retroceder. É verdade que por muitos anos temos preparado, mas estamos ficando para trás e o diabo está ocupando nossos postos. Aqui estão irmãos do norte da África e do Oriente Médio. Perguntei ao irmão Carlos se ele poderia dar-me notícias sobre as “sete igrejas da Ásia”, ele respondeu: *“Há somente um grupinho escondido em algum lugar”*. E não disse mais nada.

São 57 milhões de pessoas que vivem na Turquia, onde a Igreja era muito forte nos primeiros séculos de nossa era. No norte da África, o cristianismo permaneceu até o século VII. Onde está a Igreja agora? Está se preparando, sempre se preparando. Ela tem seus grandes seminários, reuniões, concentrações e tantas outras coisas. Mas até quando? Não sou contra nenhuma dessas atividades, pois eu mesmo muitas vezes participo delas; mas irmãos, precisamos e temos de avançar. Enquanto nos preparamos e continuamos nos preparando, o diabo ganha terreno.

Precisamos colocar um ponto final nisto. O Senhor trouxe

um pequeno número de irmãos e esta Consulta. Que a obra que realizarmos possa chegar até os confins da terra!

Precisamos obter conclusões objetivas e práticas nestas reuniões; porque alguém já disse que, quando Deus quer fazer uma grande obra, Ele chama um homem e a executa, mas quando os homens querem fazer uma grande obra, eles organizam um magnífico encontro e conversam, conversam a lugar algum.

Deus chamou ao “CLAME 90” umas poucas pessoas e a elas está confiando uma enorme responsabilidade. Que possamos abraçá-la em Nome de Jesus! Que Deus os abençoe.

2

O Segredo de Cristo

Samuel Wilson

Estarei lendo um texto na versão popular, pois como a Palavra se deu na linguagem do povo, prefiro utilizar também esta linguagem. Em Efésios 2.11-15, o apóstolo Paulo recorda algo aos crentes daquela cidade: “Vocês não são judeus, e por isso são chamados incircuncidados, pelos judeus, que fazem em seus corpos. Lembrem-se do que vocês eram no passado. Naquele tempo vocês estavam separados de Cristo. Eram estrangeiros, e não pertenciam ao povo escolhido de Deus. Não tomavam parte nos seus acordos, que eram baseados nas promessas de Deus ao seu povo. Vocês viviam neste mundo sem esperança e sem Deus! Mas agora, unidos a Jesus Cristo, vocês, que estavam longe de Deus, foram trazidos para perto dele, pela morte de Cristo na cruz. Porque o próprio Cristo nos trouxe a paz, fazendo dos judeus e dos não-judeus um só povo. Por meio do sacrifício do seu corpo ele desfez a inimizade que os

separava como se fosse um muro. Ele aboliu a Lei dos judeus, os seus mandamentos e regulamentos, e dos dois povos formou um só povo, novo e unido a ele. E assim fez a paz.”

Indo ao capítulo 3, Paulo escreve à Igreja dizendo que os crentes haveriam de entender a razão de sua vida, mas, nos versículos 4-6, disse:

“e se vocês lerem o que escrevi, poderão saber como entendo o segredo de Cristo. No passado este segredo não foi mostrado aos homens, mas agora Deus o revelou pelo seu Espírito aos seus santos apóstolos e profetas. O segredo é este: por meio do Evangelho os não-judeus têm parte com os judeus nas bênçãos divinas. Eles não são membros do mesmo corpo, e participam da promessa que deus fez por meio de Jesus Cristo.”

No versículo 7, Paulo diz que não merece isto; e mais abaixo, no versículo 10, explica: “E foi assim, para que agora, por meio da Igreja, as autoridades e os poderes angélicos do mundo celestial conheçam a sabedoria de Deus em todas as suas formas.”

A perspectiva do Reino

Sempre que me aproximo da carta aos Efésios, fico admirado pela grandeza da exposição teológica com que se inicia. Normalmente, interpretamos este texto aplicando a nós mesmos como indivíduos. Eu diria que essa palavra, no entanto, não se refere tanto às bênçãos dadas a nós de forma individual, mas que o Senhor deu pensando nos povos.

O primeiro capítulo começa falando de “nós”? E a quem ele chama de “vós” ou “vocês”. A quem se refere a palavra “nós”? E a quem ele chama de “vocês”? O mesmo apóstolo deixou claro quando fala de “judeus” e de “não-judeus”.

A bênção dos gentios, como nos diz, vem até nós. Embora estivéssemos sem pacto, sem esperança, sem base, sem passaporte, sem permissão, o Senhor derrubou a parede de separação e abriu de uma vez para sempre a entrada à presença de Deus, não obstante nossos antepassados.

Isto me traz muita alegria, porque não importa que eu seja irlandês; posso também vir ao Senhor. Não interessa que se trate dos koma, uma das tribos muçulmanas da Albânia que já caminhou até a Turquia e que agora anda vagando pela Macedônia. Não há mais uma parede; o Senhor a destruiu!

O segredo é a perspectiva do Reino: o que Deus está fazendo por meio de Jesus. O significado da história da humanidade é que Deus vai sujeitar tudo a Cristo. O reino permanecerá, e a esse Reino todos são convidados.

Às vezes somos tentados a castigar um pouco os missionários anglo-saxões. O que eu tenho ensinado é que o que muitos têm aprendido sobre o Evangelho de Cristo é demasiado militar. Temos aprendido a ser ótimos guardiões ao proteger um território. Dizem-nos quais são os distintivos e nós sabemos defendê-los bem. Isto me recorda um gueto. Se vocês forem a um gueto de qualquer cidade, certamente encontrarão demarcações de grafiteiros. Mas o que muitos não sabem é que esses grafites são demarcações de fronteiras. Quando alguém chega ao conhecer a vida dos que estão no gueto, vê que é muito restrita. Muitos jovens circulam somente entre três e, quando muito, quatro quarteirões. Desconhecem a cidade, não saem de seu lugar demarcado com grafite. Suas vidas estão limitadas. E quanto à nossa vida? Também está “guetizada”, se me permitem usar esta expressão.

Eu também, como muitos outros, já falei: *“Vamos traçar*

uma linha para que possamos distinguir entre um e outro". Sempre sabemos distinguir melhor os que estão perto de nós. Não é verdade? Mesmo quando fazemos uma distinção sutil, ainda assim estaremos fazendo uma separação. Irmãos, o caráter do Evangelho do nosso Senhor Jesus Cristo tem uma perspectiva de Reino que nos une em Cristo e derruba as paredes. O caráter do Evangelho é destruir barreiras, derrubar cercas e aplinar o caminho da salvação. O segredo de Cristo é que este Reino revela-se através de sua Igreja.

As dimensões do amor de Cristo

Avançando um pouco, em 3.14-21, o apóstolo Paulo ora pela Igreja. E que oração maravilhosa! Não tenho tempo para uma explanação sobre ela, porém recordemos o que essa oração diz: que podemos ser cheios do Espírito Santo de um modo tal que, fortificados em nosso homem interior, arraigados e fundamentados, conheçamos o amor de Cristo.

Eu me pergunto porque o apóstolo Paulo começa introduzindo a oração com as palavras *"por esta causa"*. Fico pensando sobre o motivo dessa ênfase. Em minha garagem, tenho um enorme martelo, mas, quando preciso fixar um tapete em algum lugar usando tachinhas, preciso apenas de um martelinho. Eu me pergunto: Já que a Igreja tem a possibilidade de ser cheia do Espírito, crescendo ao compreender o amor de Cristo, por que, então, o apóstolo Paulo ora por isso em favor dos Efésios?

Freqüentemente encontro uma explicação deficiente: *"Para que eles não desanimassem por ele estar preso"*. O que você acha?

O apóstolo despediu-se dizendo que esta seria a última vez que os veria. Nessa hora, ele já se encontrava na

prisão e suas palavras já estavam sendo cumpridas. Porque, então, eles desanimaram? Será que eu preciso ser cheio do Espírito, arraigado e fundamentado, conhecer a grandeza do amor de Cristo, somente porque o apóstolo que me visitou um dia agora está na prisão? Qual era a razão pela qual precisavam compreender um amor assim? A razão está no segredo do Evangelho, que diz uma vez experimentada a reconciliação com Cristo, a Igreja mostrando seu caráter de Reino generosamente, passa a ser conhecida não somente pelos que não sabem sobre Cristo, mas também pelas autoridades e potestades do ar.

Comprimento, largura, altura, profundidade

Preparei para vocês uma tarefa: um pequeno exercício. Se já experimentaram um pouco da plenitude de Cristo, a oração do Apóstolo Paulo nos diz que devemos conhecer as dimensões do amor de Cristo. Se puderem, peguem uma folha e desenhem 4 colunas: uma onde esteja escrito “largura”, outra “comprimento”, a terceira “profundidade” e a última “altura”. Se na verdade nos lembramos de que éramos separados, sem aliança e sem promessa, mas agora experimentamos o amor de Cristo, então vamos descrevê-lo! Quanto tem de largura o amor de Cristo? E de comprimento? Até onde vai sua profundidade? Vocês podem me dizer qual é a altura do amor de Cristo? Darei uns instantes para que façam este exercício. Para estimulá-los, quero dizer que já o fiz; afinal eu nunca dou uma tarefa a meus alunos que eu não tenha feito antes. Falando figuradamente: Quanto de largura tem o amor de Cristo? É da largura do Saara? Quanto de comprimento tem o amor de Cristo? É do comprimento da sombra do inverno? Quão profundo é

esse amor? Mais profundo que o mar? Qual sua altura? É mais alto que as nuvens?

Falemos das paredes eclesiásticas. Spurgeon disse: “*Onde começa a aplicação, ali começa o sermão!*” Aqui começa o sermão! Aqui começa o sermão! Qual a largura do amor de Cristo em relação às paredes eclesiásticas? É mais largo do que qualquer espírito sectarista ou do que nossas medidas doutrinadas? É mais comprido do que qualquer apego a um distintivo? É mais profundo do que os segredos doutrinários mais escondidos que possuímos? É mais alto do que nossa jactância e nosso provincianismo? Qual é a largura do amor de Cristo em relação às pessoas? É muito mais largo que a variedade de pessoas que conhecemos? Qual é o comprimento? É maior que a história das civilizações hindu e chinesa, que remontam a mais de cinco mil anos atrás? É mais profundo que os segredos mais íntimos de qualquer cultura? E de altura? É mais alto que qualquer altivez e jactância nacionalista? E quanto a nossos pecados? O amor de Cristo é maior que qualquer divagação ou desvio nosso, maior do que a teimosia de qualquer pecador? É mais profundo que o nível para onde tenha caído um reprovado? É mais alto que o orgulho humano, e pode até assemelhar-se ao de Lúcifer, que afirmou: “*levantarei, e serei como o mais alto*”. O amor de Cristo é mais largo que nossas anormalidades físicas, mais comprido que uma esquizofrenia, mais profundo que a mais completa neurose, mais alto que a fantasia e a megalomania humana.

Mas qual é a aplicação hoje para nós? O capítulo quatro da carta aos Efésios é uma catedral teológica incrível, ele está cheio de conceitos práticos. A perspectiva de Reino focaliza esta epístola em Cristo que é o cabeça de tudo, dando caráter de unidade à Igreja, derrubando as

paredes, reconciliando e fazendo a paz. Esse Cristo que enche nosso coração, revela por meio da Igreja, em nossas relações interpessoais, aquilo que é o amor reconciliador de Cristo. Assim vamos ao capítulo 6, onde Paulo diz: “...*não estamos lutando contra seres humanos, mas contra forças espirituais que vivem no mundo celestial...*” Essas mesmas autoridades também conhecem o amor reconciliador de Cristo.

Irmãos, estamos diante do desafio do mundo muçulmano, quem sabe nove diferentes. Isso porque não só nos referimos aos árabes, mas também aos que estão na África Ocidental, no Sudeste da Ásia, na Ásia Central Soviética, na Indonésia e aos espalhados pelo mundo. A maneira como podemos responder a tão grande desafio, com nossos escassos recursos, será somente aprendendo a nos arraigarmos no amor de Cristo de tal maneira que compreendamos Sua dimensão, que ultrapassa qualquer tipo de descrição que pudéssemos mencionar.

Conclusão

Existem duas ilustrações que quero compartilhar. Ainda que um homem atire uma flecha com seu arco – por mais veloz que seja – conseguindo alcançar o alvo mais afastado, não poderá comparar-se com o amor de Cristo, que chega muito além.

Existem no oeste dos Estados Unidos árvores imensas chamadas “sequóias”. Visitei a pouco tempo o parque Yosemite. Perto dali, há um bosque com essas árvores altíssimas. Uma delas era tão grande que foi feita uma abertura para que passassem os automóveis; assim, ela ficou firme durante anos. Mas agora foi derrubada. Por quê? Por falta de raiz.

Outra figura que utilizamos aqui é a figura de uma

pista. Quantas histórias românticas escutamos na nossa mocidade? Os *cowboys* quando buscavam um fugitivo, perdiam a pista e ficavam todos confusos. Logo aparecia um índio dizendo: *“Por aqui passaram dois cavalos há mais ou menos três horas, e foram para lá”*. Era um índio que sabia encontrar um rastro. O amor de Cristo, como diz a Escritura, ultrapassa a pista de qualquer um. Fortificado pelo Espírito, busque você seguir o rastro do amor de Cristo, por mais que o Senhor derrame o seu poder, você vai perdê-lo de vista, porque ele sempre vai além.

O caráter do Reino é um caráter de paz reconciliadora. As autoridades espirituais vão conhecer os segredos de Cristo através de nossos relacionamentos dentro da Igreja. Por isso é que na última parte da carta de Efésios Paulo fala da família, da vocação e dos negócios.

O tempo tem passado, mas a mensagem ainda é a mesma. Por que será que somos melhores para construir cercas e levantar paredes do que, por meio do Evangelho, derrubá-las? Em uma de suas obras, um poeta norte-americano fala da primavera. Era costume na Nova Inglaterra colocar pedra como cerca entre os campos. Toda primavera um vizinho do poeta vinha reconstruir aquilo que no inverno tinha sido destruído. O poeta fala que, enquanto cada um trabalhava do seu lado da cerca o poeta repetia uma liturgia: *“Boas cercas bons vizinhos, boas cercas bons vizinhos”*. O poeta se perguntava: *“Por quê? Porque eu tenho uma macieira e ele uma pinha? Será que minhas macieiras vão atravessar a cerca para comer seus pinhos?”* Por que uma parede? Se eu construísse uma cerca algum dia eu me perguntaria o que estou colocando fora da minha cerca e o que estou guardando dentro dela.

O desafio que temos diante de nós para o futuro do mundo latino e da Anglo-Saxônia em relação ao desafio do mundo muçulmano é encontrar o caráter do Reino, animar uns aos outros e revelar às potestades e às autoridades quais são as dimensões verdadeiras do amor de Jesus.

Por isso digo com toda força o que Paulo rogou aos efésios: “Sim, que vocês venham a conhecer o seu amor, ainda que ele não possa ser completamente conhecido, para que assim fiquem repletos do próprio Deus” (Ef 3.19). Deus os abençoe.

3

Missões: Um Trabalho Em Equipe

Abel Morales

Um dos maiores problemas que temos enfrentado na obra missionária através dos anos tem sido o fato de que as várias agências missionárias, denominações ou grupos de trabalho estão querendo fazer a tarefa individualmente ou, em vez de trabalho em equipes para concretizar as grandes metas da evangelização a fim de alcançar os povos não alcançados. Em diversos casos, as diferentes metodologias e as estratégias têm resultado num avançar muito lento, às vezes até detendo a obra missionária. Em várias regiões do mundo (vamos tomar como exemplo os países do norte da África), a Igreja desapareceu por causa das muitas divisões que sofreu ao longo de sua história.

Mas as diferenças que existem na tarefa de missões não é algo novo, pois desde a origem da Igreja Neo-testamentária elas já haviam aparecido.

Estudaremos o caso da Igreja de Corinto. Vamos ler 1 Coríntios 1.11-15:

“Meus irmãos, algumas pessoas da família de Cloé me contaram que há brigas entre vocês. O que eu quero dizer é que cada um de vocês diz coisa diferente. Um diz: Eu sou de Paulo, outro, eu sou de Apolo, outro, eu sou de Pedro, e ainda outros, eu sou de Cristo. Por acaso Cristo foi dividido em várias parte? Foi Paulo crucificado por vocês? Será que vocês foram batizados em nome de Paulo? Graças a Deus que não batizei nenhum de vocês a não ser Crispo e Gaio. Assim, ninguém pode dizer que vocês foram batizados em meu nome”.

Mais adiante, em 3.4-9, Paulo diz:

“Quando alguém diz: Eu sou de Paulo, e outro eu sou de Apolo, será que assim não estão agindo como pessoas deste mundo? Afinal de contas, quem é Apolo? E quem é Paulo? Somos somente servidores de Deus, e foi por meio de nós que vocês que creram no Senhor. Cada um de nós faz o trabalho que o Senhor deu para fazer: eu plantei, e Apolo regou a planta, mas foi Deus quem a fez crescer. De modo que nem o que planta, nem o que rega tem importância, mas sim Deus, que dá o crescimento. Pois não há diferença entre o que planta e o que rega. Deus dará a recompensa de acordo com o trabalho que cada um fizer. Porque nós somos companheiros que trabalhamos juntos para Deus e vocês são o terreno onde Deus faz o seu trabalho. Vocês são também o edifício de Deus.

Descobrimos que nessa Igreja havia quatro denominações: a de Paulo, a de Pedro, a dos apóstolos e a de Cristo. Então, o que Paulo poderia sugerir à Igreja que ia nascer? Como poderíamos aplicar isso à Igreja de hoje?

Um chamado para servir

Em primeiro lugar, o apóstolo define a posição que cada um deve ter dentro da estratégia missionária: ser um servo. Este conceito influi nossas atitudes pessoais ou em grupo a respeito da grande tarefa: de, estando dispostos a

acatar a ordem do Senhor, ir ao lugar onde Ele nos chama para Seu serviço, em Seu tempo e quando requerido, animados pela força do Espírito Santo. A chave é a auto-definição de Paulo: ser servidores, um meio eficaz pelo qual muitos ou poucos – segundo o Senhor nos faça oportuno – sejam alcançados.

É importante determinar o ministério que cada um irá desempenhar, considerando as implicações que esse serviço traz. Com frequência supomos que para poder participar de qualquer obra missionária com eficácia, precisamos preencher o primeiro requisito: ter um lugar correspondente ao esforço ou ao papel principal. Então é necessário uma boa dose de discernimento espiritual para fixar quem será o diretor que estará à frente da agência missionária encarregada do projeto, entre outros aspectos. Caso contrário, não faremos a tarefa como convém e esqueceremos o chamado de Paulo para sermos discípulos.

Um chamado à humildade

Em segundo lugar, Paulo chama a atenção para o reconhecimento de que todo nosso trabalho, êxito e vitórias vêm somente de Deus. O apóstolo afirma humildemente que ele plantou e Apolo regou, mas definitivamente foi o Senhor que deu o crescimento. Que lição para nós! Como precisamos pensar dessa maneira!

Mesmo com nossas limitações, problemas e erros poderíamos iniciar uma obra pioneira, plantar uma igreja ou abrir um centro de atividades missionária, e logo outros daria continuidade. Mas por que este trabalho iria prosperar? Por que ele poderia dar vários frutos? O que faz a semente imperfeitamente semeada transformar-se em uma frondosa árvore? É porque o Senhor única e

exclusivamente alegre-Se em dar crescimento. Que grande verdade é esta!

Paulo conclui colocando-nos em nosso lugar, quando diz: “...*nem o que planta, nem o que rega tem importância, mas sim Deus, que dá o crescimento*”. Este é um ponto muito forte que demoramos para entender e, sobretudo, praticar. Irmãos, que o Senhor nos ajude a sermos humildes em Sua obra, porque, como já aconteceu inúmeras vezes, a obra missionária pode ser detida por um desejo de glória ou exaltação de brilho pessoal.

Um chamado para a unidade

No terceiro e último chamado de Paulo, em 3.8-9, ele se refere à unidade. O apóstolo sugere que os trabalhadores humildes no campo missionário devem ser a mesma coisa, ter o mesmo propósito e aspirar aos mesmos alvos. Esta é outra verdade aplicável tanto aos crente de ontem como aos de hoje.

A grande comissão foi dada a todos os cristãos, e não a um grupo de agências particulares. Assim que, conscientes da missão que foi dada ao Corpo de Cristo de ir e fazer discípulos, e trabalhando debaixo de normas de cooperação, sem dúvida alguma, cada um terá a sua recompensa. Podemos notar, através da história, que muitas Igrejas receberam grandes bênçãos devido à sua participação ativa na obra de missões. Nestes dias temos diante de nós um grande desafio de levar o Evangelho a certos países; portanto, trabalhemos em unidade de propósitos, e cada um será recompensado por tomar para si próprio este desafio.

O apóstolo Paulo termina dizendo: “Somos cooperadores (companheiros) de Deus”. Imaginem, irmãos, que grande privilégio! Você e eu, que com tantos defeitos, problemas

e infidelidades no serviço, podemos ser chamados de cooperadores de Deus? Isso é um privilégio, mas também uma grande responsabilidade.

Conclusão

Finalmente, nos versículos 10-11 Paulo escreve:

“Usando o dom que Deus me deu, faço o trabalho e construtor competente. Ponho o alicerce, e outro constrói sobre ele. Porque Deus já pôs Jesus Cristo como o único alicerce, e nenhum outro pode ser colocado”.

Aqui o apóstolo nos anima a observar qual será o fundamento no qual construiremos o edifício missionário. É claro que surgirão diferentes métodos de edificação, mas o fundamento jamais poderá ser mudado: Jesus Cristo, fundador, motivador e o próprio objetivo das missões. Então, nossa tarefa, é pregar este fundamento, Jesus Cristo como único e suficiente Salvador para que Ele seja conhecido aqui, agora e sempre, até que volte outra vez.

4

Esperança contra esperança

Eliseu Escobar

Gostaria que vocês abrissem suas Bíblias em Romanos 4.16-21. Esta passagem tem sido uma grande inspiração na minha vida. “Essa é a razão porque provém da fé, para que seja segundo a graça, a fim de que seja firme a promessa para toda a descendência, não somente ao que está no regime da lei, mas também ao que é da fé que teve Abraão (porque Abraão é pai de todos nós, como está escrito: Por pai de muitas nações te constituí), perante aquele no qual creu, o Deus que vivifica os mortos e chama à existência as cousas que não existem. Abraão, esperando contra a esperança, creu, para vir a ser pai de muitas nações, segundo lhe fora dito: Assim será a tua descendência. E, sem enfraquecer na fé, embora levasse em conta do seu próprio corpo amortecido, sendo já de cem anos, e a idade avançada de Sara, não duvidou da promessa de Deus, por incredulidade; mas, pela fé, se fortaleceu, dando glória a

Deus, estando plenamente convicto de que ele era poderoso para cumprir o que prometera”.

Uma obra de fé

Eu sei que a obra do Projeto Magreb de alcançar o mundo muçulmano é uma obra de fé, completamente de fé.

Estando aqui, pude perceber coisas maravilhosas, como o fato de que todos os que estamos aqui viemos por fé; isto quer dizer muita coisa. Dou graças a Deus por isso.

Alcançar o mundo muçulmano é uma obra de fé.

Preste atenção nesta passagem que lemos no versículo 17. Deus diz a Abrão: “Pai de muitas nações te constituí”. Em Gênesis 17.1-8, lemos: “Quando atingiu Abrão a idade de 99 anos, apareceu-lhe o Senhor, e disse-lhe: Eu sou o Deus todo-poderoso: anda na minha presença, e sê perfeito. Farei uma aliança entre mim e ti, e te multiplicarei extraordinariamente. Prostrou-se Abrão, o rosto em terra, e deus lhe falou: Quanto a mim, será contigo a minha aliança; serás pai de numerosas nações. Abrão já não será o teu nome, e , sim, Abraão; porque por pai de numerosas nações te constituí. Far-te-ei fecundo extraordinariamente, de ti farei nações, e reis procederão de ti. Estabelecerei a minha aliança entre mim e ti e a tua descendência no decurso das suas gerações, aliança perpétua, para ser o teu Deus, e da tua descendência. Dar-te-ei e à tua descendência a terra das tuas peregrinações, toda a terra de Canaã, em possessão perpétua e serei o teu Deus”. É esta passagem que Paulo tinha em mente: “Por pai de muitas nações te constituí”. Nesta promessa Abraão tinha que crer firmemente, e vemos que ele assim o fez.

No versículo 18 lemos: *“Ele creu em esperança contra*

esperança”, Deus mudou o nome de Abrão para Abraão e de Sarai para Sara; isso nos ensina muita coisa.

Sabemos que alguns dos irmãos que estão indo ao mundo muçulmano precisam mudar seus nomes por razões de segurança. Eu estava pensando nesta noite que as irmãs que mudam o seu nome serão mães de reis e nações, espiritualmente falando. Os homens que mudam o seu nome serão pais espirituais de muitas pessoas. Eu creio que Deus nos tem dado nas terras islâmicas muitas e muitas pessoas e, pela fé, dizemos que já pertencem ao Reino de Cristo.

Temos de acreditar na *esperança contra a esperança*. O que isto quer dizer? Bom, que é preciso acreditar mesmo quando já não há esperança. Aos olhos humanos há muitas coisas que não funcionam, pode ser problemas ou enfermidades, mas apesar de tudo é preciso crer: a *esperança contra esperança*. Mesmo quando um médico diz: “*Não há mais esperança para esse enfermo*”, ao invés de amedrontar-se, deve-se dizer: “*Louvado seja o nome de Deus porque agora começaremos a vê-lo!*”

Deus opera poderosamente quando a pessoa age com fé. Abraão creu esperando contra a esperança, para poder chegar a ser o pai de muitas nações e apropriar-se da promessa que lhe foi dada.

Também podemos observar em Gênesis 15 a história na qual Deus afirma a Abraão: “*Teu galardão será sobremodo grande*”, mas ele pergunta: “*Senhor Deus que me haverás de dar, se continuo sem filhos?*” Então Deus o levou para fora e lhe disse: “*Olha para os céus e conta as estrelas, se é que podes.*”

Eu sou de uma família de nove irmãos. Quando éramos pequenos brigávamos uns com os outros, nosso pai no

disciplinava dizendo: *“Venham aqui imediatamente, comecem a contar as estrelas. Vocês contem daqui para lá e vocês contem de lá para cá”*. Era um castigo bem feito, porque não se podia contar nada, de modo que todos saíamos chorando. Mas Deus falou a Abraão: *“Assim será a tua descendência.”* E este homem, diz na Bíblia, creu nessa grande promessa.

Em Romanos 4.19 e 20 lemos: “E, sem enfraquecer na fé, embora levasse em conta o seu próprio corpo amortecido, sendo já de cem anos, e a idade avançada de Sara, não duvidou da promessa de Deus, por incredulidade; mas pela fé, se fortaleceu, dando glória a Deus”.

Mas, o que aconteceu? Sara te um filho. Não enfraqueceu na fé ao considerar as impossibilidades evidentes.

A primeira coisa que nós fazemos, quando vemos tudo nebuloso e com imensas dificuldades, é desanimarmo-nos; foi exatamente por isso que Deus nos deu promessas; e devemos confiar completamente naquilo que Ele falou.

Fortalecidos na fé

O versículo 20 diz: *“Não duvidou da promessa de Deus, por incredulidade, mas, pela fé, se fortaleceu”*. As promessas de Deus são nossos recursos. O livro “O segredo espiritual de Hudson Taylor” conta que quando ele saiu como missionário para a China, levava como recurso somente 66 livros e as promessas de Deus, e, com elas ele chegou ao campo missionário. Não levava promessas que seriam cumpridas mais tarde ou compromissos de envio de dinheiro. Ele foi somente com as promessas da Bíblia e é nelas que devemos confiar. Abraão *“não duvidou da promessa, por incredulidade”*. Foi Deus que prometeu. Quantas promessas existem para

nós na Bíblia! Às vezes ficamos amedrontados porque não confiamos completamente na Bíblia. Jesus disse: *“Pedi e dar-se-vos-á, buscai e achareis, batei e abrir-se-vos-á”*. É preciso que confiemos naquilo que Deus nos tem falado.

O Deus dos impossíveis

O versículo 21 fala: “estando plenamente convicto de que ele era poderoso para cumprir o que prometera”. Este é um assunto muito importante. Gênesis 18.14 diz: “Acaso para Deus há coisa demasiadamente difícil?” Havia uma razão para que Abraão estivesse tão plenamente convencido: Ele escutou alguém falar, não era qualquer pessoa, era o próprio Deus quem havia falado: “Há alguma coisa impossível para mim?” Quando Jeremias estava orando (Jeremias 32.17) disse: “Ah! Senhor Deus! eis que fizeste os céus e a terra com teu grande poder e com teu braço estendido; cousa alguma te é demasiadamente maravilhosa”. No capítulo 33 versículo 3, o profeta afirma: “Invoca-me, e te responderei; anunciar-te-ei cousas grandes e ocultas, que não sabes”. De modo que devemos nos apropriar das muitas cousas poderosas que Ele pode fazer. Este versículo nos anima a confiar plenamente. Porque Ele é o Deus dos impossíveis; faz coisas impossíveis, faz cair muralhas e barreiras a fim de que o filho de Deus se deleite em experimentar o poder do seu Pai.

Abraão estava completamente convencido porque conhecia a um Deus todo poderoso para cumprir tudo o que ele havia prometido.

Derrubando as muralhas

Estamos com um trabalho imensamente grande, tanto

aqueles que estão na linha de frente como aqueles que estão aqui apoiando seus ministérios. Precisamos saber que Deus é todo poderoso e vai fazer as barreiras e as muralhas caírem. Em II Coríntios 10.4 lemos: *“As armas de nossa milícia não são carnis, e, sim, poderosas em Deus para destruir fortalezas.”*

Partindo desta declaração, gostaria de propor-lhes que, quando regressarmos a nossos países, formemos redes de oração. Que cada um de nós leve este compromisso e que convidemos os irmãos e os pastores a realizar esta tarefa conosco.

Vamos dizer-lhes que todas as barreiras cairão pela oração. Temos de fazê-lo! Tenho certeza de que se o fizermos, em poucos anos, ouviremos que as muralhas do mundo muçulmano caíram. Você acredita? Veja o que aconteceu na Europa Oriental. Como caíram as barreiras! O muro de Berlim da noite para o dia caiu por terra! Isto surpreendeu até os grandes políticos. De repente começaram a bater com toda a força com um martelo contra o muro até que ele caiu. Hoje todos aplaudem e gritam: *“Viva Gorbachev! Viva Perestroika!”*

Sabem por que aquele muro caiu? Porque a Igreja de todo o mundo estava orando. Eu também estive orando quando começamos a fazê-lo dezoito anos atrás, alguns diziam: *“Isso é loucura! Que ingênuos são esses crentes pedindo uma coisa semelhante a esta!”*

Mas orávamos porque havíamos lido o livro: *“Torturado por Amor a Cristo”* e o que estava relatado até me fez chorar. Era difícil, mas era preciso orar. Em suas páginas, o irmão Richard Wumbrand escreveu que tinha esperança de que um dia tudo isto terminasse e pedia para que a Igreja do Ocidente orasse pela sua situação.

Outro fator que contribuiu para a derrubada dessa muralha, além da oração, foi a Palavra de Deus, viva e eficaz. Um dos nossos obreiros bivocacionais ficou sem trabalho e agora está tentando introduzir Bíblias no mundo muçulmano. Eu estou aplaudindo isto. As barreiras caíndo! Graças a Deus pela sua Palavra e por esse irmão que ficou desempregado! Eu espero que outros também fiquem sem trabalho quando, um dia, ouvirmos o sultão, o califa e o rei dizer que as portas se abriram e todos, com ou sem educação, com ou sem instrução – que podem entrar nos países árabes e dar o seu testemunho da graça de Jesus Cristo.

Então o Senhor começará a descer do céu porque Ele disse: “Será pregado este evangelho do reino por todo mundo, para testemunho a todas as nações. Então virá o fim.” (Mateus 24.14).

Precisamos ter cuidado, se quisermos que o Senhor venha, devemos orar muito, mas também devemos ir. A não ser que, por alguma razão, queiramos que Ele demore.

Conclusão

O Senhor voltará logo e por isso precisamos orar. Talvez quando eu orava, estivesse como alguém que não sabia que Deus pode operar poderosamente, pois jamais pensei que essas barreiras pudessem cair. Oremos! Façamos redes de oração e intercessão.

Durante estes dias, conversei com pastores e propus que formássemos uma rede de oração em favor do mundo muçulmano. Um deles responder muito entusiasmado que deseja experimentar minha idéia aqui.

Façamos o mesmo ao regressar a nossos países; em pouco

tempo poderemos dizer: Glória a Deus, caíram as barreiras para a honra e glória de nosso Senhor.

A IGREJA

5

A Igreja na América Latina

Edson Queiróz

Em Mateus 16.18 a Palavra diz: “Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela.” Jesus disse: “Edificarei a minha igreja.” A única organização que Jesus deixou na terra para continuar sua obra é a Igreja. Não é o Comibam nem “Missões Mundiais” nem o Projeto Magreb nem a Fedemec, mas sim a Igreja. Irmãos, se quisermos que a obra de Deus cresça segundo Sua vontade, temos de começar a partir da Igreja.

Estou muito contente pelo que Deus está fazendo na América Latina, porque eu acredito que as missões estão saindo da igreja local e não simplesmente de alguma organização missionária. Ao mesmo tempo é muito importante que as organizações missionárias latino-americanas tenham uma visão muito clara de que é

a igreja que tem a responsabilidade de levar adiante a obra de Deus.

Possibilidades espirituais

Quando pensamos em alcançar os muçulmanos com o Evangelho, precisamos considerar as possibilidades com as quais a Igreja pode contar: Primeiramente, na América Latina temos possibilidades espirituais. Está acontecendo uma espécie de avivamento, ainda que, talvez, esta palavra soe mal aos ouvidos de alguns. Porque existem aqueles que pensam que o avivamento é uma campanha evangelística, outros pensam que consiste em tornar-se pentecostal. Mas, irmãos, eu penso que isto é muito sério. Quando olhamos a história dos avivamentos vemos que sempre acontecem coisas diferentes. O que Deus está produzindo agora na América Latina faz com que a Igreja seja bíblica e cresça.

Em segundo lugar, existe um despertar missionário. É algo incrível. Alguns dizem: “Olhem a América Latina fazendo missões! É a última moda!” Irmãos, não se trata de moda. Em alguns lugares podemos ver uma onda, mas podemos sentir que o Espírito de Deus é quem está impulsionando as igrejas de uma forma muito especial ao encontra das missões.

Por outro lado existe maturidade. A Igreja na América Latina já alcançou um certo grau de maturidade que a capacita a assumir responsabilidades. Ainda hoje existem muitas pessoas olhando a Igreja na América Latina como uma criancinha, à qual é preciso trocar as fraldas. Evidentemente que em algumas igrejas é preciso fazer isso! A Igreja Latino Americana está em condições de cumprir sua função missionária!

Um outro aspecto a ser considerado é a oração para

enfrentar a batalha espiritual. Na América Latina existem muitas forças espirituais da maldade que estão atuando. Isto me faz lembrar uma experiência muito forte que tive há algum tempo. Estava num seminário e um professor pediu-me que falasse algo sobre o espiritismo no Brasil. Comecei a falar de modo natural e os pobres jovens perguntaram-me amedrontados:

- Demônios?

- Sim, demônios!

- Mas, neste seminário fomos ensinados que não existem demônios! E eu lhes respondi:

- Vamos ao Brasil para ver se eles existem ou não! Atualmente no meu país até as igrejas mais geladas estão expulsando demônios. Isto é tremendo! A Igreja Brasileira, como a do resto da América Latina, está aprendendo que a obra missionária é uma batalha espiritual muito forte. Por isso que há um tremendo potencial quando realmente oramos.

Recursos Humanos

Também temos recursos humanos. Em primeiro lugar, existem pessoas desejosas de ir. Muitas pessoas na América Latina querem ir ao campo missionário e só não estão indo por falta de recursos.

O latino tem a seu favor o fato de ser muito flexível e isto é tremendamente útil no campo missionário. Posso dizer por experiência própria, já que num certo sentido sou receptor de missionários. Quando o missionário é flexível, o avanço da obra é muito mais forte.

Também existem muitas semelhanças no modo de vida latino-americano e muçulmano. Eu não conheço muito

do mundo muçulmano, mas pelo que me falaram do norte da África, e por aquilo que sei das coisas que acontecem no nordeste do Brasil, vejo que há semelhanças incríveis! Até na comida, há semelhanças, já que o Brasil foi colonizado por escravos negros que foram trazidos pelos portugueses. Até o clima em algumas partes da América Latina é muito semelhante ao de algumas partes do mundo muçulmano. Creio que são recursos que temos e que devem ser exploradas no que tange ao envio de missionários para o campo.

Possibilidades financeiras

Podemos agregar as possibilidades financeiras com que contamos. Várias pessoas dizem: *“Vejam como somos tão pobres, não temos nada!”* Ora, nós temos um Deus que é o dono do ouro e da prata!

Cheguei a uma conclusão: As pessoas na América Latina tem desejo de contribuir com missões. O problema é que não existem desafios suficientes. É verdade que temos algumas dificuldades, mas deixem-me dar-lhes dois exemplos. O primeiro foi em uma igreja em El Salvador, um país pequeno, paupérrimo e que está atravessando uma guerra civil há anos. Estive pregando ali no ano passado e lembro-me que minutos antes de chegarmos à igreja, duas bombas explodiram debaixo de um poste de luz, fazendo com que a energia fosse cortada. Eles disseram: *“Veja, Edson, estamos recebendo-o com festa!”* O que é pior, enquanto eu pregava, ouvia-se o tiroteio: ta, ta, ta, ta, os helicópteros no céu e nós embaixo falando de missões... Que loucura! Mas que benção de Deus! Bem, irmãos, esta mesma igreja no ano passado levantou uma promessa de fé de 50.000 dólares para missões por ano. Uma igreja em El Salvador, em meio a uma guerra civil e

com uma situação econômica muito difícil. O que nós estamos fazendo nos nossos países?

Outro exemplo é uma igreja no Brasil. Eu não tenho as cifras exatas, mas nossa inflação está por volta de 1.700% ao ano. Quanto será por mês? Talvez 115%. Se você for ao supermercado e olhar o preço de um produto de manhã, na mesma tarde o preço será outro. As pessoas trabalham à noite mudando os preços do que venderão no outro dia. Agora vejam, Igreja Batista Memorial – não é a minha Igreja – localizada na cidade de Santos está sustentando total ou parcialmente sessenta missionários. Quando existem desafios as pessoas respondem.

Outra possibilidade é a união das igrejas para o envio de missionários. Aqui na América Latina está nascendo um modelo muito bonito que é a união das igrejas; pelo fato de que uma igreja sozinha, às vezes, não tem todo o dinheiro para enviar missionários. *Dois* igrejas no Brasil estão sustentando o irmão Marcelo Acosta no seu trabalho missionário entre os muçulmanos. Isto pode se repetir facilmente em qualquer outra parte da América Latina.

As necessidades da Igreja

Além das possibilidades que temos visto, a Igreja tem as suas necessidades. Irmãos, estou trabalhando pessoalmente nisto, porque creio que isto é a coisa mais importante para a Igreja de nossos dias. Aleluia!

Vou contar-lhes rapidamente, como testemunho, um erro que cometi como pastor da igreja; talvez tenha sido por falta de informação, ou de coordenação, ou mesmo de unidade espiritual do povo de Deus. Quando Deus começou a falar o meu coração, comecei a dar o desafio. Falei à igreja: *“O mundo para Cristo, o mundo, todo o*

“mundo!” Sabem o que aconteceu? Um dia chegou uma mocinha e disse-me: *“Pastor, Deus está me chamando para trabalhar com os índios na selva amazônica”*. Enviamos aquela jovem para um curso de treinamento e ela se preparou e logo foi trabalhar com os índios do Brasil. Logo apareceu outro irmão: *“Olha, Deus está me chamando em Portugal.”* Que Deus te abençoe! E ele foi a Portugal. Veio outro e disse: *“Deus está me chamando para o Equador”*. E ele foi ao Equador. Hoje nossa Igreja tem dezessete missionários. Glória a Deus por tudo que está acontecendo!

Mas se você perguntar: “Qual é o plano, qual é o alvo da sua Igreja?” Nós não temos e isso por falta de informação. Depois disto, cheguei a conclusão de que o melhor é que a igreja adote um povo e trabalhe diretamente com ele ou talvez com dois e, desta maneira, a igreja poderá estar concentrando a eles as orações e todos os esforços.

A adoção de povos não alcançados

Para poder adotar um povo, em primeiro lugar, precisamos de informação. Devemos saber tudo a respeito dos povos que queremos adotar, precisamos ter muita informação sobre eles, localização geográfica, como é este lugar, ter possibilidades concretas de chegar até eles, quais são as línguas, como é a sua cultura, entre outras coisas.

A segunda coisa que precisamos é de um treinamento sério. A igreja precisa ser treinada e aqui estou falando da igreja e não dos missionários. Há igrejas que fazem uma tremenda confusão. Dizem: “Vamos, vamos, vamos”; mas não sabem aonde ir, não tem sequer um conselho missionário e muito menos alvos. Como podemos, como igreja local, alcançar um povo não alcançado? Devemos

previamente estar desenvolvendo um trabalho especial para a igreja, pastor, conselho missionário, com o alvo de adotar um povo não alcançado.

Em terceiro lugar, falta coordenação. Para evitar esforços duplicados, necessitamos de um órgão que receba e administre informações sobre os campos não alcançados. Se uma igreja diz: “Vamos alcançar os Sarauis”. Outra igreja dirá: “Bom, então nós iremos à outro povo por que já há alguém trabalhando entre os Sarauis”. Devemos evitar uma duplicação. Claro que sempre haverá necessidade de mais missionários, mas é possível que coordenemos de tal forma, que evitemos uma duplicação de esforços.

Finalmente precisamos do trabalho de agências que ajudem a Igreja local no envio de obreiros. As agências enviadoras precisam ser humildes e entender que são apenas órgãos que auxiliam, e que sua função é ajudar a Igreja a colocar seu missionário no campo. Vocês estão de acordo, irmãos líderes de missões?

Não é dizer: “Bom, minha missão tem 20 missionários.” Mas dizer: “Minha missão está apoiando igrejas no envio de missionários ao campo.”

Conclusão

Então, irmãos, gostaria que pensássemos nisto: que cada igreja adote um povo não alcançado e para isto colocarei à sua disposição os serviços do Comibam.

Estamos nos esforçando para reunir toda a informação recebida no computador para ajudar no processo de coordenação, de tal forma que, se você nos perguntarem sobre um povo não alcançado, nós lhes responderemos qual a igreja que o adotou e que esteja se preparando

para trabalhar com ele, ou mesmo que já tenha enviado obreiros. Este é o tipo de cooperação que devemos ter! Que Deus nos abençoe!

6

A Igreja no Mundo Muçulmano

Victor Hashweh

É um grande privilégio estar com vocês hoje e ver o zelo que existe em seus corações. Precisamos deste fogo que existe dentro de vocês, porque anelamos ver pessoas levantarem suas vidas para servir nos países sob o islã. Muito obrigado por vocês estarem interessados em nós. Espero que nos próximos dias possamos ter um intercâmbio frutífero de idéias. Quero iniciar com a seguinte afirmação: Os muçulmanos são alcançáveis! Vocês acreditam nisso?

A Bíblia diz que se teu inimigo tem fome, dá-lhe de comer, se ele tem sede, dá-lhe de beber. Os muçulmanos hoje em dia tem fome e sede. O islã não é a resposta, Maomé não é a resposta. A resposta é Jesus Cristo, o Filho de Deus, e nós temos as boas notícias para compartilhar. Não falamos de alguma filosofia, mas sim de Jesus Cristo, que é o único Salvador do mundo.

Um pouco da história

Vou restringir meu tema à Igreja no Oriente Médio e no norte da África, considerando que ela existe no mundo árabe desde os dias de Cristo. Apesar de ter passado por dificuldades horríveis durante numerosas civilizações, e muito mais sob o regime do islã, a Igreja de Cristo ainda existe naquela região. Quando surgiu o islã e os cristãos precisaram decidir entre Cristo e Maomé, disseram que Cristo é a resposta e não Maomé. Graças a Deus.

A época das missões nas regiões muçulmanas do globo começou no final do século XIX com a fundação do que se chamou “Missões ao norte da África” e mais tarde se chamou “Trabalhos para o mundo Árabe”. Seu objetivo era o desenvolvimento da tarefa missionária. Durante a Segunda Guerra Mundial verificou-se que apesar desses esforços, havia pouco mais de dez missionários trabalhando no norte da África, sem que nenhuma igreja tivesse sido fundada. A partir daí, até 1970, produziu-se um avanço que deu início a um aumento no número de missionários, especialmente norte-americanos. Observou-se uma abertura maior à Bíblia como consequência da independência de alguns países.

Nas comunidades cristãs já constituídas, houve crescimento espiritual e também a formação de novas Igrejas com células de membros solteiros de vinte a trinta anos. Enquanto isto, a pressão do governo aumentava, provocando a expulsão de um grupo de missionários e obrigando outros a manterem-se no anonimato. Pode-se dizer que hoje em dia a maioria dos dirigentes norte-americanos são dessa época.

Houve um período, entre 1970 e 1980, em que os missionários imigraram de outros lugares, instalando-se como fazedores de tendas, ao mesmo tempo que cresciam

as células de crentes casados. Ao contrário disto, desde 1980 a 1990, observa-se um aumento de interesse pela Bíblia e a sua difusão entre as famílias.

A maioria das reuniões em casas são realizadas nos lares do missionários e existe um grupo considerável de novos crentes com idade avançadas. Certos dirigentes nacionais assumem para se pregar e ensinar; igrejas começam ser fundadas, principalmente na Argélia e Marrocos. Este fato provocou um aumento da pressão do governo, detenções, investigações e prisões.

O panorama atual

Podemos dividir os países árabes em duas regiões: o Oriente Médio e o norte da África que engloba desde o leste da Líbia, Tunísia, Argélia, Marrocos e Mauritània, incluindo o deserto, aonde estão tentando formar uma pequena república. No norte da África não há uma igreja que se reconheça oficialmente como tal, mas somente funcionando de forma subterrânea.

O Oriente Médio

Vamos à região do Oriente Médio, que se divide em duas partes. A primeira engloba o Egito, Jordânia, Iraque, Síria, Líbano, e parte da Palestina e tem uma porcentagem de crentes que se reúne em suas igrejas oriundos de sua própria cultura. Talvez o Egito seja o líder, com um número de cristãos nominais oscilando entre oito e dez milhões de cristãos, cuja tradição cristã remota ao primeiro século.

Na Jordânia, por exemplo, a Igreja Evangélica completou cem anos. Mas antes disto, por exemplo, a Igreja tem testemunhado através das gerações. Nesse país, o número

de crentes alcança 5% de uma população de mais ou menos de 4,5 milhões de habitantes.

Na Síria temos cerca de um milhão de cristãos (quando falo em cristãos, refiro-me também aos nominais). No Iraque, outro milhão. No Líbano, sabe-se que atualmente os cristãos são 50% da população. Esse é o único país do Oriente Médio cujo presidente é cristão. Em países como o Líbano, Egito e Jordânia temos igrejas de todas as denominações, tradicionais e evangélicas, assim como escolas cristãs muito conhecidas, tal como uma escola batista na Jordânia onde estudava a filha do rei.

Encontramos ali universidades cristãos, livrarias cristãs e possibilidade de escutar pregações e cultos pela rádio todos os domingos pela manhã. No governo, um amigo cristão é juiz da Corte Suprema. Também há muitos escritores cristãos conhecidos. Há também gráficas cristãs que imprimem livros cristãos. Assim, nestes países que mencionei, o cristianismo se mantém vivo.

No Iraque, por exemplo, onde estive há pouco tempo, logo depois do fim da guerra que durou oito anos com o Irã, começou uma fome espiritual tremenda como nunca vi em outro lugar. Falei de Bagdá numa igreja evangélica no centro da cidade cuja freqüência fora, normalmente de, no máximo, cinquenta a sessenta pessoas. Depois da Guerra do Golfo este número subiu para seiscentas pessoas. As reuniões dos jovens que tinham no passado entre cinco e dez pessoas, agora conta como cerca de trezentos jovens comparecendo às reuniões. Este é um exemplo só de uma Igreja. O governo abriu oficialmente as portas para a importação de Bíblias e quinze mil bíblias foram vendidas depois desta medida. Em breve devo regressar à mesma igreja. Na ocasião em que estive lá, no final da minha mensagem fiz o convite para aqueles que queriam entregar suas vidas a Cristo. Uma grande

parte da congregação se colocou de pé, chorando fortemente com suas Bíblias nas mãos. Eu nunca havia visto uma manifestação tão emocionada, por isso perguntei depois:

- Isto é normal aqui?

Eles me responderam:

- Sim, porque as pessoas não gostam de um arrependimento seco, mas bem molhado, assim os que choraram realmente queriam vir ao Senhor Jesus.

O Norte da África

Quero voltar rapidamente os olhos ao Norte da África. A Igreja cristã existe ali desde os primeiros séculos. Muitos daqueles que chamamos países da Igreja Primitiva vieram desses países. Vocês já escutaram a respeito de Simão, o homem de Cirene. Quero dar-lhes alguns dados muito interessantes.

Alguns descobrimentos arqueológicos foram feitos em certo lugar da Líbia. Um arqueólogo norte-americano e um perito líbio estavam trabalhando e encontraram debaixo da terra os restos de uma Igreja. O arqueólogo ficou surpreso e, depois de ler a Palavra de Deus, disse ao seu companheiro norte-americano: *Você já leu na sua Bíblia a respeito de um homem de Cirene? Este lugar é Cirene, onde estamos fazendo a escavação. É possível que Simão tenha voltado aqui e fundado esta primeira igreja.*

Louvado seja Deus pelo número de berberes! (uma tribo do Norte da África). Eles não são de origem muçulmana, mas foram forçados a aceitar o islã e agora a maioria dos que vêm a Cristo do Norte da África fazem parte deste grupo. Gostaria de concentrar meus comentários na Igreja

tal como ela existe nos dias de hoje. Estive em todos estes países, exceto na Mauritânia. Numa aldeia no Norte da África – não vou dizer o país – existe um avivamento. Nos últimos 3 anos, cerca de trezentas pessoas de uma só aldeia se chegaram para conhecer o Senhor Jesus. Os missionários estavam maravilhados. Não existia uma razão específica para que esta aldeia estivesse conhecendo ao Senhor Jesus. Muitas dessas pessoas se chegaram a Ele de uma forma sobrenatural, através de visões, sonhos e de coisas extraordinárias.

Muitas pessoas do grupo muçulmano tem chegado a Cristo desta maneira. Isto me fez sentir um pouco de inveja. Eu pensava comigo mesmo: Senhor, bem que eu gostaria de ter nascido muçulmano para poder me converter da mesma forma que eles têm se convertido!

Através de estudos nessa aldeia, descobriu-se que no século XIII houve um homem chamado Raimundo Lúlio, o primeiro missionário da Espanha em terras muçulmanas. Ele escreveu antes de chegar no Norte da África: *Os muçulmanos só podem ser ganhos para Cristo através do suor, das lágrimas e ainda da morte.* Este homem viajou várias vezes até o Norte da África sendo finalmente apedrejado. Sabem onde ele morreu? Exatamente nessa mesma aldeia. Setecentos anos depois, o sangue desse mártir não foi derramado em vão. Muitas vezes me perguntei se realmente temos nos sacrificado o suficiente para trazer as pessoas até Cristo.

Vamos observar a Tunísia, onde estive a pouco tempo. Há um pequeno número de cristãos que se reúnem em três lugares diferentes. Numa ocasião, um grupo de 40 crentes tunisianos foi cercado pela polícia e um juiz lhes falou: *Não temos cristãos aqui na Tunísia.* Uma senhora se colocou de pé e respondeu: *Senhor juiz, nós somos*

*cristãos e não há nada que o senhor possa fazer para mudar isto!*O homem respondeu: *Você está louca? Vá para sua casa.*O que ele podia fazer? Sua arma consistia em aterrorizar as pessoas e aquela mulher conseguira intimidá-lo, ele é quem ficou com medo.

Esta senhora havia se convertido a Cristo de uma maneira muito dramática.No meio da perseguição eles pediam em oração para mostrar na Tunísia que eles eram crentes.Um deles foi preso e isto fez com que os meios de comunicação em massa concentrasse sua atenção sobre os crentes e durante dois meses publicaram: *Existem cristãos na Tunísia.*Os crentes não tiveram que pagar por essa publicidade; assim veremos que Deus respondeu suas orações.

Gostaria de falar agora sobre a Líbia.Não sabemos muito a respeito.Mas descobri que há um grupo de negros vindos do oeste da África a quem Deus pôs no coração o desejo de ir à Líbia com o propósito de ganhar os líbios para Cristo.Eu louvo a Deus porque Ele está fazendo algo novo!Conheci um crente líbio que havia encontrado a Cristo num país ocidental e creio que nós devemos prestar muita atenção nos árabes que vieram do Ocidente.

Falemos da Mauritània.Um missionário amigo, que voltou recentemente de lá, disse-me que pela primeira vez na história daquele país existem três igrejas locais que somam um total de vinte crentes nacionais.Estas são boas notícias. Deus está fazendo algo nessas terras!

O clamor da Igreja no mundo muçulmano

Em Mateus 28, Jesus pede aos seus discípulos que depois da Sua ressurreição voltem à Galiléia.O nome “Galiléia” é mencionado 3 vezes: a primeira vez pelos anjos, a

segunda por Jesus, a terceira no versículo 16, quando diz que os onze discípulos foram à Galiléia, ao monte onde Jesus lhes havia ordenado e ali o encontraram. Eu me pergunto: Por que a Galiléia, por que não Jerusalém ou Belém? Havia algo significativo na Galiléia.

Jesus esteve ali, depois de sua ressurreição, passando quarenta dias com Seus discípulos, ensinando acerca do Reino de Deus e também pedindo-lhes que fossem pelo mundo inteiro. Inicialmente, porém, disse que eles tinham que regressar à Galiléia.

Voltando para a Palavra

Jesus começou Seu ministério na Galiléia e dizia-lhes: “*Se vocês querem alcançar o mundo é preciso um ponto de partida*”. O Senhor havia começado a pregar naquela região e agora estava lhes instruindo que antes que pudessem ir ao mundo, eles tinham que voltar às palavras que haviam recebido primeiro, e que a forma de receber essas palavras teria de ser a mesma em que foram entregues.

Vocês latinos, devem vir e dizer-nos que precisamos voltar à Palavra, que temos que regressar à simplicidade de vida, que temos que nos limitar a crer na Bíblia tal como ela é. A Palavra de Deus foi escrita para que nós a recebêssemos, para que crescamos nela e para que nossas vidas fossem transformadas por ela. Vocês já experimentaram isto, precisamos que vocês nos contem.

Voltar à oração

Em segundo lugar, também foi na Galiléia que Jesus passou muito tempo em oração. Era outra coisa que Jesus queria recordar aos Seus discípulos, que além de voltar à Palavra, eles necessitavam retornar à vida de oração

especialmente quando tinham um trabalho tão grande a fazer. Havia um mundo a ganhar e hoje vocês têm também um mundo a ganhar para Cristo: o mundo muçulmano. Venham, venham nos ensinar a orar, temos escutado sobre seu tempo de oração, temos visto o quão eficazes são suas orações. Existe um bom número; estou seguro que aumentará com o passar do tempo. Venham latinos, ensine-nos como voltar a uma vida de oração.

Voltar ao primeiro amor

Jesus também lhes ensinou outra coisa. A primeira vez que eles ouviram Jesus se enamoraram d'Ele e Jesus lhes dizia que precisavam voltar ao primeiro amor; àquele tempo em que estiveram dispostos a deixar tudo e O seguir porque haviam encontrado uma *“pérola de grande valor”*. *“Por ti Jesus estamos dispostos a deixar tudo, porque te amamos.”* Jesus estava os exortando: *“Voltem ao primeiro amor.”*

Precisamos escutar o que vocês tem a dizer e ensinar a cada um de nós crentes que vivemos no Oriente Médio, que temos passado pelo fogo e atravessado períodos de desânimo e que até o nosso amor esteja mais fraco. Venham nos contar como precisamos amar a Jesus outra vez, tal como no princípio!

Voltar à simplicidade da fé

Precisamos também que vocês nos expliquem que necessitamos voltar à simplicidade da fé. Jesus disse que deveríamos nos chegar a Ele como meninos de fé pura, mas profunda. Temos visto muitas montanhas e acabamos por nos acomodar. Venham nos dizer que estas montanhas, pela fé, podem ser removidas! Precisamos voltar à simplicidade da fé.

O poder do Espírito Santo

Jesus não ficou na Galiléia. Ele lhes disse que deveriam permanecer em Jerusalém. Por que Jerusalém? Se não vejamos: os discípulos eram todos galileus. Os galileus eram a zombaria de todo Israel. Em todo lugar existem pessoas sobre as quais o resto do mundo faz piadas. Eu sei como nós os árabes somos vistos no mundo, mas eu não sei se vou dizer. E por favor, não me digam como são vocês na América Latina, porque quem sabe eu não tenha uma idéia pré-concebida. Mas vejam, os galileus eram os mais tontos do mundo. Eles eram considerados pessoas ignorantes, débeis e que nunca poderia sair deles grande coisa.

Com efeito, todos nós recordamos daquilo que disse Natanael quando Felipe o convidou para ir ver o nazareno: *“De Nazaré pode sair alguma coisa boa?”* (Jo. 1.46). Disse isso porque Nazaré estava na Galiléia e Natanael também era galileu. Ele também tinha a mesma opinião das pessoas e pensava: *Eu sou um galileu e me conheço, pode alguma coisa boa sair de mim?* Mas como ele tinha muito orgulho para dizer isto de si mesmo, falou referiu-se a Jesus. Percebam que ele acreditava no que ele falava acerca de si mesmo. Jesus deu àquela gente débil, ignorante e pouco estimada pela sociedade o maior mandamento que jamais fora dado antes: *Ide por todo o mundo.* Mas completou: *Fiquem primeiro em Jerusalém porque ali receberão poder que vem do alto.*

Se vocês querem ganhar desde Samaria até os confins da terra para Jesus, não há nenhuma esperança de conseguir isso sem o poder do Espírito Santo: *Esperem até que sejam revestidos pelo poder do alto, porque este poder não os levará somente às partes mais longínquas deste mundo, mas também fará com que entendam as minhas*

palavras. O Espírito Santo trabalhará para que a sua vida de oração seja transformada para que volte ao primeiro amor, volte à fé e só então poderá fazer o impossível.

Conclusão

Temos escutado o que Deus está fazendo na América Latina, o poderoso derramamento do Espírito Santo. Venham falar-nos disso, venham nos ensinar que precisamos ser verdadeira e genuinamente cheios do Espírito Santo! Levem-nos de volta à simplicidade do Cristianismo! Lembrem-se que o Espírito Santo não é propriedade de nenhuma denominação. O Espírito Santo é para cada cristão que nasceu de novo!

Queremos ver novas formas da atuação de Deus usando as pessoas. Vocês têm visto isto em seus países. Venham compartilhar conosco nas igrejas e nos países islâmicos! Precisamos escutar de uma maneira renovada aquilo que Deus está fazendo. Por favor, deixem em casa tudo que tem nos dividido como crentes e tragam a pureza da Palavra do Senhor.

Tragam-nos primeiramente o amor de Deus, a fé nEle e o genuíno poder do Espírito Santo, para que voltemos à simplicidade dos primeiros cristãos para quem ganhar o mundo era possível. Vocês e nós podemos dizer juntos ao monte do islã: Pelo poder de Deus você será removido!

Isto é o que vocês podem nos trazer, estaremos esperando! Que Deus os abençoe!

7

A Igreja Sofredora no Mundo Muçulmano

Patrick Sookhdeo

Sou paquistanês de nascimento e membro de uma família muçulmana. Quando era ainda um estudante em Londres me converti ao Cristianismo. Assim quero reafirmar o que o irmão Victor Hashweh disse: “Nosso Senhor atrai os muçulmanos até Ele e os guarda.” Meu assunto é o sofrimento dentro do mundo muçulmano e quero dividi-lo em três partes. Começarei com as perseguições no Novo Testamento, depois veremos as perseguições no mundo muçulmano e, por fim, o que Deus está fazendo hoje.

As perseguições no Novo Testamento

Destacarei sobre este tema três aspectos muito simples. Primeiramente, no tempo do Novo Testamento, o sofrimento era normal e não algo excepcional. Se esperava

que os crentes sofressem por sua fé. Também a dor era vista como uma maneira de compartilhar o que Cristo havia sofrido. Em outras palavras, quanto mais sofremos mais nos parecemos com Ele.

Além disso, durante a perseguição é que o poder de Deus mais se manifesta como testemunho. E outra palavras, quanto mais perseguida era a igreja mais ela crescia. Assim, não se pode separar o sofrimento do testemunho e da graça pois as três andam juntas.

Quero parar por aqui, pois é bom começar com algo positivo e proponho que olhemos para o sofrimento como algo positivo e não negativo.

Digo isto porque a época que mais cresci como crente foi quando eu não tinha a Bíblia, nem igreja nem amigos ou familiares cristãos; foi naqueles dias que Deus me falou. Por isso, é necessário que vejamos o aspecto positivo do sofrimento.

As perseguições no mundo muçulmano

Ao falar sobre isto quero tocar cinco áreas. A primeira é a perseguição de indivíduos. Muitos convertidos perdem suas famílias, seus lares, seus empregos, seu “status” na sociedade e ainda podem perder sua identidade e nacionalidade. Por exemplo, na Malásia se alguém se converte ao Cristianismo perde sua nacionalidade; deixa de ser um malaio para ser ninguém. Muitos chegam a apanhar não são poucos os que morrem. Tenho um amigo que há pouco tempo foi colocado na prisão, foi maltratado duramente e agora está em Londres, com algumas lesões no rim. Outro homem que conheci no ano passado, com aproximadamente quarenta anos, se converteu ao Cristianismo. Sua família, que é muito rica, o deserdou; sua esposa e seus filhos o abandonaram e

agora ele não tem casa nem trabalho nem família. Lá isto é normal, não é excepcional.

Não são somente os muçulmanos que perseguem os crentes, mas também muitos “cristãos” que não gostam dos convertidos porque têm medo deles. Os novos cristãos sofrem não só com os muçulmanos mas também nas mãos de seus “amigos”; por isso se sentem desprezados e sozinhos. Muitos sofrem problemas psicológicos; e não são poucos aqueles que voltam para o Islamismo.

O segundo tipo de perseguição vem de alguns movimentos fundamentalistas muçulmanos que trabalham em todo o mundo árabe. Num país como o Egito, eles destroem as igrejas, queimam os negócios dos cristãos, matam os líderes cristãos, os arrancam de seus lares e promovem uma propaganda anti-cristã. Esses movimentos são reais e o seu objetivo é tirar o Cristianismo dos países chamados islâmicos. São grupos muito fortes e nascem do militarismo, não têm medo de usar a violência e seu objetivo são os crentes.

Em terceiro lugar, existe a perseguição como política do Estado. Isto acontece quando um Estado decide eliminar o Cristianismo não deixando que haja construção de templos, como no Egito, proibindo que haja testemunho aos muçulmanos, como acontece na Malásia, impedindo a conversão ao Cristianismo, como acontece na Arábia Saudita, não permitindo aos cristãos terem altas posições no Governo, como no Paquistão.

Nesse último ponto, vemos um movimento muito interessante. Na Nigéria, a política é tirar os cristãos que têm altas posições no Governo e colocar muçulmanos em seus lugares. Dois anos atrás, entre cem a duzentas igrejas foram queimadas, e este movimento está crescendo na

Nigéria alcançando altas posições aumentando para o mal.

Existe outro aspecto dentro quando se fala da perseguição como política do Governo que é a implementação da lei Cerval. Isto acontece quando o governo impõe leis muçulmanas sobre os cristãos, como está acontecendo na Malásia e por isto muitos cristãos precisam emigrar. O mesmo está acontecendo no Sudão e por isso existe agora uma guerra civil. É sabido que cerca de duzentos mil cristãos foram mortos nos últimos cinco anos como resultado desse conflito armado. Eu creio que este é um dos aspectos mais sérios pelo qual temos renovado o antigo desacordo entre cristãos e muçulmanos.

O quarto aspecto da perseguição é uma opressão do Cristianismo por parte de operações internacionais islâmicas. Existe uma ordem internacional ao redor do mundo composta pelos ministros das relações exteriores dos países muçulmanos cujos membros reúnem-se regularmente. Eles aplicam pressões econômicas sobre os países que recebem seus petrodólares para obrigá-los a ser instrumentos das leis islâmicas, e isto é, em particular, o que acontece na África negra. Essas nações, para receber ajuda dos países islâmicos, devem aceitar também suas leis. Estas organizações fomentam a publicação da propaganda anti-cristã que mostra “o quão pernicioso é o Cristianismo”. Eles têm organizações que reúnem informações sobre as entidades cristãs, analisam suas missões e depois publicam tudo o que foi pesquisado em livros. Associam o Cristianismo com o imperialismo e com a cultura ocidental. Assim, ser cristão em um país muçulmano é o mesmo que ser um imperialista norte-americano. Eles dizem: “Os verdadeiros movimentos nacionais são os movimentos muçulmanos.”

Em quinto e último lugar, existe uma espécie de perseguição produzida pela atividade dos cristãos ocidentais, porque estando no Ocidente podemos causar muitos problemas aos nossos irmãos dos países muçulmanos. Por um lado, o missionário que entra em um país islâmico e faz coisas incorretas aos olhos dessa cultura, está caminhando com falta de sabedoria. Ele pode regressar ao Ocidente. O que acontecerá, no entanto, aos cristãos e convertidos que precisam ficar naquele lugar, se ele lhes causou muitos danos através de seu procedimento? Por outro lado, essa perseguição se deve ao mau uso da informação. No Ocidente, há uma grande quantidade de pesquisas e estatísticas para tudo, pensamos que somente nós leremos as nossas publicações. Mas os muçulmanos lêem tudo o que imprimimos e essa informação é usada contra a Igreja nacional. No ano passado houve uma forte pressão sobre a Igreja da Malásia devido, em grande parte, a um artigo vindo de Pasadena. Essa publicação não foi sábia. Falava de uma profecia sobre um avivamento que aconteceria na Malásia entre 1991 e 1992 quando centenas de pessoas se converteriam a Cristo e como resultado desse grande avivamento, o Governo da Malásia seria derrotado. Perceberam como isto impressionou ao governo daquele país? Os que escreveram isto no Ocidente não tiveram sensibilidade e nem demonstraram amor aos seus irmãos que estavam lá. Eu que sou um convertido do islã posso pedir-lhes nesta hora: Por favor irmãos latinos, sejam mais cautelosos! Temos escutado nessas reuniões algumas coisas que me encheram de grande tristeza, porque em seu desejo de obter dados, vocês nos usam como fonte de informação. Se vocês cometerem os mesmos erros que algumas agências missionárias anglo-saxônicas, poderão chegar a ser tão inaceitáveis como eles, servirão de obstáculo e só trarão uma grande desonra à causa de

Cristo. Espero que não fiquem tristes pelo que eu acabo de dizer.

O outro aspecto da perseguição é devido às atividades dos cristãos no Ocidente: as associações como Israel. As igrejas ocidentais gostam de dizer que estão sempre do lado de Israel. Mas vocês já pensaram o que isto comunica às igrejas dentro do mundo muçulmano? Eles têm de aceitar uma teologia pré-milenista como bíblica? Talvez isso seja bom para os norte-americanos, mas tem um resultado desastroso para os crentes que vêm do mundo muçulmano.

Também existe uma grande confiança na publicidade. Nossas organizações no Ocidente são loucas por propaganda, todos querem alcançar o mundo muçulmano. Quanto mais desafios são feitos mais dinheiro entra e também maiores são os problemas para as igrejas dali.

Conclusão

Quero concluir dizendo algo: Creio que Deus está trabalhando. Seus propósitos estão sendo cumpridos. Através da perseguição, a Igreja está sendo refinada e purificada. Os primeiros pais da Igreja tinham uma frase: “o sangue dos mártires é a semente da Igreja”. A Igreja Latina tem uma história nobre. Raimundo Lúlio era um latino que foi ao Norte da África. Francisco Servio foi um dos primeiros missionários a ir aos muçulmanos na Índia e Malásia. Francisco de Assis saiu da Itália e foi à Palestina para evangelizar. Vocês têm uma história nobre nascido do sofrimento.

Ensinem-a muito bem!

O ISLAMISMO

8

O islã: descrição histórica e doutrinária

Victoria Aguilar

Quem sabe o tema que falarei seja um pouco cansativo no meio de tantas coisas práticas e necessárias que temos ouvido. Mas creio que precisamos ter mais informação sobre o que é o islã, o que o muçulmano crê, e como nasceu, para se ter uma posição e saber como é atualmente essa crença.

Eu gostaria de destacar que às vezes nós pensamos que o islã e o conjunto dos países muçulmanos são o mesmo, mas isto não é verdade. Cada país possui uma história e um caráter que não tem nada a ver com os outros. Por exemplo, o Senegal não pode comparar-se com o Egito ou com o Paquistão. Da mesma maneira, desde a Europa, pensamos que a América do Sul é uma coisa só e que todos os países são iguais, quando existem tantas diferenças. Daqui olhamos a Europa como se fosse uma

coisa só, quando nem sequer os países vizinhos são iguais, ainda que tenham vindo da mesma tradição. Começaremos a considerar certas linhas gerais, baseando-nos na realidade de que cada nação é diferente.

Origem do Islamismo

Quase todos nós sabemos que há um grande número de muçulmanos. Eu escutei que pode ser oitocentos, novecentos milhões, ou até mais de um bilhão. Não sei qual o número exato, mas pensemos que são um bilhão de muçulmanos que crêem no Alcorão, que Deus revelou e que Maomé é seu profeta. Pensando bem, um muçulmano não é mais diferente de nós, do que um mórmon ou um testemunha de Jeová. Esses acreditam que a Bíblia é a Palavra de Deus; que Deus falou por meio de Jesus e de Seus profetas, aceitam os Salmos e todos os livros bíblicos; só que julgam que os cristãos e os judeus modificaram um pouco as Escrituras. Então, eles deturpam da mesma maneira que os outros fizeram. Volto a insistir, assim como os mórmons, que utilizam o Livro Mórmon, ainda que leiam a Bíblia e creiam nela, no islã acontece a mesma coisa. Don McCurry contou-me uma ilustração que gostei muito, pois ela é perfeita para aquilo que vamos dizer. Ele dizia que o Alcorão é como a lua e a Bíblia como o sol, com luz própria. O Alcorão sendo a lua, não tem uma luz própria, é opaca, mas com o reflexo do sol parece que está brilhando. Assim acontece com muitas religiões e numerosas seitas.

O islã surge, no princípio do século VII, na Arábia, hoje conhecida como Arábia Saudita, uma região não tão deserta naquele tempo porque nos textos lemos: “A Arábia feliz.” Era um lugar muito rico, com o comércio crescente que atraía caravanas que chegavam até a Índia e se espalhavam por todo o Ocidente. Essa faixa de terra

tinha sido controlada primeiro pelos gregos, depois pelos romanos. Quando surge Maomé, estavam ali instaladas algumas comunidades nestorianas e monofisitas – seitas oriundas do cristianismo – e alguns grupos judeus.

A religião de Maomé

No contexto de uma sociedade tribal ou politeísta, nasce Maomé, mais ou menos no ano 570 d.C. Ele é filho de uma família muito importante dentro de Meca, sua cidade natal, que é a dos Kuraisíes, de muito peso político nessa época e permanece nessa região. Como pertencia ao clã dos hachimíes, tribo de quraych, que faz parte de um setor pobre, e não contando com a força da família, precisou trabalhar. Ficou órfão muito jovem e quem cuidou dele foi seu tio Abu Talib.

Maomé trabalhou guiando caravanas pelo deserto durante muito tempo. Acredita-se que foi nessa época que entrou em contato com as comunidades situadas na península arábica (monofisitas, nestorianos e judeus) e escutou algumas de suas doutrinas. É por isso que no Alcorão encontramos algumas histórias dos evangelhos apócrifos. Não sei se vocês já escutaram a história de Jesus que quando era um menino fez um pássaro de barro, e soprou sobre ele e em seguida saiu voando. Esse relato se encontra no Alcorão e está dentro dos evangelhos apócrifos que algumas seitas liam nessa época. De modo que o que lemos no Alcorão nos fazem dizer: Olha a Bíblia não é assim! Mas Maomé também escutou a mensagem distorcida e mudou um pouco mais, até chegar ao que hoje conhecemos como o Alcorão.

Mais tarde Maomé se casou com uma viúva rica que depois de um tempo permitiu que ele não trabalhasse e assim pudesse ter uma vida contemplativa. Conta-se que

na idade de quarenta anos ele saía ao deserto para fazer suas meditações e ali começou a ter visões. Mais ou menos no ano 610, ele começou sua pregação para os que estavam ao redor dele e os primeiros convertidos foram a esposa Hayda e um parente, chamado Abubakra – que mais tarde veio a ser seu sogro – um dos mais chegados. Sua biografia chegou às nossas mãos através das informações que ele mesmo deixou e da tradição suna retirada do Hadiz.

Sobre sua veracidade, é evidente que muitas coisas não são certas, mas os muçulmanos acreditam como se fossem, porque estão escritas no Alcorão e no Hadiz. Diz-se que um anjo apareceu a Maomé e disse: *Leia*, e em seguida foi-lhe apresentado um livro, o Alcorão. É por isso que eles acreditam que o Alcorão é um livro que não foi criado, que é o Livro de Deus, a revelação divina escrita em árabe assim como ela é. Maomé não sabia ler nem escrever mas pôde lê-lo. Por isso falam do milagre do Alcorão e das *aleyas* do Alcorão, porque sendo ele iletrado conseguiu ler aquilo que o arcanjo Gabriel lhe apresentou.

Ao iniciar seu ministério, perto do ano 610, atravessou muitas dificuldades. Teve poucos convertidos e a tribo da qual ele era oriundo não aceitava suas palavras. Naquela época, Meca era o centro comercial da Península Arábica e Kaaba – um enorme monumento quadrado dentro do qual há uma pedra negra que os muçulmanos veneram – era o centro religioso. Os árabes eram politeístas e adoravam, entre outros, as pedras, como sendo uma representação dos deuses em quem criam e na Kaaba haviam umas trezentas e sessenta pedras. Cada família tinha sua divindade local, como acontece também em outras sociedades tribais. Quando Maomé começou a pregar, os comerciantes tiveram medo de que ele

desmoronasse a estrutura que haviam erguido, porque muitas pessoas da Península iam a Meca para fazer peregrinações a seus deuses. Portanto a cidade se tornava num centro comercial muito importante.

A situação de Meca foi piorando e muitos muçulmanos emigraram, enquanto Maomé escapou graças a proteção do seu clã, mas finalmente não houve mais remédio e ele teve de ir a Medina como pacificador das lutas entre árabes e judeus. A fuga de Meca para Medina, a Hégira, foi no ano 622, data essa que dá início ao calendário islâmico, segundo o qual o ano de 1990 estaríamos no ano de 1410.

Chegando a Medina travou más relações com as tribos judias, e a primeira coisa que tentou fazer foi alcançá-las para que se unissem à sua crença. Eles riam de Maomé pois ele não sabia bem as Escrituras e não aceitaram nada do que ele dizia.

A política de Maomé

Naquela época Maomé decidiu mudar o lugar de oração para Jerusalém para coincidir com o lugar de oração dos judeus, pois ali era seu centro religioso. É curioso notar que ele mudava suas idéias segundo convinha, demonstrando com isso ser um homem de fundamento político. Há pouco tempo, li um livro sobre os mórmons e vi muitas semelhanças entre Maomé e Joseph Smith, porque ambos mudavam seu ponto de vista conforme viam que poderiam conseguir o favor de uns e de outros. E quando pensamos que Jesus Se manteve fiel em tudo que ele falou ainda que lhe atirassem pedras! Ele não foi um político nem tratou de conseguir amizades das altas esferas da sociedade, mas, ao contrário, deixou Seu relacionamento entre o poder político e religioso muito

irritado quando disse: “*Dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus.*” (Marcos 12.17).

Maomé começou a ver que não conseguia o apoio dos judeus e então pouco a pouco foi tomando um controle político mais forte, até que conseguiu expulsar as famílias judias mais importantes da cidade. Conseguiu o controle total de Medina e com esse poder foi lançando ataques e propostas a Meca, até que, resumindo a história, organizou uma peregrinação – ao seu ver pacífica – e se instalou um pouco depois em Meca. As autoridades de Meca lhe abriram as portas, aceitaram suas condições, retiraram os trezentos e sessenta ídolos que havia em Kaaba e começou a haver cultos somente a Deus. Em árabe se diz: “*O Deus*”, porque *Ilá* é: “*um Deus*” e “*Alá*” é: “*o Deus*”, com artigo definido, o único Deus.; Era um dos deuses que se adorava ali, mas Maomé dizia que era o único Deus. Por isso um dos princípios que o islã mais enfatiza é que Deus é um.

Esse fundamento apresenta um problema muito grande quando vamos falar a um muçulmano acerca da trindade, porque ele não entende. Maomé denominou-se a si mesmo de “*o último dos profetas*”, como enviado de Deus para restaurar a verdadeira religião que Deus manifestou a Abraão, aos judeus e aos cristãos e o que os cristãos mudaram por causa de seus próprios interesses. No entanto, Maomé a aceitou – e posteriormente os muçulmanos – e os demais monoteístas, mas não aos politeístas. Eles chamam os monoteístas, judeus e cristãos de “*as pessoas do livro*”.

Na expansão posterior que teve o islamismo, obrigavam os politeístas a se converterem ao islã, se não quisessem morrer. Não conseguiram com os cristãos, ainda que

sofressem muitas pressões, sobretudo econômicas. Por esse motivo muita gente se converteu ao islã.

O avanço do islã e a situação atual

Nas primeiras conquistas do islã, os muçulmanos deveriam pagar um imposto muito pequeno, ao contrário disso, os não muçulmanos tinham de entregar uma grande soma de dinheiro, o que obrigou muitas pessoas a se converterem. Isso aconteceu no início da pregação de Maomé. As tribos de toda Península Arábica foram observando as vantagens econômicas que lhes traria aliando-se e formando uma grande federação. Foi isso que motivou muitos a se unirem a Maomé.

Quando Maomé morre – e depois de três califas chamados ortodoxos – surge a primeira divisão dentro do islã: os xiitas e os faridies. Em poucos anos, o islã consegue expandir-se desde a Índia, por um lado, e até a Espanha, por outro lado. Estende-se até os Pirineus, o avanço que tem é tão impressionante que se transforma na cabeça comercial e cultural do mundo até então civilizado. Não obstante, aquilo que foi durante a Idade média um apogeu cultural, econômico e comercial na Península Ibérica, é um constante hoje, no século XX, com a maioria dos países arábico-muçulmanos que estão na órbita do terceiro mundo. Quase todos eles se tornaram independentes neste século. Neste caso há uma situação semelhante ao que acontece na América Latina e em outros continentes. São países que se submeteram a fortes colonizações por parte da Espanha, França, Inglaterra ou Rússia, em alguns casos. Certos países, no ano de 1970 e mais tarde, quando conseguiram sua independência, sofreram perseguições cruéis.

A guerra no mundo muçulmano

Quando precisaram fazer parte das Guerras Mundiais, por estarem debaixo do domínio das nações que participaram delas, os países árabes também sofreram na guerra Arábia-Israel, e isso foi muito traumático. Acredito que é preciso enfatizar certas coisas porque os muçulmanos em geral, e os árabes em particular, têm uma espinha cravado quando falamos nesses assuntos. Há uma guerra Irã-Iraque que terminou há tempos, mas que ainda é latente. O conflito no Líbano e as crises no Magreb – entre Argélia e Marrocos pelo Saara – favorece a instabilidade política, uma situação muito difícil de ser revertida. Ainda que muitos países estejam numa posição econômica favorável – como o Kuwait, Emirados Árabes ou a Arábia Saudita, onde as pessoas podem banhar-se no ouro – a maioria não está. Eles têm uma dívida externa crescente, falta de indústrias, um impedimento cada vez mais agudo e uma agricultura pouco desenvolvida.

A doutrina do islã

Resumindo muito, islã quer dizer submissão. Os muçulmanos são aqueles que se submetem a Deus. Os deveres de um muçulmano são basicamente cinco:

O primeiro é a profissão de fé numa fórmula que diz: “*Só há um Deus, e Maomé é seu profeta.*”

Em segundo lugar, a oração, que se realiza cinco vezes ao dia. Cada sexta-feira, todas as semanas, há um encontro na mesquita maior, onde o povo se reúne e escuta uma pregação.

Em terceiro lugar, é muito importante dar esmola. Em alguns países, o governo cobra um imposto obrigatório.

O quarto deve ser a peregrinação até Meca; é obrigatório

dentro do possível e também um grande privilégio. Atualmente, são 2 milhões aqueles que uma vez ao ano – no mês da peregrinação – viajam até Meca, onde a entrada está proibida para aqueles que não são muçulmanos.

Por último, está o jejum de Ramadã, onde mais de um bilhão de muçulmanos jejuam durante todo o dia. Mas à noite não.

Além destes cinco deveres, podem-se incluir outros, dentre os quais destaco a guerra santa contra os infiéis.

O Alcorão e a realidade do islã

A base da religião está sustentada no Alcorão, o livro sagrado do islã, o qual se junta com a *suna*, ou tradição do profeta. A língua usada no Alcorão é o árabe clássico de um estilo uniforme, segundo as etapas da revelação. Está dividido formalmente em 114 *suratas*, as quais contêm mais de 6200 versículos ou *aleyas*. O Alcorão é o livro de Deus, e como tal é perfeito, eterno, imutável e impossível de ser imitado.

O universo do Alcorão é composto por céus, terra e inferno. O mundo é habitado por seres humanos e espíritos (*yinn*) bons e maus. Também existe Satanás e os espíritos maus, que irão para o inferno. A diferença da visão cristã é que o paraíso será um lugar de deleites físicos. A lei muçulmana se chama *sharia* e é o preceito de Deus para o homem. Em alguns países, a *sharia* corresponde à lei civil, a qual resulta numa união indissolúvel entre a religião e o estado.

Tudo isto fica limitado ao plano teórico, pois a realidade escapa da ortodoxia. Nasce um sincretismo religioso do Islamismo com as tradições populares, que são iguais ou

mais fortes que ele. Entre os movimentos muçulmanos paralelos estão os grupos místicos que, com diferentes normas, proliferam no mundo muçulmano: *derviches*, *sufies*, *morabitos*, *tariqas*, *zawiyas*, etc. Algumas vezes os doutores da lei aderiram ao pensamento desses grupos, convertendo-se em seus fiéis seguidores e propagadores; alguns foram combatidos, iniciando assim movimentos que se desviam da ortodoxia. Podemos mencionar entre estes os Irmãos Muçulmanos do Egito, o radicalismo de Komeini, ou a ideologia de Kadafi.

9

O islã no Mundo Latino

Samuel Berberian

Para conhecer as raízes históricas da América Latina, é preciso encontrar os castelhanos da Espanha, de quem herdou não só os costumes mouros, mas o estilo de vida e os padrões culturais. Estes não eram mais que reflexo da vida muçulmana absorvida na religião romana, que longe de ser cristã, acabou por fazer um sincretismo desde costumes até linguagens.

Quando alguém escuta expressões como as que chegaram até a América Latina como o: *oj-allah* (Oxalá), e ainda no sul da Espanha, quando se escuta *mash-allah*, não se pode negar a infiltração muçulmana nos primeiros colonizadores da Ibero-América.

Quando o império otomano caiu, depois da queda dos sultões no final do século passado, o território do Oriente Médio foi muito desejado e por fim dividido entre ingleses e franceses. Uma parte ficou debaixo da proteção

dos franceses, outra dos ingleses e os erradamente denominados sírio-libaneses optaram por procurar em outras terras um esconderijo e fazer ali uma vida nova. Conscientes de que na Espanha, os mouros viveram e enriqueceram, sabiam que o mesmo poderia acontecer na América Latina.

Entre os anos 1912 e 1930 houve a maior imigração de sírio-libaneses do México até a Argentina. Chegaram em pequenas comunidades, com aparência piedosa e com um vocabulário semelhante ao católico. Os comerciantes faziam barganha na primeira venda, até o ponto de perder, para ter a bênção de Deus sobre as vendas do dia. O católico quase não percebe que são muçulmanos.

Quando se concentram, começam a escolher pontos estratégicos, comercialmente falando, para que os novos imigrantes possam integrar-se. É fácil encontrá-los na rua vendendo e repetindo: *“Bende beine, beineta, zabón, zabonete, bende barato, barato bende...”* *“cobre, baisano, hoje faço preço bom, amanhã não!”*

À medida que avançavam, o que vem vendendo *“beine”* é recém-chegado, pois o que chegou antes dele já tem sua loja e vende em seu próprio negócio. O negócio se expande e ali se compra mais barato. Essa mentalidade leva trinta anos para ser construída.

O interessante é que o fenômeno se repete. Por exemplo, em Honduras não vão para a capital, e sim para San Pedro Sula. Na Argentina, vão desde Buenos Aires a Santiago Del Estero para se estabelecerem. No México há um grupo em Puebla e outro ao Norte em Monterey. Eles provam que a dificuldade proporciona mais prosperidade. São pessoas do deserto, pessoas sofridas, e *“Alá os ajudará”*.

Os imigrantes do novo mundo

Encontramos três áreas diferentes nas quais se concentram esses imigrantes árabes. Em primeiro lugar, uma vida de comércio de um modo comunitário, que lhes permite apoiar-se uns aos outros e também integrara os recém-chegados em suas fontes de trabalho. Possuem uma filosofia particular em sua ocupação – *“tudo se vende, se perde, mas nós conseguiremos outra vez!”*. É importante perceber sua atitude de não acomodação. Nunca dizem: *“Não tem”*, mas sim: *“Acabou, mas amanhã terei outro”*.

A mentira piedosa do católico o muçulmano não precisa confessar no domingo para comungar. Simplesmente, ele pratica *boas obras a seu próximo*, e este hábito de conduta é bem aceito.

Em segundo lugar, eles se concentram numa vida cultural dedicada à educação de seus filhos. Como vivem em comunidade, educam-nos na língua materna como um sentido de proteção. Você pode estar parado em frente deles, mas se comunicam entre si em árabe para resolver o que vão fazer.

O idioma protege para não ter que se vender. Porque o que se fala num idioma tem sentido diferente em outro. Vocês, latinos, falam “esses gringos”. E como isso se traduz no inglês? Só se pode dizer em espanhol e português. A língua árabe é muito rica quando descreve as coisas. Por isso, se um árabe estivesse pregando em sua língua, para traduzir para o espanhol seria preciso o dobro do tempo; pois o sentido do que ele estiver dizendo será difícil de expressar em outro idioma.

Publicam seus próprios jornais em árabe. E qual é a intenção? Interpretar a situação sócio-política e econômica da América Latina a partir de sua ótica.

Nenhum árabe muçulmano vem para a América Latina por pouco tempo, mas para um longo período. Então, praticamente, forjam uma herança aos seus filhos. Um fenômeno muito interessante é que, ao organizar meios de comunicação de massa, eles adquirem o direito de opinar diante do povo. O anti-semitismo que se cultivou em toda América Latina não foi graças aos espanhóis, mas sim em favor da importação e da exportação.

A crise da década de 60

Temos de observar duas coisas: 1) a década de 60 é a época crítica dos muçulmanos na América Latina. Perdem o controle do comércio porque a Indochina, com sua exportação de produtos chineses, japoneses e coreanos, apossa-se do mercado, e os muçulmanos já não são os campeões de venda. Isso é notado no México, na América Central e na América do Sul.

Para isso, então, sua estratégia funcionou muito bem. Seus filhos, formados em universidades já não são os atacadistas, mas sim os fabricantes. Aqueles que ficavam na rua vendendo hoje têm suas confecções ou fábricas de sapatos, e são também muito precavidos. Seus filhos não estão atendendo nas fábricas, porque para isso eles possuem gerentes administrativos: estão sim entre os militares, ocupando os postos mais elevados.

Lembrem-se dos “caras pintadas” na Argentina. Quantos eram muçulmanos? Analisem os nomes. Homens que persistiam no antagonismo. Encontro-me com um Menen, presidente até pouco tempo dos argentinos, que, com um pouquinho de água, torna-se católico, porque de outra maneira não poderia chegar ao poder. Mas o que sua mulher diz? “Eu nasci muçulmana e morrerei muçulmana.

É a persistência de mover lentamente uma estratégia a longo prazo. A população islâmica da América Latina duplicou na década de 70. Porque o petrodólar tem um potencial, e quanto mais investidores mais cresce a dívida externa latino-americana. Porque o árabe não aplica, mas comercializa, e isto numa rapidez tão grande que o lucro vem maior que o capital.

A América Latina diante do islã

Um fenômeno muito interessante é a realidade da América Latina diante do Islamismo. Nossa geração presenciará uma sucessiva construção de mesquitas a uma velocidade que nunca fora vista antes. E não as edificarão por proselitismo e sim como uma atitude de ação de graças. O islã da América Latina constrói por gratidão a Deus: *“Como ação de graças eu irei construir esta mesquita, porque Alá me favoreceu.”* Eles são mais agradecidos que os cristãos. E por isso produzem e constroem em grande quantidade, com uma aparência simplesmente cultural convidando as pessoas a voltar às suas raízes.

Como o indígena que luta por suas raízes, do mesmo jeito o árabe quer lembrar que é muçulmano. *“O Cristianismo é o invasor; eu sou muçulmano, não sou um invasor.”* É uma maneira de proteger a si mesmos.

O que fazer diante desta realidade? O desafio que a igreja evangélica – quer dizer, as pessoas autenticamente cristãs – enfrenta é de manifestar um cristianismo evangélico ao muçulmano, é de projetar deliberadamente e agressivamente seu abandono às práticas católicas. Porque nós aceitamos o Senhor Jesus pela fé, mas muitas vezes vivemos como católicos na América Latina; fazemos penitência (que às vezes podemos

chamar de vigílias), jejuns e, se não vamos ao culto, “*pedimos a Deus e Ele não nos castigará*”, expressões que costumam ser populares. A igreja católica não é uma inimiga do islã, mas sim uma rival; “*uma vez você e outra eu, vamos ver quem ganha esta guerra*”.

E nós não somos rivais do islã; somos responsáveis em proclamar as verdades do Evangelho, o que é completamente diferente. Para conseguir isto só há uma maneira. Nós, evangélicos, fazemos certas coisas para não sermos rejeitados pela sociedade. Nesse sentido, somos como católicos. Se você é evangélico, vai perder seu status. Se você o preservar, será pelo que você é, e não só pelo que você faz. Por isso é que o muçulmano pode viver muito bem na América Latina: porque faz coisas para ganhar favor.

Se isto é verdade e nós queremos ganhar os muçulmanos da América Latina, primeiro façamos a tarefa em Jerusalém – temos de perceber a diferença entre a Igreja Romana e o que o Evangelho ensina, como a diferença da noite para o dia.

A primeira vez que vi a comemoração de uma moça ao completar seus 15 anos, quase virei as costas e saí. Mostrem-me na Bíblia uma base para se fazer uma coisa tão estúpida quanto esta. Não é mais que uma prática cananéia de consagração da virgindade de uma mulher. E falei às pessoas:

- Eu proponho um marido para sua filha.
- Oh, não!
- Então, se vocês não querem casá-la, para que a exibem? Ela fica exposta na vitrine e não é vendida?

O muçulmano olha isto e pensa: “A prática não coincide com a confissão”.

O muçulmano não se sente orgulhoso

Eu gostaria de comentar algumas informações curiosas. Todos os ministros de relações exteriores dos países muçulmanos se reúnem no mínimo duas vezes ao ano para avaliar as estratégias que estão sendo usadas. Você sabia que a América Latina tem cinco representantes que participam dessas reuniões? Que seu país está representando também? São comerciantes que viajam por interesses próprios de sua ocupação, mas assistem a essas reuniões para informar o que você faz. Por exemplo, no congresso do COMIBAM, no Brasil, comentou-se alguns planos que os irmãos realizariam no mundo islâmico. Eu fiquei sabendo deles na Guatemala, porque me escreveram da Turquia, onde eles sabiam de tudo há 3 semanas. A carta foi da Turquia até a Austrália, e da Austrália até mim. Isso é porque não sabemos ficar calados, somos “linguarudos”. Nem Gorbatchev disse tudo o que iria fazer, mas nós dizemos e o anunciamos para a glória de Deus. A América Latina é a região das fofocas: “Olha, eu te conto, mas por favor não diga nada a ninguém”.

Conclusão

Deixem-me concluir isto: se você não pode alcançar o muçulmano em sua própria terra, é melhor ficar aí. Eu não tenho tido muito êxito em alcançar grande quantidade de muçulmanos. Pela graça de Deus, levei um homem aos pés do Senhor, e para isso levei 9 anos. Quando eu lhe perguntei, depois de haver aceitado ao Senhor, porque ele havia demorado tanto, ele me deu

uma resposta que era melhor eu não ter perguntado: “É que como vocês demoram tanto para se converter entre vocês mesmos; eu não queria me intrometer.”

Sejamos honestos; os irmãos do Paquistão, ou da Índia, não entendem como aqui estamos nos convertendo como cristãos. Se você está se convertendo aos cristãos, para que ir ao mundo muçulmano? Nosso trabalho não é mudar a cor das pessoas. A América Latina é um lugar onde a pessoa se converte por interesse: se meu patrão é evangélico, eu sou um evangélico. É porque tenho de estar seguro de que terei um salário! Mas o muçulmano é muçulmano aconteça o que acontecer, ainda que haja um perseguição da direita ou da esquerda. Ele pode fazer um brinde com o bispo; isto faz parte do negócio, porque o muçulmano é comerciante nato.

Termino com isto: primeiro conheça sua América Latina antes de conhecer os muçulmanos e descubra quanto de ouro existe ali. Muito obrigado!

10

O islã no Oriente Médio

Maher Risk

É maravilhoso e também um privilégio poder trabalhar juntos. De fato, nós, os árabes temos muitas semelhanças com os latino-americanos. A primeira delas é que dirigimos os veículos da mesma maneira que vocês; a segunda é que vocês riem como nós rimos; em terceiro lugar, também gostamos de cantar; e em quarto lugar, queremos alcançar juntos os muçulmanos.

Nós temos um privilégio que vocês não têm: vivemos nos países muçulmanos. Vocês podem ter o mesmo privilégio. Venham e unam-se a nós; acreditem, vocês se sentirão em casa!

Espero que lhes passar algumas informações sobre o islã no Oriente Médio, e farei o possível para que seja práticas. Os países do Oriente Médio incluem, geralmente, o Norte da África (Mauritânia, Marrocos, Argélia, Tunísia e Líbia), depois vêm Egito, Síria, Líbano, Jordânia,

Arábia Saudita, Iemém, Iraque e Irã. Vocês sabem que no islã existem diferenças entre uma e outra regiões do mundo.

O islã moderno no Oriente Médio

Como já sabemos, o islã é diferente em cada lugar do mundo. Por quê? Porque ele está misturado com a cultura do povo e as culturas são diferentes, obviamente. O islã é o mesmo, mas, quando se mistura com uma cultura, quase que pode se tornar outra religião, nós que queremos converter o islamismo ao cristianismo, devemos aprender nunca mudar sua cultura para a nossa. Precisamos conhecer as diferenças entre religião e cultura, pois, se não estamos conscientes delas, não poderemos testemunhar aos muçulmanos. É muito perigoso tentar tirar um muçulmano de sua cultura e ensinar-lhe a nossa, porque o cristianismo não é uma cultura, é o relacionamento com Cristo.

O direito islâmico

A comunidade dos primeiros islâmicos foi fundada em Meca. E logo depois em Medina (Yatrib), no ano de 622, debaixo da direção de Maomé, que era o líder, o juiz e o pensador daquele povo.

Depois da morte de Maomé, veio a época dos quatro califas ortodoxos (*rasidun*): Abú Baur, Umar B. Al Jattab, Utmán e Alí. Foi nesta época que a recopilação dos relatos do Alcorão se completou (no califado de Utmán) e foram colocadas algumas das bases do direito islâmico.

Logo após os califas ortodoxos, foi fundada a dinastia Omeya por Mutawiya B. Abí Sufyán (um dos generais guerreiros), no ano de 688. Damasco se tornou a capital e os juízes começaram a julgar o reino, estabelecendo

regras e leis extraídas do Alcorão e da suna, assim como as assembléias também eram regidas pelos muçulmanos (na sua maioria tiradas das leis bizantinas).Essas leis já tinham um papel muito importante na vida do império.

Em meados do século VIII, o império de Abbcsí veio a ser o momento dos alfaquis, especialistas em religião, que estabeleceram todas as leis à luz do Alcorão e da suna, e suprimiram tudo o que estivesse for a deles.Assim foi criado o direito islâmico especializado, do qual apareceram duas escolas teológicas fundamentais: a Malilui e a Hanafi.

A lei alcorânica

Veremos agora o que está acontecendo no Oriente Médio.O objetivo principal dos árabes, nessa região, é obter um governo muçulmano para assim aplicar as leis islâmicas, pois acreditam que desta maneira terão o paraíso na terra.Sabendo disso, percebemos que cada pessoa nos países muçulmanos espera que o governo seja islâmico e apliquem suas próprias leis.Lendo isto, além de outros livros, vão perceber que eles estão tentando conseguir alguma coisa com uma grande mentira, porque não há nada na história que se chame “governo islâmico” nem no Alcorão nada que tenha o nome de “lei islâmica”.

Se vocês estudarem a história do islã, vão perceber que os piores governos foram os muçulmanos; não seguiram o Alcorão e foram perversos como pessoas e como governantes.Por isso [e que não encontramos na história nada que se chame “governo muçulmano” e seja perfeito.Podemos agora ver um modelo disso no Irã e em muitos outros países árabes.

Por outro lado, não há nada que se possa chamar de “lei islâmica”, porque no livro do Alcorão não dá leis nem

rege a vida das pessoas. Existe uma média de 6.000 *aleyas* (versículos) no Alcorão, e apenas 80 falam de delis e da organização da vida comunitária. O restante relata algumas histórias e fábulas. Na verdade, o Alcorão não é como dizem. Não é um livro de leis nem organiza a vida do povo em comunidade, mas somente dá alguns mandamentos às pessoas individualmente.

Escolas teológicas no Oriente Médio

As duas escolas principais são: a escola *sunni*, a qual é dividida em quatro seitas importantes, e a *shia*, que tem outras escolas muçulmanas. A *sunni* pertence aos que estão seguindo de perto o Alcorão e os mandamentos de Maomé. Normalmente, não é correto chamá-lo Maomé, e sim “Mohaméd”, porque esse é um dos nomes santos do islã, que, se for pronunciado de outra forma, eles podem concluir que alguém está zombando. Por esta razão, é bom que vocês aprendam a palavra “Mohámed”. Quando nós escutamos dizer esta palavra em castelhano, rimos muito, porque “Mahoma” nos soa muito engraçado.

Temos a escola sunita, que é a mais ampla e se divide em quatro escolas jurídicas: a escola Hanafi (por Abú Hanafiyya Al-Numau, 699-767, que se baseia no pensamento e no entendimento e se desenvolve na Índia, Paquistão, Afeganistão, Ásia Central, Turquia e na lei egípcia); a escola de Malibu B. Anas (morto em 795, que se baseia na tradição e é mais efetiva no norte e no oeste da África, na parte alta do Egito e no Sudão); a escola Sapaci (de Muhammad B. Idrís Al-Sáfi í, 767-819; popular no sudeste da Ásia e na costa do Egito); e a escola de Hanbal (Ahmad B. Hanbal, 680-755), que aceitou oficialmente o reino da Arábia Saudita).

No entanto, a escola Sica continua somente com o

Alcorão e não com os mandamentos de Maomé. Cresceu e desenvolveu-se por causa dos chefes daqueles que aderiram ao partido ao considerar que haviam sido inspirados diretamente por Deus e que eram os porta-vozes do próprio Deus. Esta escola está estabelecida no Irã, no sul do Iraque, Líbano e na Índia.

Movimentos islâmicos

Quando falamos do islamismo moderno, percebemos que em 1928 os muçulmanos começaram a se despertar depois de alguns séculos de letargia. Nessa época começam a surgir três correntes modernas de pensamento islâmico, uma oposta à outra, e cada um dos partidos professando ser os verdadeiros muçulmanos. A pergunta é: O que está acontecendo agora no Oriente Médio?

O primeiro movimento é o dos fundamentalistas ou pacifistas. Essas pessoas falam em voltar aos patriarcas do islã, às suas raízes e às sunas e destacar Maomé e seus companheiros como modelos, para segui-los em sua forma de falar e de proceder. Tal movimento intenciona viver em paz com outras religiões. Esta tendência está representada basicamente pelo movimento dos “Irmãos Muçulmanos” e está abrangendo a maior parte do Oriente Médio.

O segundo movimento é o islamismo “secular” e está concentrado na sua maioria no Egito. Este é o coração do islã nos países árabes, onde se concentra a maior e mais antiga universidade islâmica, a de “Al Házar”. A cada ano envia milhares de missionários como fazedores de tenda e pregadores por todo o mundo. De Al Házar é que surgem os movimentos fanáticos. É por isso que, quando falamos do segundo movimento do islã, falamos do islã

secular que está composto de alguns intelectuais. A opinião desses é que é bom misturar o islã e as idéias modernas, que é proveitoso viver em paz com outras religiões e extrair algumas coisas positivas nelas, que também é pertinente modernizar o islã para que esteja próprio ao homem atual. Ademais, eles propõem a liberdade de pensamento. Esta corrente é representada pelos dirigentes religiosos e os funcionários do estado, como também os pensadores muçulmanos.

O terceiro movimento é o mais perigoso, ele é chamado de “islã político” que está procurando formar oposição contra os governos, causando problemas nos países muçulmanos. Essas pessoas tentam destruir os governos seculares nesses países. Falam de governarem por meio do islã e somente com líderes muçulmanos. Eles estão em oposição com outras religiões e levam a pessoa a ter somente duas opções: ser muçulmano ou ser muçulmano – não há outro caminho. Para viver no país, é preciso ser muçulmano. Este é o movimento fanático, e os crentes têm enfrentado muitos problemas por causa deles. Em meu país, agora, eles têm uma espécie de governo próprio com suas próprias leis. São um total de quase dois milhões, e mais outros milhões em alguns países do Oriente Médio. Confessam que dentro de seu movimento ainda existem 56 facções diferentes e que o seu movimento é o mais poderoso hoje em dia.

Quando vim ao Egito, há apenas duas semanas, estávamos enfrentando muitos problemas ali por causa deles; queimaram várias igrejas e vários negócios de crentes, líderes cristãos foram mortos e estão tentando derrubar o governo. Por que são poderosos? Dar-lhes-ei cinco razões e procuraremos aprender através delas porque eles têm tantos seguidores.

O poderio político muçulmano

Em primeiro lugar, são poderosos porque estão profundamente arraigados na sociedade. Se misturam com o povo simples, o islã é ensinado numa linguagem simples e toca nos corações do povo humilde em todos os países árabes. No Oriente Médio, o analfabetismo oscila entre 60 a 80%, afetando a maioria da população, e eles têm tido êxito em alcançar a massa. Precisamos aprender com esses movimentos a aprofundarmo-nos na sociedade e não somente cuidar do 0,5% dela.

A segunda razão deles serem tão poderosos é que possuem muitos recursos, recebem muito dinheiro que lhes chega da Arábia Saudita, da Líbia, do Kwait, da região do Golfo Pérsico, e usam esse dinheiro para benefício de seus alvos. Se observarem seus líderes, verão que vivem com simplicidade, como os que trabalham no campo, por isso as pessoas os respeitam. Visitam as pessoas e usam todos os seus bens para seu ministério. Precisamos aprender isto com o islã.

A terceira razão é que possuem seus próprios programas econômicos, os quais começaram a ser implantados há quase 14 anos. É por isso que agora no Oriente Médio existem imensas companhias e bancos islâmicos. Os projetos islâmicos estão em todas as partes e empregam somente muçulmanos, e se estes apoiarem seus ministérios. O idioma das pessoas hoje em dia é ter negócios e ser forte economicamente falando para que os outros os aceitem. Conhecem o idioma do dinheiro e o usam para alcançar muitos lugares da África e do Oriente Médio. Precisamos aprender disto.

Em quarto lugar, estão bem treinados no “evangelismo” e possuem muitas armas. Nós não queremos ter armas, pois esta não é nossa forma de lutar, mas a verdade é que eles

estão bem treinados e o mais assombroso é que pegam idéias nossas. Hoje em dia pode-se encontrar muçulmanos falando de conversões, de nova vida. Dizem: “se você tiver uma ligação com o islã, você será renovado”. Falam de um “avivamento em você”, do “poder do islã na tua vida” e de “uma relação pessoal com Deus”. De maneira alguma esses conceitos estão no islã, falam desta maneira copiando nossa linguagem, e a usam nas suas pregações e as pessoas os aceitam. Falam dos direitos da mulher, mas os mesmos não existem no islã, vocês sabem disso. Usam termos que as pessoas gostam e aceitam, porque entendem a linguagem da sociedade. Precisamos entender isso.

Por último, são poderosos porque estão bem organizados. Não tem o Corpo de Cristo, mas são um. Trabalham uns com os outros e se ajudam mutuamente. É incrível, por exemplo, que quando algo acontece no Cairo, o mesmo acontece na Casablanca e a mesma estratégia se usa na Austrália ou na Nigéria. Estão bem organizados. Aprendamos disto. É verdade que contam com muitos recursos, vários centros de pesquisa, muita literatura, uma grande quantidade de obreiros que trabalham junto. Com isto vocês poderão ter uma idéia aproximada do que está acontecendo no Oriente Médio.

Orientações práticas

Sei que muitos de vocês se perguntam: O que nós temos que fazer? Direi o que precisamos fazer, ainda que não seja tudo. Mostrarei algumas coisas e guardarei muitas coisas para mim, para que venham me perguntar de propósito. Sobre os pontos que lhes darei em seguida vocês poderão construir seu programa pessoal de treinamento, pois se puderem superar estes problemas

estarão em condições de alcançar os muçulmanos no Oriente Médio.

Porque é difícil para eles aceitarem o cristianismo

Os muçulmanos do Oriente Médio não encontram respeito, nem a aceitação e nem o amor entre os cristãos. Precisamos preparar-nos não só para aceitar e respeitar os muçulmanos, e sim para amá-los. Não estou falando de um amor “*naive*”. Alguns estrangeiros chegam ao nosso país, caminham pela rua sorrindo para todo mundo, saldando a todos e pensam que isto é amor. *Estamos aqui rindo e nos divertindo com as pessoas que encontramos na rua*, - parecem dizer. Mas nós nos olhamos e nos perguntamos: *Que acontece com eles? O que estão fazendo? Por que estão sorrindo enquanto caminham pela rua? Por que estão estendendo as mãos a cada um que passa? Eles supõe que isto é amor?*

Não, não me refiro a isto. Falo de entregar-se a si mesmo às pessoas. Falo em abrir a própria casa para receber os muçulmanos na sociedade. Falo de servi-lhes e ajudar-lhes de maneira prática, com um amor prático. Os muçulmanos precisam ser aceitos e respeitados. Sim, eu creio que o islã é uma religião demoníaca, mas os muçulmanos não são um povo endemoninhado. E eu rogo ao Senhor pelos que vivem nos países muçulmanos que estão buscando conhecer a Deus e, provavelmente, estão buscando muito mais do que nós, os cristãos. Eles oram cinco ou seis vezes ao dia, jejuam o mês inteiro, buscam a Deus e perguntam dEle. O único problema é que não conhecem o caminho, mas nós conhecemos o caminho para chegar a Deus.

Os muçulmanos são pessoas muito sinceras, querem conhecer a Deus e nós somos os que conhecemos o caminho, temos a resposta. Este é o primeiro ponto que impede que os muçulmanos venham a Cristo. Precisamos organizar nossas táticas para saber como amar, aceitar e respeitá-los.

A segunda razão pela qual os muçulmanos não vêm a Cristo é que têm uma idéia errônea sobre o cristianismo. Eles pensam que os cristãos são pessoas imorais, que bebem muito e se embriagam. Observam os programas de televisão norte-americanos e crêem que aquilo é o cristianismo. Eles têm falta de conhecimento. Nós cometemos um grande erro nos países islâmicos: fechamos nossas igrejas, mas os inconversos nunca sabem o que está acontecendo dentro delas, porque não procuramos falar de Cristo e nos negamos a aceitá-los em nossas igrejas. Agindo assim, estamos ajudando a que eles interpretem mal o cristianismo. É preciso saber que os muçulmanos precisam conhecer o cristianismo de uma forma que eles entendam, não misturando com o islã, mas sim, de uma forma sincera ensinando-lhes, com uma terminologia simples e não com uma linguagem elevada.

Nós nunca fazemos isto em nossos países, por isso, por favor, façam vocês.

Em terceiro lugar, os muçulmanos ligam o islamismo com a cultura e com a nacionalidade. De modo que ser marroquino é ser muçulmano, ser egípcio é ser muçulmano. Deixar o islã significa deixar a nacionalidade, pois pensam que o cristianismo é a religião do Ocidente e o islã é a do Oriente. Assim quem deixa o islã é um espécie de traidor. Queremos entender e ensinar-lhes que o cristianismo é principalmente uma religião oriental, não

ocidental. Veio do Oriente: Jesus era oriental; seus primeiros discípulos também o foram, como consequência nós podemos ser árabes e cristãos ao mesmo tempo. Seria bom que usassem suas estratégias de trabalho nesta direção, ou ninguém aceitará seu cristianismo, porque ninguém vai querer sacrificar sua nacionalidade.

Em quarto lugar está o medo da perseguição, e penso que já se falou muito disso. Creio que seria muito bom traçar uma estratégia que fale das bênçãos da perseguição, com a intenção de preparar os muçulmanos com os quais estamos compartilhando a enfrentar a perseguição e a superar este medo.

Em quinto lugar, os muçulmanos devem saber porque devem abandonar o islã para vir ao cristianismo. É preciso dar-lhes uma razão, pois ao se converterem pagam um preço muito alto por isto. E creio que a única razão é Jesus Cristo, e não o cristianismo. Não pregue o cristianismo: pregue de Jesus Cristo! Esta é a diferença entre o islamismo e o cristianismo. Não os mandamentos, mas sim a pessoa de Jesus. Amém!

Fale de Jesus, que é a melhor razão para que eles venham abraçar a fé. A relação pessoal entre Deus e o homem e seu amor pela humanidade é a grande diferença entre o islã e o cristianismo.

Passos para alcançar os muçulmanos

Em primeiro lugar ore por eles, porque a maioria dos muçulmanos que vieram a Cristo o fizeram através da orações. Peça a Deus que prepare seus corações para receberem a semente, porque não existe outra forma de trazê-los a Cristo.

Em segundo lugar, tenha um relacionamento de companheirismo sincero. Relacionamento é uma palavra chave no Oriente Médio. Não se aproxime deles num plano intelectual, mas sim pessoal. Este é um canal muito bom de comunicação com os árabes.

Em terceiro lugar, quando você orar por uma pessoa e tiver amizade com ela, aí então poderá compartilhar a sua fé.

A responsabilidade do obreiro

De fato, existem duas responsabilidades: se quiser vir ao Oriente Médio, você tem uma responsabilidade, mas nós também a temos, e lhe direi a sua. Considere estes cinco pontos: primeiro, estude a Bíblia e sua doutrina intensamente. Alguns missionários ficam concentrados em estudar o Alcorão. Você não deve estar ali para destruir o Alcorão, mas sim para proclamar a doutrina cristã. Por isso é que há necessidade de estudar a Bíblia cuidadosa e profundamente.

Segundo: você precisa estudar apologética. É tão fácil, são apenas cinco pontos a respeito dos quais os muçulmanos lhe perguntarão, e você deve saber as respostas.

Como terceiro ponto, é excelente ter conhecimento sobre aconselhamento, porque haverá uma relação muito pessoal entre você e os muçulmanos. Eles têm um grande número de dúvidas, uma grande quantidade de problemas, principalmente familiares, porque vocês já conhecem a família muçulmana – o homem pode casar-se com até quatro mulheres e pode divorciar-se delas em um minuto, com somente uma palavra. Por essa razão existe uma grande insegurança na família muçulmana e quando encontram uma família cristã fazem muitas perguntas. Eu acredito que as mulheres

podem ter um grande ministério entre as mulheres do Oriente Médio, pois ali temos trabalhado mais com os homens do que com as mulheres, e também é assim nas igrejas. Por isso, você que é mulher e vai ao Oriente Médio comece a se preparar para um intensivo ministério entre as senhoras e estude sobre aconselhamento.

Em quarto lugar, convém que se tenha uma profissão. É muito bom contar com um título nos países islâmicos. Você não pode dizer: “*sou missionário*” porque neste caso o lugar reservado para você será a cadeia. Se quiser ter contato com as pessoas, diga: “*sou professor*”, ou “*sou engenheiro*”, “*tenho uma razão para estar neste país*”. Mas, você não pode dizer que é professor e ficar em sua casa sem dar aulas, porque assim vão expulsá-lo do país. Conseqüentemente, você precisa ter uma ocupação. Temos muito o que falar sobre os negócios cristãos no Oriente Médio. Nós somos obreiros cristãos além de homens de negócio.

Em quinto lugar, o mais importante: comece o seu ministério entre os muçulmanos que vivem no seu próprio país. Não existe outra forma. Se quiser ser um missionário, é preciso que comece onde você está. Tenho certeza que se alcançar os muçulmanos para Cristo no seu país, quando vier ao nosso país, terá um ministério efetivo. Mas não cheguem aqui dizendo que vocês têm doutorado sobre islamismo. Não funciona. Queremos pessoas que tenham experiência, e se você não pode testemunhar aos muçulmanos que estão no seu próprio país, como poderá compartilhar com eles em outros lugares? Isso não é lógico? Comece no seu próprio país!

A responsabilidade da igreja no mundo muçulmano

Se você cumprir estes cinco pontos, (cinco “mandamentos”), estas cinco leis “espirituais”, venha e será bem-vindo em nosso país.

Nós, os crentes locais os ajudaremos. Vamos colocá-lo em comunhão com uma igreja local, porque com os crentes encontrará um caminho para iniciar. Depois vamos treiná-lo de forma prática para tratar com os muçulmanos em nossos países. Finalmente, o ajudaremos a ter um relacionamento profundo com a sociedade, e então você poderá testemunhar.

11

O islamismo na África Negra

Larry Pate

Deus é um e Maomé é seu profeta”. Esta é uma das expressões mais santas no mundo dos muçulmanos. É seus *shahadá*, sua confissão de fé, o primeiro dos pilares do islã. O islã é uma religião mais do exterior do que de coração. Essa é a sua fundamental fraqueza. Jesus Cristo veio estabelecer o Seu Reino nos corações. Por isso, o islã, na vida de milhões e milhões de pessoas ao redor de todo o mundo, não é mais do que uma capa cobrindo o exterior das pessoas. Eis um princípio importante: à medida que nos aproximamos de Meca, as raízes do islã vão se aprofundando na vida dos indivíduos; quanto mais nos afastamos dali, mais essa capa exterior vai se debilitando. A capa mais fraca é o islã folclórico que abunda no mundo inteiro, composto na sua maior parte por práticas espiritualistas e animistas.

De forma geral, ao nos distanciarmos de Meca, o

indivíduo torna-se mais receptivo, mais aberto à conversão podendo-se fazer um trabalho de evangelização mais rápido que entre os demais muçulmanos. Este é um princípio muito importante especialmente quando lembramos das palavras de Jesus: *“Erguei os vossos olhos e vede os campos, pois já branquejam para a ceifa.”* Jo. 4.35. Precisamos ir primeiro aos lugares que estão prontos enquanto esperamos que outros campos amadureçam. Não se pode desprezar nenhum campo; ao contrário, precisamos enviar a maioria dos trabalhadores onde os frutos estão prontos. A colheita está pronta em lugares como a Indonésia, a região do sub Saara e Bangladesh, mais que no norte da África ou o Oriente Médio. Isto é um fato. De maneira que muitos obreiros da América Latina deveriam estar indo àquelas partes do mundo onde a colheita entre os muçulmanos está disponível.

Olhando o campo com os olhos de Deus

Fomos treinados para ver o mundo de maneira errada. Não devemos vê-lo como um acúmulo de países muçulmanos segunda a perspectiva de países (politicamente falando). A maneira de ganhar os muçulmanos é a mesma para qualquer tipo de povo: uma pessoa de cada vez. Por exemplo, pensemos na África: no norte desse continente existem aparentemente mais muçulmanos que no resto dele. Mas isto é assim somente na porcentagem. Há tantos muçulmanos no sul do Saara como em todo o norte. Com exceção do Egito, o país com o maior número de muçulmanos é a Nigéria. Só nesse país existem atualmente mais de 45 milhões de muçulmanos. Pelo fato desse povo do sub Saara ser mais facilmente alcançável, a América Latina deveria encará-los como parte dos seus alvos missionários.

Isto significa olhar a África com os olhos do Senhor da seara. Não os países da África em geral, mas sim os diferentes grupos tribais africanos. Eu sei que vocês não a vêem assim. Há milhares de pessoas na África e muitas delas estão completamente longe da mensagem de Cristo. Esses grupos podem subdividir-se em outros menores: e é preciso considerar que muitos deles estão abertos para o Evangelho.

Há cinco anos recebi uma carta da África. Eu recebo muita correspondência daquele continente, que tem doze mil denominações independentes. Algumas dessas cartas são um tanto estranhas. Por exemplo: me escreve a sua santidade fulana de tal, ou o bispo doutor sicrano ou a Igreja do Querubim ou a do Serafim, etc. e tal. Mas aquela carta era diferente. Quem escrevia era um irmão chamado Matias Munyewe, de Malavi, um pequeno país do centro sul da África, com mais de nove milhões de habitantes. Ele dizia: *“Eu sou um líder de um pequeno grupo de vinte e quatro congregações das Igrejas Evangélicas Batistas de Malavi. Somos poucos, nossas ofertas alcançam uns seiscentos dólares anuais, mas Deus nos tem chamado para alcançar a tribo muçulmana de Yaos, formada por novecentas e setenta e quatro mil pessoas. É a menos evangelizada do centro do África e tem uma religião animista desde o século passado.”* E logo ele pedia desculpa: *“Sentimos muito que temos estado trabalhando por três anos e conseguimos alcançar apenas mil e cem deles para o Senhor.”* Isto chamou a minha atenção. Em outros grupos muçulmanos se trabalha por cem anos e não se consegue nem cem convertidos; logo entendi que aquele povo estava sendo efetivamente alcançado.

Esse irmão me pedia para enviar-lhes alguém para preparar os missionários, pois queriam enviar outros três

obreiros àquela tribo no final de 1987. Em maio deste ano estive em Malavi treinando seus líderes e seus missionários. Que gente incrível! Mas estavam fazendo 80% do trabalho de maneira equivocada... missiologicamente falando! No entanto, uma coisa faziam muito bem: amavam aquele povo que queriam trazer para o Reino de Deus; desde refugiados de guerra de Moçambique, a pessoas de seu país: davam-lhes comida de sua própria mesa, proteção em suas casas e suas roupas. Tudo o que necessitavam davam, com amor.

Nos sentamos durante uma semana e estudamos com eles alguns princípios básicos e importantes. No final da semana, estavam muito impressionados. Cada líder de distrito tinha objetivos a alcançar com seu próprio povo e se puseram de pé para expressá-los. Eram metas para um ano. O primeiro disse: no ano passado estabelecemos cinco igrejas no nosso distrito. Pela graça de Deus o ano que vem plantaremos vinte. O outro disse: no ano passado estabelecemos oito igrejas, pela fé plantaremos vinte e cinco no próximo. Eu comecei a ficar com um pouco de medo e disse ao pastor Munyewe: Creio que eles precisam colocar metas mais realistas, pois, se falharem, vão desanimar. Ele respondeu: Não se preocupe irmão, se eles falaram que querem fazê-lo, eles o farão.

De modo que aqueles seis que ficaram de pé tinham colocado o alvo de plantar em um ano um total de sessenta e sete novas igrejas. Como somente trinta e seis igrejas poderiam estabelecer as sessenta e sete? Eu pensei: Nunca o farão, mas se chegarem pelo menos à metade e depois ao seu tempo enviar, quem sabe poderia iniciar-se o movimento missionário nativo naquela tribo.

Mantivemos certo contato trabalhando juntos por meio de correspondência. Resumindo, a história é esta: quando

pensamos sobre um ano, nos referimos exatamente a doze meses, mas em Malavi um ano significa o ano.No final de dezembro, recebi uma carta do pastor Munyewe, dizendo que eles já haviam estabelecido cada uma daquelas sessenta e sete igrejas... e isso em SETE meses!Hoje, entre cinco e seis mil muçulmanos têm vindo ao Senhor naquelas igrejas!

Quando falo acerca das igrejas em Malavi, ninguém sabe quem eles são.Seus membros não falam chicheua – o idioma nacional.Falam somente o iao que é a língua muçulmana do país.Cinqüenta por cento dos membros destas igrejas falam somente o iao de maneira que setenta e cinco por cento deste povo tem um perfil muçulmano; por isso trata-se de movimento de convertidos do islã.

Conclusão

O que acontece aqui?Há muita gente muçulmana for a do norte da África e do Oriente Médio que está faminta do Evangelho de Jesus.E vocês brasileiros o sabem.Moçambique está completamente aberto hoje em dia e existem duzentos mil aios ali, prontos para escutarem o Evangelho.Vocês que estão na América Latina e querem ir a Moçambique e Angola vão primeiro ao Brasil, aprendam o português e logo partam para alcançá-los, onde há muçulmanos prontos para ser alcançados.Sem dúvida alguma, a colheita está pronta na África negra e está se perdendo por falta de trabalhadores.

12

O islã na Ásia

Don McCurry

Sejam bem-vindos ao mundo islâmico na Ásia. Há um país que as vezes não é incluído na Ásia por causa de muita controvérsia e nem ele mesmo conhece sua identidade: a Turquia. A metade quer estar na Europa e a outra metade na Ásia. Seria bom acrescentar em nossa lista Singapura porque ali vivem quase meio milhão de muçulmanos.

A Ásia do Norte e do Leste

Contamos nessa parte da Ásia, incluindo o Afeganistão, com quinze milhões de pessoas das quais cinco milhões até o presente momento são refugiados, enquanto a guerra civil continua. Quero que saibam que seis dos estados que pertencem à antiga União Soviética são muçulmanos. Quase 50 milhões de muçulmanos vivem na

ex-União Soviética. Nos últimos cinco anos começou um trabalho maravilhoso na maioria daquelas ex-repúblicas.

O governo comunista afgane está pedindo aos cristãos que venham ajudar. Hoje em dia, existem 60 missionários no Afeganistão e a maioria do trabalho se desenvolve na fronteira com o Paquistão entre os refugiados desse país.

O Paquistão é o único país no mundo que decidiu basear sua política somente na religião. Mesmo assim, o Evangelho está caminhando rapidamente naquele país, através de cursos bíblicos pelo rádio e por correspondência. Deixem-me dar-lhes um exemplo da cidade de Karachi. Há alguns meses atrás, uns quinhentos jovens cristãos se reuniram com o objetivo de distribuir meio milhão de folhetos num só dia. Não o conseguiram – somente distribuíram 390 mil. Sete dos quinhentos jovens foram presos, mas à noite foram libertos. Umhas 16 mil pessoas responderam pedindo informação sobre os cursos bíblicos por correspondência sendo que nove mil delas eram muçulmanas. O resultado da campanha foi 110 conversões genuínas a Jesus Cristo e dez daqueles irmãos estão sendo treinados para ser líderes. Este é o resultado de um dia de trabalho de quinhentas pessoas em Karachi.

Cachemira, dividida entre Paquistão e Índia é a causa da guerra entre os dois países. Sabemos da existência de uns 200 muçulmanos convertidos ao cristianismo e que há uma receptividade entre a maioria dos habitantes.

A Ásia do Sul

Na Índia, 12% da população é muçulmana, distribuídos em toda a extensão do país. Eles falam 16 idiomas diferentes, mas o mais comum é o curdo, já que quando os muçulmanos governavam o continente, era a língua oficial. Seis organizações cristãs estão tentando alcançar

os muçulmanos para Cristo. Uma delas é especialmente reconhecida pela Igreja na Índia porque está tentando colaborar. As atitudes entre os cristãos está mudando lentamente na Índia. Quando estive em um Instituto Teológico da Índia, disseram-me: “Nunca ninguém nos falou antes que devíamos alcançar os muçulmanos.” Aquele seminário tinha 90 anos e eu era a primeira pessoas que falava algo semelhante! Então, formamos campanhas e as levamos às ruas daquela cidade e ensinamos aos jovens cristãos a fazer amizade com os muçulmanos.

Bangladesh é um dos países mais fascinantes nessa parte do mundo, porque os muçulmanos de lá são receptivos ao Senhor Jesus. O Grande problema é que essa também é a nação mais pobre do mundo. Por causa disto para alcançar aquele povo é preciso estar disposto a baixar a um nível de vida perigoso, inclusive para a saúde. Quando fui a Bangladesh há dois anos, minha esposa chorava enquanto caminhávamos por Dacar. Ela nunca havia visto tanta pobreza. Jesus disse que lembrássemos dos pobres, porque eles serão ricos no céu. E hoje vemos resultados maravilhosos de Bangladesh nas diferentes formas de corporação. Aqueles que aceitam a mensagem da salvação e se integram às igrejas existentes e forma novas congregações, com gente de origem muçulmana, contextualizadas com muçulmanos nascidos de novo, sem conexão com outros grupos.

Ásia Central

A respeito da China, acreditamos que há 15 milhões de muçulmanos. Alguns dizem que são 25, outros 50 e outros 100 milhões.

Uma grande parte da população da fala turca se estende

pela ex-União Soviética ao nordeste da China e tem um núcleo de aproximadamente 110 milhões de pessoas, o que representa mais que o dobro da população da própria Turquia. Outras das províncias daquela região são de língua persa e está ligada com o Irã.

Ásia do Leste e Sudeste

Há uma pequena porcentagem de muçulmanos em outras partes da Ásia como Nepal, Butão e Birmânia. Seguindo até o sudeste, chegamos até as minorias muçulmanas da Tailândia, Camboja, Vietnã, Taiwan, Coréia e Hong Kong. Vamos focar a Malásia, Indonésia, Singapura, Brunei e Filipinas.

Segundo os líderes cristãos da Indonésia, o cristianismo alcança 20% da população. Eles afirmam terem visto esses dados nos censos oficiais, ainda que o governo não revele publicamente, temendo os muçulmanos. A Indonésia é o campo que mais promete entre os países muçulmanos de todo mundo. De modo que os que querem ver seu trabalho recompensado com a implantação de igrejas fará bem levar em conta aquele país. Obviamente, às vezes há mais respostas em alguns lugares do que em outros.

A Malásia é um país em conflito. O oeste é rigorosamente anti-cristão e está tentando exercer controle sobre o resto do país. Num desses dois estados orientais, os cristãos ganharam nas eleições e estão controlando o governo.

Em meio às províncias de Sarabak e Saba, se situa o Brunei, um pequeno país com apenas 200 mil habitantes, mas graças ao petróleo que possui faz de seu líder o homem mais rico do mundo.

Finalmente, temos o problema das Filipinas. Quando os espanhóis estavam terminando a guerra da Reconquista

da Espanha chamavam aos árabes de mouros. Quando os espanhóis foram às Filipinas falaram com os nativos, e encontraram a mesma religião, a muçulmana, por isso também os chamavam mouros. No sul das Filipinas existe o “Movimento Mouro de Libertação”, com uns treze grupos muçulmanos de diferentes línguas. Atualmente existem convertidos que provêm desses grupos e a “Sociedade Missionária das Filipinas” está recrutando missionários da Indonésia para trabalhar entre eles.

Conclusão

Isto tudo não passa de uma olhada demográfica. Não contamos com um islã estrangeiro ou nativo (folclórico). Nem há tampouco somente uma maneira específica de trabalhar entre as diversas formas que se apresenta.

Estive pessoalmente envolvido no alcance de uma comunidade inteira para Jesus, depois de um dramático caso de exorcismo. Há um imenso campo para se trabalhar com milagres e prodígios pois muitos daqueles países estão dominados por espiritistas, adivinhos e bruxos.

BASES DA MISSÃO

13

A missão transformadora da Igreja

José Alcântara

O propósito deste trabalho é provocar uma reflexão sobre certos conceitos básicos na elaboração de uma plataforma bíblica teológica, a partir da qual possa desenvolver-se um programa de ação social-missionária fiel ao Evangelho. Tais conceitos como missão e igreja possuem um significado implícito que geralmente é aceito sem questionamento. Sugere-se que a tarefa teológica é estática, já que o significado de igreja e sua missão foi definido de uma vez por todas; logo, não pode ser sujeita a uma definição teológica.

Nós propomos aqui uma visão dinâmica da revelação bíblica: a Palavra de Deus falando constantemente à Igreja, que age em obediência, transformando-se conforme amplia sua compreensão da revelação divina através da história. Portanto, a partir de um conceito

dinâmico de revelação é que convidamos a uma rápida reflexão sobre idéias que nos são tão familiares, que por isso damos por encerrado por pensarmos que entendemos seu significado.

Missão e cultura

Todos estamos familiarizados com a palavra missão. De fato, a tarefa da Igreja tem sido frequentemente definida em termos de missão e até várias teologias se desenvolveram sobre o assunto. No entanto, a palavra missão não é um conceito teológico em si, mas sim uma ação. Missão em latim é *missio* – ação de enviar alguém para executar uma tarefa. Esta distinção entre conceito e ação é importante porque nos permite observar que a ação, isto é, a missão, só tem significado a partir de uma clara compreensão da tarefa a ser realizada.

Agora vejamos. Se a tarefa fundamental da Igreja é viver e proclamar o Evangelho, então qualquer aproximação ao caráter de sua missão deve começar com uma reflexão séria daquilo que é o Evangelho. Em outras palavras, um esforço missionário de qualquer índole só pode ser fiel à palavra quando realiza um mínimo de reflexão teológica, à media que define sua tarefa à partir das Escrituras, e não no entusiasmo missionário que pode ter mais importância do que a solidez teológica. Ver a missão como a razão de ser do povo de Deus tem sido sempre pedra de tropeço. As Escrituras mostram numerosos exemplos de missões que perderam o rumo porque os líderes, no melhor dos casos movidos pelo entusiasmo e, no pior deles, pelo orgulho, foram absorvidos por sua missão, até serem completamente incapazes de reconhecer a razão pela qual estavam engajados na tarefa que realizavam. Os profetas neotestamentários, assim como os apóstolos, insistem em um retorno à compreensão do fundamento

de sua existência como povo de Deus (ver por exemplo, Am. 4.6-15; Is. 1.12-17; Gl. 1.6-9; Ef. 2.20), precisamente quando parecia que historicamente o povo de Deus havia realizado sua missão: ser uma nação politicamente poderosa como Israel durante o período de Amós ou uma igreja progressista como no tempo da Igreja de Corinto.

Sem dúvida a Igreja Primitiva entendeu a necessidade de definir e fixar o Evangelho como parte inseparável de sua missão, tendo como resultado o texto do Novo Testamento e a fixação do cânon bíblico. Esta tarefa adquiriu mais importância quando a Igreja pós-apostólica teve de enfrentar as filosofias pagãs, respondendo com a elaboração dos credos. No entanto, notamos também que, enquanto a Igreja consolidava sua estrutura para amparar o império romano que havia sido cristianizado sob o reinado de Constantino, iniciava-se uma nova campanha evangelística com o objetivo de ganhar os povos pagãos do norte. Isso mostra que o conceito de missão começava também a adquirir uma importância própria que derivava da idéia de civilização. Em outras palavras, uma vez que Roma (a *civita* por excelência do mundo antigo) recebeu o batismo cristão, os esforços missionários incluíram implicitamente, como parte de sua tarefa missionária, a civilização dos povos pagãos.

Creemos não ser necessário insistir na realidade histórica da mudança de conceito que se deu em torno da idéia de missão, já que esse foi dolorosamente palpável na América Latina e onde a missão da igreja tenha estado inconscientemente num processo de colonização. A pergunta que precisamos fazer agora é até que ponto nosso conceito de missão continua operando debaixo dos mesmos princípios. Quem sabe sejamos mais conscientes do impacto negativo da aliança

colonização-evangelização. Devemos, porém, nos perguntar se o que aconteceu não foi simplesmente outra transformação de conceito. Isto é, se a idéia de desenvolvimento, aplicada ao trabalho social das missões, não é mais do que um sub-produto da visão da realidade, que tem como o centro a civilização, mais concretamente a civilização ocidental, representada pelas culturas industrializadas, e não tem nada a ver com um Evangelho que proclama justamente algo novo.

Missão e transformação

O questionamento que temos feito de uma idéia – infelizmente muito extensa – de missão pela missão mesma obedece à nossa insistência na necessidade de uma constante reflexão daquilo que o Evangelho é, antes mesmo de começar a planejar um esforço missionário, seja ele evangelístico ou de ação social (devemos repetir que bíblicamente é inconcebível um sem o outro; isso requer um estudo à parte). Portanto, como já vimos, só a partir de um Evangelho bem entendido é que podemos planejar uma missão verdadeiramente bíblica.

Assim pois, nossa seguinte área de reflexão deve ser sobre uma expressão do Evangelho que sintetize a mensagem para hoje. Partindo da base já mencionada de que o Evangelho é uma força dinâmica, é revelação atuante da história, podemos afirmar que as diferentes facetas da mensagem bíblica adquirem relevância maior que outras de acordo com o momento histórico em que vive a igreja e de acordo com a cultura para a qual o Evangelho é proclamado.

Quer dizer que, se vamos tirar do Evangelho um conceito que nos parece representativo dele, o fazemos sendo conscientes que a mensagem bíblica não se reduz, de

nenhuma maneira, a este conceito, senão que a idéia que aqui utilizamos é uma parte mínima da mensagem total. Ao mesmo tempo, a idéia que empregamos, isto é transformação, nos servirá unicamente para destacar algumas direções e não para aprofundar exaustivamente nela.

Se a mensagem bíblica começa afirmando o senhoria de Deus sobre toda a criação, e portanto a bondade declarada por Ele mesmo, é porque também quer mostrar que o mundo tal qual se apresenta ao homem não está como Deus desejou. Isto é, o mundo e as relações entre suas partes (incluindo a relação entre o homem e o resto da criação) funciona em oposição à vontade de Deus. As Escrituras afirmam que apesar de tudo Deus continua sendo Senhor da criação e esta continua sendo serva do Senhor (Sl. 19; Rm. 1.20). No entanto, a criação como um todo está sujeita ao pecado pela rebelião do homem (Rm. 8.22-23). A mensagem bíblica, a revelação, não diz que o homem e a criação toda se corrompem ao separar-se de Deus; isto na realidade é uma explicação daquilo que é evidente. Uma declaração que serve de prelúdio para a verdadeira mensagem; Deus quer reconciliar o homem e a criação consigo mesmo. Esta promessa foi feita primeiramente a Abraão; depois o pacto foi formalmente estabelecido com Israel. A reconciliação realizou-se através do sangue de Cristo e deverá consumir-se no final dos tempos.

Isto significa que a mensagem bíblica não é negativa, pois sua ênfase não está na queda (ainda que não ignore o assunto, e enfatizando quando preciso), e sim na redenção: não somente na redenção do homem, mas também de toda a criação. Portanto, são boas notícias! Quer dizer, já sabemos que a corrupção é evidente e inerente à natureza humana. A mensagem

bíblica, no entanto, proclama o que não é tão evidente aos olhos dos homens caídos, revela o que para o homem natural está oculto, aquilo que é loucura para uns e perda de tempo para outros: que Deus se propôs a transformar em Cristo o homem e a criação do que deveria ser.

A promessa, o pacto da redenção são realidades históricas que se concretizam em um povo, de tal maneira que esta transformação que Deus quer realizar em toda a humanidade e em toda a criação encontra-se pré-figurada nesse povo no qual se manifesta, ou deveria manifestar-se, o conhecido processo de transformação.

Assim pois, o Evangelho, a boa nova, não é somente uma mensagem, como também uma realidade histórica contemporânea que se faz presente, tomando forma e vulto em um povo diferente dos outros (visto não ter limites territoriais – e étnicos), e o avênço de uma sociedade diferente das outras (por não ser regida pelos mesmos padrões e valores); que se relaciona com o resto da criação de uma maneira diferente, em particular com seu próximo, uma vez que não faz distinções raciais ou genéricas, baseadas em classes ou castas, etc. (Gl. 3.28); nem contempla a criação como objeto de exploração, porém de responsabilidade (Lv. 25).

O Evangelho, portanto, aponta para duas direções. Por um lado, é a fonte da constante transformação do povo de Deus para que este seja a autêntica manifestação das boas novas (Rm. 12.2; Ef. 4.22; Mt. 5.16). Por outro lado, é um instrumento de Deus para proclamar ao mundo que em Cristo começou um processo de transformação total (Ef. 1.9-10) do qual Seu povo é exemplo.

Ao mesmo tempo, é evidente que, ainda que o próprio Evangelho possa proclamar-se ao mundo por obra do Espírito Santo, o povo de Deus só pode proclamá-lo

autenticamente quando ele mesmo estiver se esforçando em viver o Evangelho.

Ao classificar o Evangelho na palavra transformação, queremos apenas ressaltar este aspecto da mensagem bíblica – que no entanto não deixa de ser central na teologia profética, paulina e sobre todo chamado de Cristo ao arrependimento e a uma mudança radical de conduta – com o objetivo de uma oposição ao conceito de civilização ou mudança de cultura. Quero insistir na triste experiência de povos ou grupos sociais que foram evangelizados, mas cuja transformação só se manifestou numa mudança cultural. A transformação que vem do Evangelho não é direcionada a um esquema determinado, mas sim leva a uma liberdade responsável, em torno de um modelo dado por Deus, e não por homens. Portanto, o resultado da evangelização não será necessariamente o desenvolvimento da civilização – ainda que, obviamente, isto poderá ser um sub-produto – nem a adoção de valores culturais extraídos de outra cultura (a igreja missionária pode ser essa cultura), mas sim a transformação do que se é em algo que poderá não se ajustar ao esquema pré-concebido da igreja missionária, sem que por isso deixe de ser uma transformação fiel ao Evangelho. Por isso, a igreja missionária tem a responsabilidade de saber o que é o autêntico Evangelho para poder deixar o Espírito atuar livremente.

Como conseqüência, cabe a nós perguntar se a falta de uma verdadeira Igreja Latino-Americana, de uma teologia latino-americana, enfim, de uma expressão própria latino-americana do Evangelho, não é resultado da falta de uma visão transformadora do Evangelho, que aplique a idéia civilizadora em vez da idéia evangelizadora como uma única missão da igreja. Isto acontece no caso da herança hispânica. Devemos nos

perguntar se esta também não será a nossa futura herança latino-americana.

A Igreja

Já tocamos no assunto do povo de Deus e temos percebido que uma reavaliação no conceito de missão à luz de uma reflexão sobre a dinâmica transformadora do Evangelho nos leva necessariamente a uma discussão sobre o significado da igreja; mais especificamente, sobre o significado da igreja missionária em relação à igreja filha. É óbvio que este tema é muito grande para ser plenamente abordado aqui. Como fizemos nos pontos anteriores, vamos dar apenas temas para reflexão.

Temos destacado que a missão transformadora da Igreja não só deve partir de uma teologia bíblica sólida como também da realização de um programa duplo. O crescimento da igreja como um corpo depende de sua própria evangelização, isto é, a compreensão cada vez mais profunda do significado do Evangelho (Ef. 4.11-16), a fim de que ela própria experimente esta transformação em direção a um corpo verdadeiro e uma nova humanidade.

A missão direcionada para fora deve ser acompanhada da missão direcionada para dentro, simplesmente porque a própria Igreja faz parte da mensagem no que diz respeito à realidade da mensagem transformadora. Se a mensagem não é dupla, se estará pregando uma mensagem incompleta, pois esta não se refere a uma realidade somente metafísica, mas também histórica, da qual a Igreja é a manifestação.

Por conseguinte, a missão transformadora direcionada para fora não deveria ser um processo de colonização, de duplicação, de civilização ou de promoção de um certo

grau de desenvolvimento, porém um incentivo ao crescimento da mudança, de tal maneira que a expressão da comunidade evangelizada reflita uma identidade própria, derivada de uma autêntica metamorfose, que caminha para algo novo, e não uma mimese, uma imitação da igreja missionária.

Com tudo isso, queremos dizer que a missão da Igreja é transformar, pois o agente motivador não é só sua mensagem, mas sua própria natureza é portadora desta mensagem. Em conseqüência, a comunidade evangelizada não espera ser uma reprodução, mas sim uma criação não vinda propriamente deles, mas de Deus, com uma identidade derivada de Deus. Esta identidade vinda de Deus se manifesta, no entanto, num contexto cultural histórico que lhe é próprio, e não imposto. Isto implica num relacionamento entre a igreja missionária e a comunidade evangelizada não somente em nível denominacional. Pois, se a missão da igreja resultou numa transformação verdadeira em certa comunidade, que adquiriu sua própria identidade expressa em forma de adoração, governo, etc., e coerente com seu contexto histórico-cultural, então os padrões denominacionais deixam de ser o único critério, ou o principal, para manter uma relação não somente de apoio, mas sobretudo de comunhão.

Ao falarmos de relações inter-eclésiásticas, já entramos no terreno do prático e espinhoso, cuja discussão requer exemplos concretos que aqui não podemos abordar. Contudo, podemos realçar que somente aquelas igrejas que em si mesmas já estão sendo transformadas pelo Evangelho têm a capacidade de manter uma profunda relação com outra igreja, além das diferenças denominacionais, porque têm uma idéia clara do que é o Evangelho e conseqüentemente daquilo que não passa de

simples divergência de ordem secundária. Inclusive está disposta a reconhecer e ainda valorizar formas diferentes de expressão cristã culturalmente apropriadas, porque entende que o Evangelho se expressa em modos e situações históricas concretas.

Aqui nos encontramos novamente com a idéia que expressamos no início do estudo: a necessidade de reconhecer que, a menos que tenhamos uma visão dinâmica da revelação, a menos que vejamos no Evangelho algo para repensar constantemente – porque este não mantém um caráter estático – em suma, a menos que a igreja experimente a transformação constante que vem de um Evangelho dinâmico, não poderá ser uma igreja missionária no sentido bíblico, correndo o risco de se converter no apêndice religioso da civilização ou de uma cultura, ou sub-cultura, da qual finalmente derivará seu próprio evangelho, que não consegue proclamar a reconciliação, somente a separação.

Na América Latina, quem sabe em outras partes do mundo, isto é dolorosamente evidente. A cultura evangélica é uma cultura separada de seu próprio contexto e, por isso, chega a ser historicamente irrelevante: exatamente o oposto daquilo que se supõe que ela deveria ser.

14

A batalha espiritual nos ares

Juan José Churruarín

Neste momento alguém está orando e jejuando, para que o Espírito Santo nos ilumine e nos guie para o cumprimento de nossa missão, de nosso compromisso para com aquela gente que até hoje, desafortunadamente, não é tão lembrada por todos os cristãos.

Ainda que meu assunto pareça muito conhecido, muitos líderes cristãos agem sem ter o conhecimento necessário para seu trabalho no campo missionário, na igreja local ou mesmo em sua vida cristã pessoal. Por esta razão, atrevo-me a afirmar que toda a atual reflexão teológica, que toda a tarefa missionária da igreja, surge precisamente da rebelião de Satanás contra Deus, e de ter provocado o homem a rebelar-se contra Deus. A partir daí começa todo o trabalho da Igreja. Por isso eu lhes peço com todo o amor que de maneira alguma subestimem este assunto tão essencial para mim, profundamente

importante, o qual deveria ser muito mais difundido, praticado e conhecido.

A guerra mais comprida, mais perigosa e mais transcendente que a humanidade jamais conhecer e que mantém o crente diante dos poderes das trevas. Dois reinos se confrontam na luta: o Reino de Deus e o das trevas. Estamos em guerra. Grande parte dos cristãos vivem com pouca ou nenhuma consciência que a cada instante, cada segundo, acontecem batalhas que têm a ver com nossa vida pessoal e familiar, com o ministério cristão e com toda a sociedade.

Neste desenvolvimento dos planos de Deus, Ele escolheu operar no homem e através do homem; e toda a criação geme pela manifestação dos filhos de Deus. É hora de nos manifestarmos. Há um mundo que geme e está em agonia esperando o novo avanço dos exércitos do Deus vivente na reta final da história (Rm. 8.19-23).

Espíritos territoriais que dominam os povos

Esta guerra começa de uma forma misteriosa, não totalmente compreensível às nossas mentes finitas. Encontramos a criação de Lúcifer nas palavras do profeta (Ez. 28.11-17) falando de sua queda. Ele foi perfeito em todos seus caminhos, até que um dia seu coração se enalteceu ao querer ser como Deus e usurpar o seu trono. (Is. 14.12-14).

Então Satanás – o adversário – foi arrojado para a terra junto com a terceira parte dos anjos que o seguiram na sua rebeldia e não houve lugar para eles no céu (Ap. 12). As regiões celestes ficaram povoadas por estes seres sobre os quais a sentença foi proferida (Mt. 25.41).

Todos sabemos sobre Satanás, ainda que Edson Queiroz

tenha relatado que encontrou muitos cristãos que se assustaram ao escutar falar de expulsão de demônios. Não é difícil que algum missionário ande por aí crendo que Satanás não existe. Mas acredito que este não é o nosso caso, pelo menos penso que não!

A organização satânica para conquista do mundo

Isto é mais que a organização do povo muçulmano ou da religião muçulmana para a evangelização do mundo. Vai muito mais além. As hostes inimigas estão mais organizadas do que os crentes pensam. Ouvimos falar de principados, potestades, governadores, e de hostes espirituais da maldade (Ef. 6.12). São milhões (Dn. 7.10; Ap. 12.4-7) e seu rei é Satanás.

A estratégia de Satanás consiste basicamente em enganar, e sua arma mais poderosa é a mentira. Podemos descreverem síntese a obra de Satanás nas palavras de Jesus: “*roubar, matar e destruir*” (Jo. 10.10). Essas forças lutam contra a vontade de Deus e lutam contra o ser humano com a finalidade de destruí-lo até sua condenação eterna.

São divididos na terra em principados, com um príncipe como dirigente em colaboração com outros seres de diferentes graus e hostes de choque. Quando o mensageiro real foi enviado a Daniel, encontrou resistência pelo príncipe da Pérsia por 21 dias. O combate foi a tal ponto que um dos principais do exército de Deus teve de intervir. O mensageiro tinha que voltar para continuar a luta e depois deste lutaria com o príncipe da Grécia (Dn. 13-20). Se lembrarmos dessa história e pensarmos na imagem do sonho de Nabucodonosor (Dn. 2), vamos obter uma idéia clara das batalhas no mundo espiritual concernentes aos reinados que viriam. Como

vemos nessa parte das Escrituras, cidades inteiras, vastas regiões e países estão debaixo do controle do inimigo e obtêm as características da força que os domina. Por isso, o pecado em cada região do mundo assume formas diferentes que nós precisamos combater com eficácia.

Daniel era um homem que alcançou um grande respeito como dirigente político. Como filho de Deus era um crente piedoso, um homem sábio que não tinha nenhuma coisa com que se preocupar. No entanto, seu bem-estar pessoal não o impedia de ter uma visão dos propósitos de Deus. Inquieto por isso e estudando as profecias de Jeremias percebeu que já era tempo de seu povo regressar; e jejuou e orou por 21 dias. Então o mensageiro lhe disse: *“Desde o primeiro dia que aplicaste o teu coração a compreender e a humilhar-te perante o teu Deus, foram ouvidas as tuas palavras; e por causa das tuas palavras é que eu vim”* (Dn. 10.12).

É bom dizer que o primeiro dia que Daniel se pôs a orar e jejuar, iniciou-se um tremendo movimento no mundo espiritual. As forças satânicas se mobilizaram de uma maneira que nem podemos imaginar, não só se movimentaram os exércitos de Satanás, mas Deus moveu o Seu, além do mensageiro que enviara. Aqui podemos ver o efeito poderoso da oração e do jejum. Às vezes subestimamos essa tarefa.

Um irmão me perguntava: “O que está fazendo nossa igreja na evangelização dos muçulmanos?” eu respondi que basicamente estávamos orando e jejuando. Pode parecer que não fazemos nada, no entanto, vamos ter uma surpresa muito grande ao chegarmos do outro lado do rio, quando passamos a entender a razão do êxito que teve nosso trabalho em lugares como o campo muçulmano. Eu acredito que ao orar e jejuar estamos

fazendo mais do que pensamos. Frequentemente, não temos consciência nem estimamos muito nem tampouco sabemos apreciar o valor que tem a oração e o jejum, talvez por alguns fracassados intentos de receber respostas de oração e manter uma vida consistente de oração e jejum.

Mas aqui um homem se pôs de joelhos e o primeiro dias que Satanás o viu de joelhos, mobilizou todos seus exércitos para tentar impedir o propósito. Eu sempre digo: Se um homem de joelhos pode se movimentar de uma forma tremenda lá em cima, o que uma igreja unida orando no poder do Espírito Santo pode provocar? Não creio que existem barreiras lingüísticas nem culturais nem intelectuais nem sociais nem raciais nem de nenhum tipo, porque toda barreira será destruída, toda barreira! Amém!

A guerra em três frentes de batalha

A primeira frente de batalha é o mundo. Não como criação, mas como sistema. A Bíblia chama Satanás de “*príncipe deste mundo*” (Jo. 12.31; 14:30; 16.8-11; 2 Co. 4.3-4; 1 Jo. 5.19). É verdade que o inimigo derrotou o homem e este, por causa do pecado perdeu a autoridade sobre a criação que lhe foi dada por Deus; mas Jesus recuperou o despojo de guerra triunfando sobre a morte, o diabo e o inferno. A terra, sua plenitude e tudo o que nela há é de Deus. Ele amou de tal maneira o mundo – os seres humanos – que mandou Seu Filho para resgatá-los. De modo que hoje as pessoas não regeneradas ou que conscientemente se fecha para o Evangelho (seja uma pessoa, uma cidade ou uma nação inteira) está debaixo de uma influência direta de Satanás. A política, a economia, a filosofia, a religião – doutrina de demônios – e ainda certas teologias cristãs, a arte, a ciência, a cultura

toda, estão usando geralmente princípios que se opõem à vontade de Deus. O mesmo acontece com o domínio da mente na comunicação e os meios de comunicação diretas dos espíritos sobre as pessoas. Existem muitos governantes, pensadores, psicólogos – sociais e políticos – que de uma forma aberta fazem pacto com os demônios. As seitas, o espiritismo e a magia, assim como outras formas de espiritualismo, estão em constante auge e renovação.

A segunda frente de batalha é a carne, não como corpo matéria, mas sim como estilo de vida. Neste campo se luta contra o adultério, a imundícia, a lascívia, a idolatria, a feitiçaria, as inimizades, os pleitos, as dissensões, as heresias, as invejas, as bebedices, as orgias e as gluttonarias (Gl. 5.19-21). Muitos obreiros cristãos têm dado mau testemunho e por isso o coração de muitas pessoas têm se fechado (indivíduos que podiam ter crido no Senhor).

Os demônios formam a terceira frente de batalha. Devemos saber que o alvo preferido das forças do mal são os filhos de Deus. Satanás dirige seu ataque contra os líderes, missionários, evangelistas, pastores, lutando contra os de suas famílias e os da Igreja. Traz divisões, legalismos, fanatismo, emocionalismo, militarismo e, onde é dado lugar, produz danos e estragos a nível internacional.

Enfrentando as forças malignas

Quero citar 4 ações aqui. Em primeiro lugar, o obreiro cristão tem de conhecer; em segundo lugar, apossar-se; em terceiro, usar; e, em quarto lugar, resistir. Não basta conhecer alguma coisa sobre esse tema, é uma questão de apossar-se e, uma vez que tenha se apossado, não

guardá-lo, mas usá-lo e, usando, não ser covarde, mas sim resistir. Que aquilo que se quebre não seja deste lado e sim daquele lado. Conheça a força do inimigo (2 Co. 4.4; 1 Jo. 5.19; 14.30; 16.11; 1 Pe. 5.8).

Conheça também as debilidades do inimigo - ele é um anjo caído e derrotado. Um brasileiro pregando em Goiânia me disse: “*Está caído, atado e queimado*”. Não sei de onde ele tirou isso, mas eu gostei muito! Eu gostei de ouvir que ele está liquidado. Assim, pois, vamos ter sempre na mente que ele está liquidado. Levou só a terceira parte dos anjos. Aleluia! Irmão, são mais os que estão conosco! (Is. 4.12).

Conheça também as forças de Deus e de seu exército (Ef. 1.19, 23; Cl. 1.15,20; Fl. 2.5,11). Assim como há cristãos que ignoram a Satanás e o poder que ele tem, há muitos outros que não conhecem o poder de Deus e dos exércitos do Deus vivente. E, como disse Eliseu (2 Rs. 6.16): “*Mais são os que estão conosco, do que os que estão com eles*”. Tome sua posição na batalha (Ef. 2.5-7), você não está num turismo evangélico nem é um missionário turista. Você é um guerreiro de Deus, assim que se convencer de que realmente o é. Do contrário, você cairá facilmente. Tome a posição de autoridade (Lc. 10.19). Sua identidade lhe dará fé na autoridade que você tem diante de Satanás. Tome posição de proteção (2 Sm. 22.3); Sl. 18.12; 61.3; 144.2; 2 Ts. 3.3). Use toda a armadura de Deus (Ef. 6.13-18).

Use as armas contra as forças do inimigo: em nome de Jesus, o Sangue do Cordeiro, a Palavra de Deus, e amarre o inimigo dizendo: “*Está escrito...*” (Mt. 4.4,7,10).

Resista (Tg. 4.7; 1 Pe. 5.8,9). Amarre o demônio (Mt. 12.29; 16.19). É um potencial tremendo este de atar e desatar na terra. Estevão, ao perdoar aqueles que o

apedrejaram, tornou possível a salvação de Saulo. Declare a vitória de Cristo (Lc. 10.19; Cl. 2.15; 1 Jo. 3.8; 4.4; Ap. 12.11). Vamos louvá-lo por sua vitória!

Santidade, unção e oração

Acredito que esses três ingredientes são vitais para fazer do obreiro uma ferramenta indestrutível contra Satanás e seus exércitos. Em primeiro lugar, tenha certeza de que está com o coração limpo (Sl. 66.18; 24.3; 139.23,24; Mc. 11.25, Tg. 5.16). O que se limpa é um vaso para honra.

É preciso também uma vida cheia do Espírito Santo. Mantenha uma comunicação boa com Ele, permita que seus dons fluam em você e em seu ministério (Ef. 5.18).

Finalmente, seja um intercessor. Humilhe-se diante de Deus em oração; identifique-se com o pecador, jejeie semanalmente para interceder, separe alguns dias para buscar a face de Deus e conheça Sua direção em tudo o que você é e faz para Ele (2 Cr. 7.14). Com lágrimas e súplicas, clamando e agradecendo. Ore especificamente pelos governantes mundiais. Lute em oração quebrando e desatando as ligaduras do pecado e da carne. Ataque os principados, peça a Deus a intervenção dos anjos no combate (Hb. 1.14).

Numa nação, região ou cidade, quando um desses príncipes caem, os outros seres e hostes ficam em desordem e começam a romper as barreiras espirituais e as pessoas começam a se converter. Os ares ficam limpos e o Espírito Santo se move com poder. Não esqueça que o céu funciona na medida que nós oramos. Sabemos que orar é como respirar.

Adore e louve ao Senhor, engrandeça ao Senhor na sua

vida, tenha uma visão ampla de Deus, visualize Deus pela fé e engrandeça-O sempre. Lute e pague a tempo e a for a de tempo; a Palavra de Deus não volta vazia (1 Tm. 6.12; 2 Tm. 4.2,5). Levemos em conta estes tremendos recursos do Senhor.

Os campos virgens

A primeira e principal base relacionada à extensão do Reino de Deus e o plantar igrejas nos campos brancos é que os obreiros tenham um autêntico chamado. É em meio a pressões e lutas que se permitirá ver se você foi enviado ou não por Deus. Isto pode ocorrer dentro do país ou for a dele. É necessário um treinamento adequado, segundo as exigências impostas pelo lugar a ser evangelizado. É preciso ter também uma base. Esta pode ser a igreja local, várias congregações ou agências missionárias. Dentro do possível, é conveniente ir de dois em dois ou em equipe e trabalhar na comunhão com outras equipes missionárias, mantendo uma rede de comunicação.

Uma das frentes que não mencionamos e onde numerosas batalhas são feitas é a mente, onde acontecem as grandes dificuldades. É preciso manter uma higiene mental diária, uma mente cheia da Palavra de Deus, um pensamento posto em Deus, criando e sustentando uma imagem ou visão de vitória, entendendo e conhecendo a realidade, mas sem deixar-se manipular pela situação.

Ter claro o alto preço que os obreiros têm pago por antecipação, o custo de perder a vida, fará que nunca retrocedam nem se acovardem em nada e por nada. É preciso também ter um espírito de sacrifício. As dificuldades, mais que fora, estão dentro do homem. Para Deus e para o que crê tudo é possível.

Contar com o recurso de Deus é mais que suficiente, mas também temos os recursos de Deus. Deixem-me dizer-lhes que isto não é um jogo semântico. Contar com os recursos de Deus é suficiente. Contar com os recursos de Deus é contar com Suas inesgotáveis riquezas em glória – lembrem-se do povo de Israel rumo à terra que iam possuir – a permanente assistência do Espírito Santo, a oração, o jejum, os companheiros de ministério, a igreja que nos respalda em oração e os recursos financeiros daqueles que nos enviaram ao campo missionário. Mas sem depender disto, a total entrega é ao Senhor que nos enviou e conhece a real necessidade. Devemos saber que o diabo tentará impedir ou estorvar o trabalho. No entanto, os propósitos de Deus podem ser estorvados, mas não impedidos.

Por último Jesus disse: “Curai enfermos, ressuscitai mortos, purificai leprosos, expeli demônios; de graça recebestes, de graça dai”. “Eis aí vos dei autoridade para pisardes serpentes e escorpiões, e sobre todo o poder do inimigo, e nada absolutamente vos causará dano” (Mt. 10.8; Lc. 10.19). Que Deus nos dê um ministério poderoso para destruir as obras do diabo!

MISSÕES EM PRÁTICA

15

A qualificação de latinos para o islã

Celedonio Gasca

Eu agradeço a Deus, ao irmão Pablo Carrillo e a cada um de vocês, a oportunidade de compartilhar um assunto tão complexo e difícil para os cristãos na América Latina, como é a qualificação dos missionários.

O motivo da minha exposição vem de uma interrogação que por muitos anos foi feita à minha esposa e a mim por um irmão norte-americano. A pergunta era: “Por que a igreja mexicana é tão apática no cumprimento da missão mundial?” E a nós dois ocorreu a idéia de fazer uma pesquisa, pesquisa esta dolorosa que finalmente não foi publicada porque poderia ser perigoso fazê-lo, mas que nos deu pautas e soluções para esta problemática tão forte que enfrentamos como Igreja cristã. Estou falando de todas as denominações no México e acredito que pode acontecer no resto da América Latina.

Se vocês notarem, uma das perguntas que surgem quase

que automaticamente é: “Que podemos fazer?” Buscamos receitas. Como cristãos na América Latina não estamos acostumados a criar; preferimos copiar. Outra coisa comum aqui é que fazemos mais perguntas sobre o pragmático e espetacular do que sobre aqueles temas profundos que foram tratados durante toda consulta. O tema do treinamento é muito profundo e necessário.

Missão

Ao trabalhar com este assunto – a capacitação dos crentes em Cristo para ser enviados ao cumprimento da missão dada por Deus à sua Igreja – é necessário unificar nossos critérios a partir dos rudimentos da missão.

A palavra missões tem para os cristãos inumeráveis sentidos. Indo ao dicionário, porém, encontramos a essência do significado que foi sendo perdido através dos anos.

A princípio, missão é uma ordem importante dada à alguém que deve cumpri-la. E com isto cai por terra outras definições que temos usado hoje na Igreja cristã. Recordemos as palavras do nosso Senhor Jesus Cristo: “Como o Pai me enviou assim eu vos envio” (Jo. 20.21). Isto é missão: uma ordem, um mandado aos crentes e que deve ser cumprido.

Temos de entender quem são esses crentes: toda pessoa cujos pecados foram lavados no sangue precioso do nosso Senhor Jesus Cristo. O envio tem de estar adequado ao chamamento porque é aqui onde temos divergido diante da questão: missão é sair fora do país e evangelização é o que fazemos dentro dele?

Chamamento

Deus em sua Palavra considerou bases para seu chamado específico dos crentes nos diferentes grupos humanos, segundo o grau de dificuldade na comunicação, devido a barreiras culturais, lingüísticas, sociais, econômicas etc. Em Atos 1.8, há uma definição que sempre temos usado para delinear pontos geográficos. Eu gostaria que olhássemos este texto além da expectativa cultural e descobriremos que realmente nossa Judéia, nossa Samaria e nosso “confins da terra” – no caso do México – está aí mesmo; e são esses enfoques lingüísticos e sociais que bíblicamente o dificultam. No México, temos quase 200 línguas diferentes e existe uma grande barreira para a comunicação do Evangelho. Já conhecemos tudo isto, somente quero refrescar nossa memória.

Qualificação

Com base na experiência e naquilo falado anteriormente, a Igreja Anglo-Saxônica desenhou diversas formas de qualificação que facilitam a comunicação do Evangelho a grupos humanos de diferentes culturas e idiomas. No México e possivelmente na América Latina, são poucas as denominações e organizações que têm planos de treinamento missionário, o que não implica que tais programas sejam aptos às nossas necessidades como indivíduos e como igreja nem tampouco diversificados segundo o campo onde se trabalhará. Temos copiado, não temos criado. Não temos cortado a roupa na nossa medida, mas tentando remendar uma que está grande em nós.

Não tomemos isso como uma atitude nacionalista ao comentar que a maioria dos modelos de qualificação que

estão em uso são cópias detalhadas de um currículo anglo-saxão.

Temos de enfrentar o fato de que, ao imitarmos modelos, sejam estes de missão, de educação, de serviço etc., isso resultou em sérios condicionamentos quanto à participação da Igreja na América Latina no cumprimento da missão.

Antes de abordar o tema da qualificação, lembremos que uma das condições para se consultar é obter informações sobre os sintomas de um caso, a fim de conseguir uma solução e estruturar uma regra.

A situação atual na qualificação

Seria apropriado dialogar sobre dois aspectos importantes: como nós gostaríamos que fosse a situação presente e o que faremos concretamente para conseguir as mudanças que queremos.

Durante muito tempo, temos designado ao latino que foi enviado com o título de obreiro, que implica menor valor acadêmico, econômico, tecnológico, social etc. É inevitável dado o conceito de obreiro que nós latinos temos: uma pessoa de poucos recursos econômicos. Esta idéia criou inconscientemente um obstáculo para que como país possamos dizer com liberdade: “*Está bem filho, seja um missionário!*”, porque sempre temos em mente esta conotação da palavra.

Ao contrário, para os anglo-saxões damos o nome de missionário. O termo tem maior valor acadêmico, econômico, tecnológico, social etc. Mesmo assim, nas instituições de ensino, o tempo dado à capacitação missionária é por um período mais curto que o da instrução teológica. Nos seminários que têm dois

currículos, o de missionário sempre é o mais breve. Imaginem as implicações que isso traz.

Muitas instituições não elaboram nenhuma pesquisa para fazer um treinamento adequado, com o objetivo de fazer missões em grupos de diferente culturas e idiomas. A maioria dos países da América Latina é multi-cultural e pluri-lingüística. A capacitação atual não dá alternativas para que o pastor trabalhe num campo mais amplo, ainda que dentro de seu país. Não inclui um treinamento prático que possa ser útil ao trabalho e à vida em outras nações.

Conta-se com uns poucos livros traduzidos para o espanhol que se usa para texto. Algumas das matérias das ciências-sociais são ensinadas somente como introdução, mas não se aprofundam nelas. Os pastores, em termos gerais, não tiveram no seu preparo matérias sobre antropologia, sociologia ou outras deste tipo. Espera-se, e aqui está o mais terrível, que sejam os pastores os professores de missões.

Os jovens têm mais interesse em estudar para saber como fazer missões em grupos culturalmente diferentes. Não há apoio por parte da igreja local para sustentar um missionário durante seu período de treinamento nem mesmo depois, quando ele sai para o campo.

Conclusão

Para terminar, seria muito bom se colocássemos algumas interrogações sobre a qualificação e a motivação que a igreja da qual fazemos parte oferece:

- a Igreja Latina envia missionários?
- ela os prepara?

- ela os apóia?
- ela os sustenta?

16

Adaptação transcultural ao islã

Marcos Amado

Pediram-me para falar sobre a adaptação do latino no mundo muçulmano. De fato, é um tema muito interessante e ao mesmo tempo conflitivo. Como latinos, ainda estamos chegando a esta parte do mundo: o mundo muçulmano. Por isso, acredito que não podemos fazer uma análise conclusiva daquilo que significa a adaptação do latino ao mundo muçulmano. Mas vale a pena tentarmos uma reflexão. Minha experiência está relacionada a um certo país do norte da África, mas, escutando alguns irmãos de outros lugares, a situação me parece bem similar.

Idealismo e realidade

Antes de mais nada, eu gostaria de imaginar o seguinte: o que se espera de um missionário, sendo latino ou não,

que vá ao campo muçulmano ou a qualquer campo missionário do mundo, quanto à adaptação cultural?

A idéia que ele tem de chegar com disposição para aprender e envolver-se bem na cultura. Como fazer isto? Estando com o povo, comendo com eles, se possível, vivendo com eles, esforçando-se no idioma (4, 5, 6 horas por dia, o quanto puder), para que depois de um determinado tempo esteja apto para apresentar o Evangelho a essa determinada cultura; não segundo os nossos conceitos e mentalidade, mas de acordo com a cosmovisão deles. Assim vão entender o que estivermos comunicando. Não é uma tarefa fácil, mas deveria ser nosso ideal: adaptarmo-nos o suficiente para apresentar o Evangelho de modo que os nacionais o entendam. Reitero que não temos de levar nossa própria cultura, portanto creio na importância desse trabalho de adaptação.

Por outro lado, na realidade, depois de muito anos no campo, é muito freqüente ver missionários que ainda falam mal o idioma e não se sentem identificados. Quando vão se referir aos nacionais, por exemplo, estão sempre dizendo: “*eles*”, e nunca “*nós*”. Uma pessoa que mora há dois anos no país em que vivemos disse-nos que até aquele dia não havia tido oportunidade de usar a condução pública da cidade. Agindo assim, só estamos construindo um muro cultural, se assim se pode falar, o que nos impede de comunicar o Evangelho como deveríamos.

Outro problema que acontece freqüentemente na adaptação missionária é o que eu chamo de “*guetos*” missionários. O que quero dizer com isto? Que concordo que sentimos falta de ter comunhão com outros irmãos, de os conhecer, de participar de vários de seus costumes;

mas ao mesmo tempo, pelo fato de não nos termos adaptado bem, temos medo de misturar-nos com os nacionais. Isto faz com que busquemos o apoio de estrangeiros que estão ali, e fazendo isto estamos novamente nos separando dos nacionais. É assim que os pequenos guetos se formam – compostos de obreiros que vivem na mesma cidade – para fugir do desconfortável e ameaçador contato com os nacionais, visto que não compreendem bem o idioma e as reações do povo. Com isto, o obreiro passa grande parte de seu tempo participando de retiros, encontros de oração, reuniões de companheirismo, cultos em memória de algum missionário falecido, reuniões de louvor, almoços de confraternização, piqueniques, páscoas, natais, anos novos etc. Provavelmente, se você se recusar a ir, dar-lhe-ão o título de “separatista” ou “não espiritual”. Creio que deveríamos estar no campo missionário não para ministrar aos nossos irmãos estrangeiros, mas, sim, viver com os nacionais e apresentar-lhes o Evangelho.

Choque, semelhança e adaptação cultural

Sempre se fala que o latino é a grande solução para o mundo muçulmano: *“Irmãos anglo-saxões, saiam da frente que os latinos vão completar o que vocês não fizeram!”* Pensando nisto e depois de estar quase quatro anos envolvido com o mundo muçulmano, tenho três observações básicas relacionadas ao choque transcultural.

O latino passa pelo choque transcultural? Ele tem facilidade na adaptação ou não? E as milhares de palavras que existem no espanhol e no português de origem árabe, servem para alguma coisa? É realista pensar que, pelo fato de irmos de um país de terceiro

mundo, um obreiro pode viver de forma mais simples que os dos países industrializados?

Com a exceção de um único obreiro que conheço, todos os outros latinos que estiveram no mundo muçulmano concordaram que o latino passa pelo choque cultural. No caso de minha esposa e eu, o difícil foi ter de mudar as expectativas erradas que tínhamos. Por muitos anos estivemos escutando: “*o latino é a solução para a evangelização do mundo islâmico*”. Pensávamos que, ao chegar no país de destino, não teríamos muitos problemas, facilmente nos adaptaríamos. Mas, chegando lá, desde o primeiro dia, entendemos que, apesar de os latinos serem mais parecidos culturalmente com os árabes do que os anglo-saxões, ainda assim havia muitas diferenças. Logo, isso requer que o obreiro latino esteja bem preparado ao chegar no campo, para adaptar-se bem e não repetir os erros que estivemos cometendo.

Isto significa que temos de passar por um processo de adaptação doloroso e difícil. Não será nada fácil, se não tivermos convicção de nosso chamado para estar ali pela vontade de Deus.

Causas do choque cultural

Outros irmãos sugeriram que, em vez de “choque”, usássemos o termo “estresse” transcultural. Para mim, é a mesma coisa, dói do mesmo jeito... Mencionaremos algumas dessas dificuldades.

Em primeiro lugar, há a dificuldade do idioma. Também existem diferenças no conceito de limpeza. Às vezes, o limpo para nós não é a mesma coisa para eles, e vice-versa.

Outra dificuldade é a posição da mulher na sociedade,

que é diferente da latino-americana. A educação dos filhos também é diferente nos países muçulmanos.

Vemos que diferimos no contato físico entre os homens. Foi muito estranho para mim quando, na primeira vez que fui a *Medina* com um amigo, enquanto caminhávamos, ele de repente segurou a minha mão. Eu não sabia o que fazer com ela! Não sabia se soltava a mão dele e punha no bolso para que não a tomasse de novo; não sabia o que fazer! Nós, latinos, em nosso relacionamento interpessoal temos o costume de estar perto das pessoas fisicamente, mais do que os anglo-saxões, mas isto não significa que não iremos enfrentar problemas nesta área.

A mulher estrangeira é vista, muitas vezes, como uma mulher má. Por quê? Porque os ocidentais que vão aos países muçulmanos comportam-se e vestem-se de maneira completamente diferente, passando a mesma idéia que eles têm de uma mulher má; ao mesmo tempo, eles relacionam essas mulheres com o cristianismo. Isto faz com que muitas vezes a missionária, ao caminhar na rua de uma maneira que seria normal na América Latina, seja mal vista nos países árabes.

A mentalidade evidentemente é diferente. Seu mundo é organizado de uma forma diferente da nossa.

Também é muito forte, ainda que alguns não pensem assim, mas é real, seu etnocentrismo. O que é isto? É o fato de pensar que sua cultura e seu modo de viver é melhor que os demais. E qual de nós, latinos, não pensa que seu país é o melhor? Por mais treinamento que se recebe quando chega ao outro lado, continua pensando da mesma forma. É fácil encontrar latinos dizendo: “*Não é possível, o correio não funciona neste país?*”, como se funcionasse na América Latina. Ou: “*Os ônibus aqui*

vivem cheios!”, como se assim não o fosse na América Latina, “*Os médicos são péssimos aqui!*”, como se tivéssemos o melhor sistema de saúde do mundo. São coisas que padecemos na América Latina e chegando lá nos esquecemos, porque pensamos que nosso país é o melhor do mundo.

Outra dificuldade é a resistência em vestir a roupa do povo, bem diferentes da nossa. Acostumar-se com a comida árabe não é fácil; pior ainda quando não há talheres etc.

Vantagens em favor do obreiro latino

Ainda bem que existem algumas, já que de outro modo seria muito difícil continuar em meio a tantas dificuldades. De modo que, para equilibrar, podemos mencionar coisas que são parecidas. Vejamos.

O conceito de tempo para nós não é igual ao dos muçulmanos, mas penso que é mais fácil para os latinos do que para os anglo-saxões perder três horas numa xícara de chá. O latino não se importa em mudar seus planos, não é mesmo? Por exemplo, se estou tentando terminar uma carta de oração e chega um amigo inesperadamente, eu paro de escrever e vou atendê-lo. O latino é flexível, não fica olhando no relógio a cada dez minutos, comunicando que tem coisas mais importantes para fazer. Não é fácil, mas quem sabe seja menos difícil para um latino do que para os de outra raça.

Outra vantagem é que a hospitalidade latina é semelhante à árabe. Como os latinos vieram de países onde o sistema de ensino não é grande coisa, em geral não será tão custoso colocar seus filhos nas escolas públicas.

Também temos, como latinos, a vantagem de estarmos

mais voltados para o grupo do que as culturas anglo-saxônicas. Os árabes, como os latinos, dão muita importância à posição social, respeitando e valorizando a aparência e os títulos pessoais (modo de vestir, automóveis, etc.).

No trabalho entre os muçulmanos, ajuda o fato de os latinos estarem mais voltados a pessoas do que a metas. Como vivem em países de terceiro mundo, têm muito em comum com os países árabes, o que ajuda na identificação (rejeição pela política imperialista, miséria, suborno e problemas econômicos, entre outros).

Por último, destacamos as semelhanças que existem entre ambos os povos em relação à cor dos cabelos, aos olhos, ao rosto, à formação óssea, etc.

A influência árabe no castelhano

Outro ponto refere-se ao idioma árabe e às palavras que se juntaram ao espanhol e ao português. Na verdade, acho que não nos ajudam em nada! Não posso enumerar todas as razões, por isso falarei sobre três delas. Para começar, muitas palavras árabes, quando introduzidas nos vocabulários português e espanhol, mudaram sua pronúncia. Apesar de existir o que se chama de “*árabe clássico*”, com o passar dos séculos desenvolveu-se o próprio árabe dialetal, fazendo com que muitas palavras usadas antes não pertençam hoje ao vocabulário do povo. E mesmo as ainda usadas são pronunciadas de forma diferente, tornando-se irreconhecíveis para nós.

Concluindo, o latino quase sempre é mono-lingüista. Os europeus, por exemplo, falam dois, três ou até mais idiomas, o que lhes facilita aprender o árabe.

O estilo de vida do latino

A principal expectativa é que, ao chegarmos, vivamos conforme as condições do povo. Porém, o que temos experimentado e visto não é exatamente isto. Se não foi conscientizado especificamente antes de sair de seu país, o latino tem certa dificuldade em adaptar-se a um estilo de vida pobre. Por exemplo: de nove latinos que estão em certo país do norte da África, somente dois ou três vivem em condições parecidas com as do povo. Os outros têm mais dinheiro do que a maioria dos nacionais. É possível que, se o sustento não chegasse ao campo conforme o que fora prometido, baixariam seu nível de vida.

Mas por que não há uma atitude voluntária do obreiro em dizer: “*Vou viver como o povo*”, fazendo com que o restante do sustento seja canalizado para outras necessidades, em lugar de continuar vivendo num nível mais alto? Creio que haveria várias razões.

Uma delas é que a sociedade árabe espera que cada um viva de acordo com a posição que ocupa. Assim, um professor deve viver como sua posição o requer, e não como um estudante.

Além disto, há latinos que já passaram pela experiência da pobreza e não querem voltar a experimentá-la; outros vieram de um nível social alto, e não querem perder essa posição.

A grande influência que exercem os países desenvolvidos (através de novelas, música, literatura e outros) em grande parte da América Latina faz com que muitos dos latinos sejam extremamente ocidentalizados em seu modo de viver. Assim, a TV, o vídeo, máquinas fotográficas, casas bem arrumadas, boas roupas e carros modernos são importantes e desejáveis aos latinos. Tudo

isso pode facilmente causar dificuldades para os mais pobres.

Por último, percebemos que, no mínimo, as missões não estão preparadas para oferecer projetos que permitam ao obreiro trabalhar entre as pessoas de nível social mais baixo.

Temos de considerar nossas estratégias se quisermos nos envolver com as pessoas mais pobres; encontrar planos e metas ou quem sabe um trabalho de assistência social (seja o que for) que permita ao latino viver numa condição pobre sem chamar a atenção.

Sugestões

Até agora temos visto que, apesar de o latino possuir várias características que pode ajudá-lo na adaptação com a cultura árabe, ainda há discrepâncias precisando ser trabalhadas. O que podemos fazer para que o latino supere as diferenças existentes e se torne um comunicador eficaz do Evangelho?

Primeiro, sejamos mais objetivos nas nossas conferências missionárias, mostrando um quadro mais realista das possibilidades dos latinos entre os muçulmanos. Mostremos as semelhanças, mas deixemos claro que há diferenças. Assim não criaremos expectativas erradas que trazem problemas, frustrações e dificuldades na adaptação. Nós, missionários, também temos grande parte da responsabilidade na tomada de consciência da igreja, porque são publicadas cartas circulares – ou cartas de oração – cujo conteúdo serve muitas vezes só para que o missionário possa justificar sua permanência no campo, inventando coisas para que a igreja que o enviou não se sintam mal e continue assim enviando o sustento, enquanto na verdade o obreiro não está fazendo praticamente nada.

Durante o treinamento dos candidatos, deve-se deixar claro que o obreiro que trabalhar entre os muçulmanos não poderá, geralmente, legalizar sua situação de missionário no país de destino. Com isto, o estilo de vida naquele lugar vai depender da atividade profissional que cada um conseguir. Não podemos esperar que um professor ou alguém que trabalha numa companhia estrangeira viva em condições consideradas inaceitáveis pela sociedade para o posição que ocupa. Assim que, se de fato queremos que os latinos vivam com um estilo de vida simples e ao mesmo tempo não despertem a desconfiança do povo, devemos desenvolver projetos que permitam que isto ocorra, como por exemplo aulas de artesanato, programas de assistência social, planos de irrigação, etc.

É preciso também um treinamento missionário na América Latina para preparar a pessoa que vai ao campo. Não estou sugerindo um seminário de quatro anos, depois uma pós-graduação até chegar ao doutorado, mas que a pessoa deve receber a orientação básica essencial.

Outra sugestão: logo após a chegada do obreiro ao campo, ele deve participar de um curso prático de orientação cultural (quatro a seis meses) dentro do mesmo país em que está trabalhando. Uma das vantagens do curso é que, em primeiro lugar, permite que o obreiro tenha contato com a nova cultura de maneira dirigida, obrigando-o a se misturar com o povo. A segunda vantagem é que começará a aprender o árabe desde a primeira semana de sua estada no país. A terceira é que apresentará oportunidades para que o obreiro viva com famílias muçulmanas pondo em prática o idioma e aprendendo os costumes. Em quarto lugar, permitirá que os erros que normalmente são cometidos no processo da adaptação cultural sejam analisados, descobrindo as razões e tendo oportunidades de corrigi-los, sem que isto

afete o ministério do obreiro, já que ele ainda estará em sua etapa de treinamento.

Além disso, criará uma mentalidade analítica da cultura, tirando conclusões que o ajudarão a descobrir métodos e formas de melhor apresentar o Evangelho à nova cultura. Isto se consegue através de trabalhos de campo, leitura e outras tarefas que seriam desenvolvidas durante o curso. A idéia não é tanto dar ao obreiro as respostas, mas sim as ferramentas com as quais ele mesmo possa descobri-las.

Finalmente, tratar de temas como choque transcultural, forma e função, posição social e status, espaço pessoal e outros fará com o obreiro experimente uma situação prática e vivencial.

“E o verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo. 1.14). Que Deus nos ajude a seguir o exemplo de nosso Senhor Jesus Cristo, que, deixando tudo, se fez homem para trazer-nos a salvação!

17

O perfil do obreiro latino no islã

Antonio Peralta

Ainda que eu me sinta pouco qualificado para falar sobre este assunto a mim designado, concluí que o melhor a fazer era pedir idéias aos demais companheiros latinos no mundo muçulmano. Tive o trabalho de entrevistar oito ou nove latinos que há mais de um ano estão trabalhando no norte da África; só me restou falar com a esposa de um desses obreiros. Para esclarecer, quero dizer que considero latinos aqueles que usam em casa o espanhol ou o português como idioma principal. Esses irmãos são de diversos países da América Latina. Portanto, o que vamos falar está baseado nas entrevistas realizadas.

É um pouco arbitrário fazer divisões entre características espirituais e psíquicas de um obreiro, já que é difícil definir os limites de um e de outro. Também parece confusa a distinção entre o acadêmico e o ministerial. De

qualquer modo, seguimos o parecer de todos esses irmãos que têm pelo menos um ano de experiência nesse campo de trabalho. Realço também que a maioria deles não está presente. Os primeiros critérios de cada ponto foram os mencionados com maior frequência.

Características espirituais

Nessas entrevistas, foi dada muita importância ao plano espiritual, incluindo a preparação e a experiência quanto a tais fatores, e também falou-se da vida de oração. A maioria disse: *“Na verdade, vejo que é escassa e muito necessária a vida de oração”*. Alguns pensam que os missionários se dedicam dia e noite à oração, mas na verdade o trabalho – que é a tática do inimigo em todos os lugares – nos rouba a consciência da necessidade da oração e de também nos disciplinarmos nessa área.

O segundo ponto destacado por esses irmãos é a necessidade de profunda convicção de que o Senhor chamou o obreiro a esse lugar e a esse povo, dispondo-se então obedecer a isso. Também se falou bastante do caráter cristão. Muitos disseram: *“Não é tão importante que ele tenha estudado num seminário, mas que tenha um sólido caráter cristão e um bom conhecimento da Bíblia”*, como já mencionado.

A flexibilidade foi levada em conta: *“Onde estamos é preciso ser muito flexível quanto à cultura, ao horário, a planos e a programas”*.

Deve saber adaptar-se e ter um espírito de aventura, provar coisas novas, ir a lugares ainda desconhecidos, entre outras coisas.

Pelo menos três dos entrevistados mencionaram a humildade, tanto para com nativos quanto para com

obreiros no campo. Surge aqui outra vez a questão das comparações sempre são desagradáveis, pois nos desviam do objetivo do Senhor para nós, que é servir com humildade.

Com relação à dependência do Espírito Santo, há aspectos que englobam mais ou menos o mesmo. Foi destacado o ser sensível ao Espírito, o ser dirigido por Ele mais do que por padrões ou conceitos missiológicos rígidos (por exemplo, se você se veste desta ou daquela forma, vai ser aceito e poderá compartilhar o Evangelho). Não! Deve ser o Espírito do Senhor e a confiança nEle o que nos fará cumprir com êxito nosso trabalho.

Também foi falado sobre a persistência: ser aferrado, persistente, tenaz e obstinado – alguns dizem que, em certas horas, é preciso ser obstinado mesmo. A persistência contra toda oposição foi uma das características mencionadas e que nem todos os latinos possuem.

Alguém mencionou ainda a influência do legalismo; e não queremos cair nele. O islã é um sistema muito legalista e não devemos cometer o mesmo erro. O obreiro também precisa ser capaz de sujeitar-se a outros e não ser um solitário. Sobre as relações interpessoais, esses irmãos disseram que se o obreiro não consegue fazer amizade facilmente é melhor que ele não vá para esse campo entre os muçulmanos.

Características psíquicas e sociais

Com relação ao psíquico, é preciso que tenha um bom conceito de si mesmo. Percebemos que, pelo menos no país onde estamos, eles se rebaixam mutuamente: os mais velhos rebaixam as crianças; os homens, as

mulheres; as mulheres, umas às outras. Sempre estão se criticando mutuamente. A pessoa tem de suportar isso, sendo muito segura de sua auto-imagem e de que tem um grande valor diante de Deus, para não sofrer psicologicamente. Não importa o que os outros digam. Também alguns mencionaram a necessidade de que estejam curados de feridas emocionais, a fim de que estas não venham a tona depois.

É importante também estar liberto de qualquer envolvimento com ocultismo, demônio, bruxarias, etc. Tudo isso deve ser totalmente rompido para não haver problemas no futuro.

Outras características sociais agregam-se a estas: alguns dos missionários latinos entrevistados falaram do obreiro fechado que se envolve unicamente com seu mundo evangélico. O missionário no islã deve gostar de conviver com as pessoas, já que ali não encontrará muitos evangélicos... Ele tem de procurar fazer novas amizades e manter uma vida social. Sua casa deve ser hospitaleira, tanto aos nacionais como muitas vezes aos estrangeiros, senão ele mesmo poderá passar por dificuldades. Deve ter bom humor e saber rir de seus próprios erros no idioma. Uma irmã estava tentando comprar algo para comer e pedia: “*Vidro, vidro!*”, porque *shesh* é vidro, mas *shest* quer dizer frango; ninguém a entendia. Outro irmão, enquanto tentavam vender-lhe roupa íntima, em vez de dizer não, dizia: “*Não tenho, não tenho!*” Bem, é preciso rir das situações que se passam ali.

Como mencionamos antes, conhecer e aconselhamento é muito bom: ter conhecimento do ser humano, do que ele precisa e de como sente as coisas. É importante sentir como o outro e encontrar formas de ajudá-lo em suas necessidades psicológicas, familiares, etc. Falou-se

também sobre o domínio próprio e de como obreiro não deve ter ambições econômicas, dívidas, compromissos, nem fraquezas por sexo, bebida, etc.

Características acadêmicas

Não há consenso, já que diferem nos critérios entre os irmãos entrevistados. Alguns disseram: “Quanto mais estudo tiver, melhor”. Outros são da opinião de que isso não é tão importante, contanto que se consiga de alguma forma ficar no país. Outros acharam fundamental ter aptidão para fazer algo que seja necessário no campo de trabalho, porque, de outro modo, não se pode permanecer nesses países

18

Modelos de missão ao mundo islâmico

Pablo Carrillo

Quando consideramos o mundo muçulmano como um campo missionário, devemos levar em conta, a partir de nossa perspectiva latino-americana, que esses povos, na grande maioria, vivenciam uma problemática sócio-política semelhante à nossa. O Evangelho que levamos tem de ser mostrado com todas suas implicações e conseqüências.

Como obreiros latinos, não podemos expor só a mensagem espiritual e esquecer da sua situação material e física. Não podemos apresentar o Evangelho aos muçulmanos a partir de uma plataforma, onde como missionários tenhamos todas as nossas necessidades materiais supridas, ignorando as deles.

Em alguns países muçulmanos onde está oficialmente

proibida a entrada de missionários, as pessoas na rua quase sempre nos fazem perguntas a respeito de nosso trabalho, sustento e sobre nossas viagens. Precisamos pensar bem no exemplo que estamos dando, que será o modelo deles quando começarem a fazer missões. Por outro lado, precisamos pensar na infra-estrutura necessária para apresentar-lhes o Evangelho, isto é, que tipo de serviço prestaremos aos povos muçulmanos, a forma que vamos planejar e organizar; e quem enviará e sustentará os obreiros.

Portanto, apresentarei basicamente este documento de trabalho que pretende chamar a atenção para três áreas para as quais nós, latinos, estamos enfocando a tarefa, a qual chamamos de nossa aproximação às missões no mundo muçulmano. Ele inclui o conteúdo de nossa mensagem e o meio que utilizamos para apresentá-la.

Considerações prévias

É difícil procurar uma classificação adequada para o tema, considerando todas organizações cristãs missionárias que trabalham com o mundo muçulmano. Portanto, o enfoque está sobre uma área geográfica onde, no momento, grande parte dos latinos está envolvida: o norte da África.

Isto não é algo absoluto. Somente minha interpretação pessoal diante daquilo que vejo que os latinos estão fazendo ali. Posso estar errado, mas chama-me muito a atenção o fato de que estão deixando de lado dois aspectos que no final quero abordar.

O trabalho

Para entender o contexto no qual se movem os missionários latinos, é preciso considerar três aspectos.

Em primeiro lugar, pode-se enfocar os latinos na área do trabalho; digo trabalho para não usar o termo ministério, pois, quando se fala de ministério, quase não se pode discutir o assunto. É como quando um missionário vem e diz: “*Sinto-me chamado pelo Senhor para estar no mundo muçulmano*” – sentimos que não podemos discutir o chamado do Senhor. Então, muitas terminologias são usadas para manipular nossa maneira de querer fazer as coisas, e eu questiono se isto é carnalidade, uma vontade forte ou se realmente é do Senhor. Aqui, é preciso muito discernimento da parte dos líderes.

Mas eu desejo que haja uma maneira de aproximar as missões latinas do mundo muçulmano segundo a área de trabalho ou o tipo de trabalho que desenvolvem as organizações missionárias no lugar onde atuam.

E assim, por exemplo, há organizações de trabalho que se dedicam à distribuição de literatura; outras à implantação de igrejas; outras às comunicações – entre elas, rádio e cursos bíblicos por correspondência; e também há organizações dedicadas ao discipulado e à edificação dos crentes. Aqui eu acrescento mais uma, que ainda estamos tentando instrumentalizar e gostaríamos de propor: uma área de integração através de programas de desenvolvimento.

As organizações missionárias

Outro modo de examinar o que estamos fazendo como latinos no mundo islâmico é segundo a maneira como organizamos as entidades missionárias. Refiro-me a isto, porque é exatamente a imagem que temos como missionários no campo. As pessoas ali não nos vêem como indivíduos isolados. E eu me pergunto: O que faz

com que os missionários fraquejem no campo? Quando se aproxima uma pessoa da rua ao estrangeiro – tem o costume de formular-lhe perguntas como: “*No que você trabalha?*”, “*E seu dinheiro, de onde vem?*”, “*Como é que você ganha tão bem sem trabalhar muito?*”, “*Por que você viaja tanto?*”, “*Por que você veio viver em meu país?*” Estas interrogações são o pão de cada dia que um missionário tem de responder concretamente para não sofrer uma esquizofrenia de não saber se realmente está ali um missionário, ou um esquisito, ou um agente da CIA.

Eu acredito que todos os que estão no campo sabem que não é fácil chegar lá como um pára-quedista e dizer: “*Aqui estou para ganhar o mundo muçulmano. Onde está o diabo?*” Não é assim, ainda que muitos falem desta maneira. Percebo certo triunfalismo na tribuna latino-americana, mas, desde a perspectiva do campo, irmãos, digo: Cuidado! Porque são mais os que vão e voltam do que os que ficam. É assim nossa história em tão poucos anos de missões latinas no mundo muçulmano.

Além de considerar a organização das entidades missionárias, é importante conhecer sua forma de administração. Divido-as em duas, sem querer dar uma conotação negativa, mas simplesmente para mostrar estilos de administração.

A organização missionária anglo-saxônica foi fundada e é administrada por pessoas dessa parte do mundo. Os líderes e os recursos são providos por eles e o missionário latino é somente um empregado na organização.

Qual é a organização missionária da América Latina? É fundada e administrada por pessoas dessa região. A liderança e os recursos provêm deles, na maioria, e o

missionário anglo-saxônico é um empregado da organização. Tudo isto é teórico e, na prática, as coisas não são sempre assim.

A estrutura de envio do missionário

A terceira forma que os latinos estão levando aos países muçulmanos baseia-se na estrutura de envio de missionário, não na agência missionária em si, mas na igreja local. A esse respeito, eu considero três parâmetros. Há igrejas que enviam o missionário diretamente ao campo sem nenhum intermediário. De outro lado, está a agência missionária que pode participar ou não da orientação do candidato até atingir os objetivos. E o missionário se encontra em outro plano.

Destes três parâmetros, podemos definir três tipos de envio de missionários latinos. Esta é uma interpretação do que já está acontecendo, e não apenas uma suposição.

Temos a estrutura latina, onde a igreja provê a cobertura espiritual e econômica do missionário. A agência missionária é latina, bem como o planejamento das estratégias, a tomada de decisões e a administração dos fundos.

A estrutura anglo-saxônico tem os mesmo parâmetros, ou seja, a igreja provê a cobertura espiritual e econômica do missionário, mas, nesse caso, a igreja é anglo-saxônica, a agência missionária é anglo-saxônica e somente o missionário é latino.

Em seguida, há um tipo de estrutura de cooperação que eu chamo de mista, onde a cobertura espiritual e econômica do missionário latino está repartida entre as igrejas anglo-saxônicas e latinas, e a agência missionária é latina.

Conclusão

Para alcançar o mundo muçulmano, devemos levar em conta o modelo de missões que vamos empregar. Não estou perguntando qual filosofia de trabalho usaremos ou como vamos esquematizá-lo, mas sim o que exatamente as igrejas vão fazer lá e como vão fazê-lo. Se não pensarmos nisto, estaremos realizando um trabalho anti-profissional, sem seriedade e pouco formal.

Como latinos, identificamo-nos com a improvisação. Em muitas vezes, confesso que improvisei, mas, quando chegamos a procedimentos bem definidos quanto às missões no mundo muçulmano, devemos considerar tudo que isto engloba. Se a pessoa que sai daqui como missionário não souber exatamente o que fazer no mundo islâmico – não estou falando de requisitos nem de maturidade espiritual – e se a agência missionária ou a igreja que acreditam estar no caminho correto não tiverem planos concretos (quem sabem para o ano 2000, se o Senhor não vier antes), o missionário ainda estará fazendo quem sabe o quê.

Se não há planos específicos, se não há definição do que se quer fazer como latinos nem de como se vai fazer, na verdade o que se está produzindo é muito barulho e pouco resultado, e falo isto a partir do lado em que estamos: o da trincheira.

Ir ao mundo não é como ir ao México ou ao Peru, ou a tribos indígenas; requer que saibamos muito bem como vamos apresentar a mensagem, não uma mensagem falada, mas expressa pela nossa própria vida, porque, quando chegarmos lá, teremos de saber como responder às perguntas que nos farão as pessoas e não a agência enviada: *“No que você trabalha?”*, *“Qual é sua*

profissão e o que você veio fazer neste país?” É preciso ter isso muito bem claro.

Temos tido experiência em montar um enorme e incrível esquema econômico, organizacional, entre outros aspectos, para colocar apenas um missionário no campo. Estou falando de negócios, de empresas, de capital, de homens de negócio, de profissões; isto em países que estão fechados. Mas ainda assim proponho o mesmo – e irei além – para os países que estão abertos. Questiono realmente se o missionário deve levar a países abertos ou não o Evangelho de “capa e espada”. Este é o caso do missionário que chega com uma capa, mas no final tira a capa, desembainha a espada e a empurra dizendo: *“O que eu realmente queria era ganhar você através deste folheto, o Evangelho. Nada mais!”*

Eu acredito que a presença de um missionário em qualquer país muçulmano deve estar muito bem definida sabendo que a cultura islâmica é uma cultura integrada. O que se faz em sua religião tem de ser coerente com sua vida familiar, com sua vida na rua, em seu trabalho, em tudo. Se alguém pretende dividir a vida secular com o trabalho na obra- e este é meu questionamento no mundo muçulmano – ao final de dois anos entrará numa crise tal que já não saberá o que está acontecendo nem onde se encontra. É preciso ter um espírito íntegro. Se alguém vai como profissional trabalhar para um muçulmano, deve ter uma resposta e saber dizer: *“Sim, sou um crente, tenho uma profissão e com esta profissão estou servindo ao Senhor e você também.”*

Este é um assunto muito extenso e por isso estou resumindo todos os conceitos. No entanto, o que faço unicamente é reinterpretar o que está acontecendo lá a fim de refletirmos muito bem sobre os modelos que

precisamos. Não estou oferecendo nenhum modelo específico, porque não há um modelo ideal. Seria muito bom que aqueles que estão começando a envolver-se com missões – não como missionários, pois este às vezes são os cavalinhos de batalha ou bala de canhão, mas aqueles que têm a idéia de levar missionários para lá – fossem primeiro e passassem um ano vivendo ali para que soubessem o que acontece lá. Acredito existir mais autoridade quando se fala: “*Vem comigo para cá*” do que: “*Vai você para lá.*”

Termino dizendo que há alguns na América Latina e no resto do mundo que querem motivar os latinos espanhóis a entrar no mundo muçulmano, porém eles mesmos não entraram. Eu penso que eles estão jogando-os no fogo. Mas, cuidado! O que estão jogando ali – eu lhes asseguro – não durarão! Eu estou na posição de Gamaliel: darei cinco anos; se depois desse tempo os latinos ainda estiverem ali, isto é do Senhor; do contrário, será como a rebelião de Teudas ou de Judas, o galileu (At 5.36-37).

Qualquer esforço latino no mundo muçulmano deve ser considerado e apoiado pela igreja, bem planejado pela agência missionária e definido – por parte do obreiro – com integridade, compromisso e entrega. Estou certo de que este modelo poderá impactar para a eternidade os povos muçulmanos.

19

Oportunidades bivocacionais

Heinz Suter

Em primeiro lugar, no Novo Testamento temos o “fazedor de tendas”, segundo o modelo paulino-rabínico. Em Atos 18.1-3, vemos que Paulo encontra-se com Priscila e Áquila em Corinto; o versículo 3 nos diz: *“E, posto que eram do mesmo ofício, passou a morar com eles e trabalhavam; pois a profissão deles era fazer tendas.”*

Mais adiante, em Atos 20.31-35, encontramos Paulo em Éfeso, onde esteve por três anos. Especialmente os versículos 34 e 35 ressaltam: *“vós mesmos sabeis que estas mãos serviram para o que me era necessário a mim e aos que estavam comigo. Tenho-vos mostrado em tudo que, trabalhando assim, é mister socorrer aos necessitados, e recordar as palavras do próprio Senhor: Mais bem-aventurado é dar que receber.”*

Outras passagens, como I Tessalonicenses 2.9 e II

Tessalonicenses 3.7, 9, mostram também que Paulo trabalhou para seu sustento próprio (e de sua equipe) naquilo que lhe fora possível. Por outro lado, no Antigo Testamento temos exemplos de servos do Senhor que trabalhavam enquanto serviam ao Senhor, como por exemplo Abraão, que era criador de gado (Gn 13.1-12), ao passo que seu bisneto José chegou a ser o primeiro ministro da poderosa nação do Egito (Gn 41.39-45). Na Babilônia o destaque foi Daniel que veio a ser administrados e governador (Dn 2.48). Outro foi Amós, pastor e boiadeiro (Am 1.1-7, 14). Assim, desde o mais elevado ao mais humilde, todos trabalharam para o Senhor.

Os séculos passados

Nos últimos séculos, muitos dos grandes missionários também tem tido ministérios bivocacionais. Por exemplo os moravianos (Conde de Zinzendorf) no século XVIII, trabalhando como carpinteiro, alfaiate e artesão, instalaram comunidades nas ilhas do Caribe, Suriname e Groenlândia, iniciando a obra naqueles lugares.

Também devemos mencionar a missão Basel do século XIX. Era uma “comissão industrial” que começou a primeira associação de comércio da Basiléia (Suíça) com a África negra e a Ásia. Instalaram sua sede ali e mais tarde serviram de ponto de testemunhos e missão.

O chamado pai das missões modernas – Guilherme Carey, no século XVIII – foi para a Índia como um sapateiro, desenvolveu uma fábrica de borracha e um herbário, sendo o pioneiro na evangelização daquela região.

Em relação aos muçulmanos, eles também tiveram seus obreiros bivocacionais. Na “*Rota da Seda*”, desde o século

VII ao XVI, os comerciantes muçulmanos não somente exportaram e importaram produtos, mas também sua fé. Hoje em dia existem grandes comunidades muçulmanas na China: os *uigures*, os *cozacos* e os *huí* constituem 2,4% da população total (quase 25 milhões).

O desenvolvimento moderno

Já no nosso século, durante décadas de 50 e 70 lentamente as igrejas voltam a assimilar o modelo paulino dos fabricantes de tendas. Reaparece como resposta a impossibilidade da evangelização tradicional em lugares hostis ao Evangelho, que é o caos dos países muçulmanos.

Em 1979, foi publicado o primeiro livro sobre este tema: “Today’s Tentmakers”, de Christy Wilson Jr. Na década de 80, foram fundadas várias agências missionárias aos muçulmanos com o objetivo de alcançar estes povos adotando em 100% a estratégia do obreiro bivocacional.

Outras razões para os bivocacionais

Além dos antecedentes já mencionados, hoje em dia se faz imperiosa a necessidade de enviar obreiros bivocacionais, por várias razões.

A primeira é o aumento do número dos países fechados ao modelo de envio tradicional. A esta agrega a situação econômica dos países latinos, onde se dificulta cada vez mais o sustendo do obreiro no exterior.

Outra razão importante é a necessidade de um testemunho integral. Este tipo de obreiro não tem tantas crises de identidade, que ocorrem geralmente quando é preciso definir se ele é um missionário ou um profissional cristão. Também ele pode testemunhar durante seu

trabalho normalmente, e alcançar um tipo de pessoas que talvez um pastor não alcançaria.

A satisfação pessoal é psicologicamente importante para o obreiro, podendo obtê-la num trabalho secular.

O modelo anglo-saxão

As missões que estão trabalhando há 100 anos são as que têm mais experiência nisso. Chamamos de modelo “tradicional ou profissional” as missões anglo-saxônicas. Foram desenvolvidos centros de informação, como os de Ruth Siemens, Overseas Counselling Servicem Pasadena e outras organizações, que se dedicam a conseguir postos de trabalhos em todo mundo, porém mais especificamente no bloco muçulmano. Essas são maneiras de entrar através de uma profissão. Devem ser profissionais com títulos altos, com experiência de trabalho com companhias internacionais. Também podem trabalhar em organizações governamentais e programas oficiais, educativos ou de desenvolvimento. Muitas vezes podem tentar entrar na universidades dos países onde se vai trabalhar como professores de inglês ou como qualquer outro profissional. Chamo isto de modelo tradicional.

O modelo asiático

Além do modelo tradicional, está surgindo outro que chamo de asiático. Conheço alguns casos de irmãos coreanos, filipinos e indonésios – apesar de não ter um contato mais próximo com eles – que trabalham no Oriente Médio nos portos de refinaria, comercializando no Golfo Pérsico. Outros são apenas empregados das companhias ou nas casas de pessoas ricas. Porém são obreiros bivocacionais!

O modelo latino

A maioria dos latinos que trabalham em países muçulmanos como obreiros bivocacionais o faz com visto de turista. Dos demais, alguns têm visto de estudante e outros são professores, músicos, representantes, comerciantes e empregados de embaixadas, entre outros.

Na tarefa de juntar todos os obreiros que localizamos, somamos entre 20 e 25 unidades – chamo de unidade um obreiro solteiro ou uma família de latinos que foi ao mundo muçulmano. Analisando esta estatística no modelo latino, notaremos que há um grande movimento a partir de 1986. Entre os pioneiros, o primeiro remonta à década de 70; depois em 1982 lentamente começaram a correr algumas gotas – esperamos que se transformem num rio enorme que chegue até o mar. A partir de 1986, temos visto entre 15 e 20 unidades latinas radicarem-se no mundo muçulmano.

Das 20 unidades (entre famílias e solteiros), 75% não puderam radicar-se por não conseguir residência. Nessas listas, não são mencionados os empregados cristãos das embaixadas latinas. Por exemplo, conhecemos secretários e comerciantes que são cristãos mas não consideram sua permanência como a de um obreiro bivocacional. Com certeza, eles têm testemunhado como cristãos, mas talvez não aproveitaram exatamente esta oportunidade como sua maneira de entrar no país e poder alcançar o povo que os rodeia.

Analisando os comentários prévios, nenhum desses casos tinha contrato com alguma multinacional ou organização governamental (modelo anglo-saxônico ou tradicional-profissional). Dos que chegaram a certo país nesses últimos cinco anos (cerca de 15 unidades), de 75 a 80% não tinham resolvido o problema de sua

permanência, nem todos os que voltaram (30%). Por quê?

Parece que se repete o que vimos em muitos casos anteriores com outras missões anglo-saxônicas. Devido a falta de uma boa preparação ou conceito correto da parte do obreiro e de sua missão, não se está conseguindo a permanência com rapidez; nem sequer nos dois primeiros anos. E, assim, muitos voltarão – e alguns já voltaram – fracassados e desanimados.

É imprescindível encontrarmos uma boa estratégia! Trabalhei com o Navio Doulos na América do Sul quando fui coordenador da equipe de evangelismo. Íamos às igrejas e dizíamos: “*Irmão, temos de dar nossas vidas para missões*”, e muitos levantavam suas mãos. Então, quando continuávamos: “*Quem virá como voluntário para nos ajudar a encontrar um chamativo para a publicidade?*”, ninguém dizia nada! O que realmente precisamos é de uma boa estratégia na realidade desses países.

Parece que os que trabalham a curto prazo – entre um e dois anos – dificilmente conseguem residência permanente.

Por isso, sem condenar ninguém, faço a pergunta: é válido todo o esforço para mandar obreiros a curto prazo? Vale a pena todo esforço de mobilização, de treinamento, de levantamento do sustento, de feridas emocionais das despedidas tristes e da adaptação transcultural? E depois de um ou dois anos – pois assim é a natureza do trabalho a curto prazo – regressar à sua pátria. Será que isso realmente vale a pena?

Será que ainda estamos sendo pioneiros no trabalho com o mundo muçulmano? Por que estamos repetindo os

mesmos erros, demorando tanto tempo para resolver o problema de permanência dos missionários?

Como obter a permanência?

Como fizeram alguns latinos para ter sua residência? Bom, uma unidade era professor de inglês, com trabalho a longo prazo; três unidades tinham um projeto inovador próprio também a longo prazo: um com projeto de música, outro como representante e o terceiro era comerciante. Outros dois ou três ficaram como estudantes durante um a dois anos. E os outros? Os outros ainda não conseguiram.

Então, olhando para trás uns cinco anos, como os missionários anglo-saxões procederam? Creio que podemos aprender com eles em certo aspecto. Num modelo tradicional, que eu chamo de multinacionais, é muito fácil entrar num país fechado como professor de idiomas, principalmente de inglês. Médicos, parteiras e profissionais liberais (engenheiros, arquitetos e outros) também podem trabalhar com multinacionais. Claro, não tenho todas as respostas porque não conheço todos os que trabalham no mundo muçulmano, mas somente uma parte limitada.

Nos planos inovadores, temos visto projetos de analistas e programadores de computador instalados em seu próprio negócio; oficinas de fabricação de tapetes, produtores e exportadores de artigos de couro ou madeira, treinadores de futebol, guias turísticos etc. Não sei se isto é uma tendência, mas nenhum obreiro latino adotou o modelo tradicional, já que nenhum trabalha como professor numa universidade ou multinacional. Talvez seja por causa do nível de seu inglês ou porque a

maioria das multinacionais provêm da Europa e Estados Unidos e faltam multinacionais latinas.

E o modelo inovador?

Temos visto uma possibilidade para nós no modelo inovador. Ultimamente, parece que muitas missões anglo-saxônicas o estão usando. Também apreciamos que a maioria dos latinos que se uniu fez o mesmo. Por esta razão, é adequado considerar alguns pontos para refletir sobre esse modelo.

Leva tempo começar um projeto próprio. É preciso iniciá-lo antes de sair ao campo, numa viagem de pesquisa prévia, tendo a cooperação de alguém que vive naquele país. Fiquei entusiasmado quando os irmãos árabes abriram o coração e informaram que tinham suas empresas, podendo fazer o contato. É disto que precisamos, irmãos! Nesta situação, temos que entrar rapidamente. Pois, afinal, quem melhor do que eles conhece seu povo, seu país e seu funcionamento?

Depois, temos a questão do capital, pois estes projetos e negócios custam dinheiro e faltam investidores.

Em relação à área pessoal, este modelo é ótimo para desenvolvimento de uma equipe; há os que ajudam desde a base (o país de origem), os que investem, os que assessoram, os que comercializam e os que cooperam com o trabalho no campo. Há muitas maneiras de ajudar num trabalho inovador. SE for como um empregado numa multinacional, é você quem terá os contatos, e ninguém mais. Contudo, se você tem um projeto inovador, vários de sua própria igreja podem ir junto, e isto ajuda para que se envolvam. Não é maravilhoso? Conhecemos alguns casos que já têm sido uma grande benção.

Por último, temos o fator espiritual; todos os ângulos do projeto precisam de oração, tanto o inversor como o acessor e o obreiro (ou os obreiros) que estarão permanentemente no campo.

O que acontecerá com o modelo anglo-saxônico, filipino ou coreano? Os latinos não poderiam entrar numa casa e trabalhar como empregados, como fazem os filipinos no Golfo? Quem sabe já teríamos muitos resultados!

Dificuldades e questões legais

A maior dificuldade que enfrentamos nestes últimos cinco anos é que o obreiro não pode vir como um bivocacional, mas sim como integral. Não deve ir somente ocupando um trabalho secular como pretexto para obter residência no país. Nesse caso, enfrentará a luta e a esquizofrenia de questionar-se: *“O que sou na verdade, um obreiro ou um profissional?”* As pessoas que o rodeiam perceberão que algo não vai bem. Os árabes são ótimos comerciantes e logo comentarão: *“Será que ele é um homem de negócios? Ele é muito estranho. Não sabe somar, diz que dois mais dois são cinco.”*

Então ele tem de vir como obreiro integral para trabalhar em seu emprego secular diariamente, em algo que também entende e gosta de fazer. Ele tem de conhecer o assunto. Não é bom que venha alguém que nunca trabalhou com frangos, estes escampam e saem correndo por todos os lados, e não consegue pegá-los. Que vexame! Precisamos de alguém que saiba a quantidade de ovos que devem ser coletados por dia, duas ou três vezes, não somente uma. Então ele terá êxito.

Desta maneira, estará se relacionando com pessoas em seu trabalho todos os dias, e terá oportunidades de falar do Reino de Deus, através de sua maneira diferente de

ser, com seus atos práticos e com a própria boca. Para isto, deve ser competente e experimentado na profissão.

Em seu tempo livre, o obreiro integral continua a agir da mesma maneira com seus amigos. Não é missionário somente no tempo livre, mas está todos os dias à disposição do Senhor.

Além do mais, está trabalhando com prazer em algo que conhece e em que se sente seguro, em algo que Deus lhe permitiu aprender e que agora poderá ser usado. Para que serviu seu passado, irmão? Para que você estudou e aprendeu alguma coisa? Será que foi para depois deixar de lado e numa mais lembrar? Talvez alguns sejam chamados para outro tipo de tarefa, mas os que vão ao mundo muçulmano devem pensar nisto seriamente – em seu passado e em tudo o que aprendeu até agora.

Conclusão

Lembro-me de um irmão que trabalhou como músico. Tínhamos um negócio com tapetes e ele me disse: “Bom, quando inicio o trabalho com os tapetes?” Então pensei comigo: “Nem sei se ele saberá trabalhar com o negócio dos tapetes. Não tem muito a ver com ele.” Perguntei: “O que você estudou?” “Sou pastor e também músico.” “Claro! Música! Isso não é uma coisa que você gosta? Não é algo que você faz bem? Algo que faz você desfrutar, como pôr os pés na água?”

Depois vimos o resultado. O Senhor colocou-o naquilo que é nato nele; está envolvido com a música, sentindo-se realizado. É muito gratificante para um obreiro integral trabalhar naquilo que o satisfaz.

Quando eles perguntam: “O que você faz? No que trabalha? Por que veio até aqui? De onde vem seu

dinheiro?”, já não ficará mais intimidado. Agora você poderá responder tranqüilamente: “Sou um homem de negócios. Estou fabricando tapetes”, ou “Sou alfaiate e estou confeccionando roupas.” Será então respeitado pela qualidade do seu trabalho, por sua pessoa e por seu caráter cristão. Desta forma, você terá uma boa auto-imagem, segurança e gozo, sem crises de identidade.

Este é o obreiro integral: aquele que submete ao Senhor sua profissão, seu tempo, sua vida e obedece ao chamado do Senhor para sair aos campos que já estão brancos.

21

A cooperação das missões no islã

Carlos Calderon

Sinto a necessidade de ter certa base bíblica para aquilo que vou dizer. Ainda creio nas Escrituras, apesar de estar vivendo com os muçulmanos! Venho de um país que tem experimentado um avivamento nos últimos anos, não sei se em profundidade e em solidez teológica e bíblica, mas pelo menos o número de igrejas está crescendo e multiplicando. O Oriente Médio é um lugar muito árido, onde os convertidos são pouquíssimos. Custa muito em todos os sentidos; em noite de vigílias, em investimento financeiro, de tempo, de perda de privacidade, e um monte de coisas; o contraste é forte.

O Senhor me deu muito ânimo para trabalhar com o Comibam, tanto na igreja local como em diferentes países, com toda diligência como secretário administrativo e também em cooperação com outras agências e centros de coleta de informações,

principalmente da Europa e dos Estados Unidos. Desta forma, não é nada fácil sair desse contexto de cooperação, colaboração e respeito mútuo e ir para o Oriente Médio onde a coisa é bastante complicada: países onde há muita luta interna entre a maioria cristã, com os obreiros e com a polícia. Vocês podem compreender como esta situação não está fácil.

De modo que o assunto da cooperação toca o meu coração. E ao começarmos falar de cooperação entre nós sinto como se estivesse falando a uma criança, a Igreja Latino-Americana, é como um destes meninos que crescem e ainda com shorts e um doce na mão e diz “*Vamos aos muçulmanos!*” Mas não sabem o que fazer. Ele está aí, bem grandinho, porém continua sendo um menino. No entanto, ainda temos tempo e isso é bom.

Cooperação com o Senhor

Procurem em suas Bíblias II Coríntios 6.1. A primeira parte afirma que nós somos cooperadores de Deus e essa é uma das suposições que eu quero estabelecer em relação a cooperação. A nossa cooperação é fundamentalmente com Jesus Cristo. A princípio somos colaboradores de Deus, não da igreja local nem das agências missionárias nem das agências anglo-saxônicas, mas sim de Deus.

Este é meu fundamento básico: que deixando de lado o que eu realizei no país em que estou e independente dos problemas que enfrento, eu sou capaz de suportar e sigo adiante porque sou cooperador de Deus. Eu não me deixei levar pelas palavras do pastor quando o pastor fez o apelo: “*Você irá para tal lugar.*” Não fui porque alguém um dia assinou um diploma e disse: “*Está bem, você é um*

engenheiro, pode ir.” Estou ali porque sou colaborador de Deus. O meu trabalho é feito para o Senhor.

A vitória no Senhor

O segundo conceito desta primeira opinião básica está em Provérbios 21.30-31: “Não há sabedoria, nem inteligência, nem mesmo conselho contra o Senhor. O cavalo prepara-se para o dia da batalha, mas a vitória vem do Senhor.” O cavalo se prepara, mas a vitória vem de Deus. Minha cooperação é fundamentalmente com o Senhor, ainda que eu seja um cavalo alistado para a batalha, a vitória descansa no Senhor. Assim que quando se fala em treinamento, qualificação, diplomas, reflexão, poderá se obter um cavalo muito bem preparado, com um lindo penteado, de banho tomado, todo cheirosinho... mas irmãos, na verdade, a vitória vem do Senhor. Isto é fundamental. Precisamos reconhecer isto pois há muitas implicações na nossa aproximação com as Igreja locais. Chegamos muitas vezes como um rapaz novo no bairro e pensamos: Que sou eu para ele? E começamos a nos esconder, e se oramos ou não oramos, não importa. Mas aqui diz que a vitória é do Senhor e ao Senhor devemos buscar em oração. Em muitas oportunidades, cooperamos com os esforços nacionais e outros, entretanto, não podemos esquecer que estamos cooperando com Deus.

Precisamos de seres humanos

Em II Coríntios 3.3-5 lemos: “Estando já manifestos como carta de Cristo, produzida pelo nosso ministério, escrita não com tinta, mas pelo Espírito do Deus vivente, não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne, isto é nos corações.

E é por intermédio de Cristo que temos tal confiança em Deus não que por nós mesmos sejamos capazes de pensar alguma coisa, como se partisse de nós; pelo contrário, a nossa suficiência vem de Deus.”

É fundamental reconhecer que nossa suficiência vem do Senhor, mas quanto à cooperação, como corações de carne e precisamos agregar outro elemento: necessitamos de seres humanos. E quando falo de seres humanos eu me refiro a pessoas que cometem erros. Eu cometo erros e você também. Os missionários que levaram o Evangelho para a América Latina eram humanos e também erraram. Nós viemos da Espanha e não sabemos se somos espanhóis ou índios, pois estamos em dúvida. Uns dizem que somos da Espanha, temos sobrenome,... nossos avós... e outros dizem: “*Você parece índio.*” Em El Salvador, quando alguém quer dar uma de europeu costumamos dizer: “*Você saiu como um índio.*” Estamos em crise de identidade.

Chegamos ali onde os irmãos têm uma história maravilhosa. Eles falam de “Ciro o Grande,” dos árabes e de suas conquistas, mas agora encontram-se em crise econômica – a maioria deles – com terras improdutivas, com indústrias com dificuldade de competir com o mercado internacional etc. Agora eles recorrem para algo novo do Ocidente que antes foi tão desprezado por ser cristão. Começam a olhá-lo como modelo, sua única solução para progredir em um mundo competitivo, não sabendo se querem ser o que foram ou o que os outros são, porém ao mesmo tempo o rejeitam. Assim também estamos nós em crise de identidade, indo a outros que também estão em crise de identidade. Nós da sub-cultura evangélica temos sido receptores e agora emissores; somos humanos e a igreja local é composta de seres humanos. Como sabemos, os humanos erram, portanto

nós também erramos. Os do outro lado nem sempre tem a razão. Compreender isto é básico na cooperação.

Somos servos uns dos outros

Em terceiro lugar vejamos o que diz II Coríntios 4.5: *“Por que não pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus como Senhor, e a nós mesmos como vossos servos por amor de Jesus.”* O principal então é que preguemos a Cristo. Essa é a outro base fundamental para a cooperação. Não vou pregar para minha igreja nem minha agência nem minha denominação nem o que eu peno: eu prego a Cristo. Quando começamos a pregar outra coisa, a base da cooperação se rompe, porque o outro lado vai querer também pregar outra coisa e terá razão: se eu o faço, por que ele não pode fazer?

A atitude central na cooperação é o serviço. Eu me coloco como um servo, e não como o Senhor, posso ter a função de líder, mas sou mesmo um servo.

O Senhor dá dons ao seu corpo

Em quarto lugar, quero falar-lhes sobre I Coríntios 12 e outros textos que não vamos ler. Trata-se de um conceito de corpo – o Senhor dá dons ao Seu corpo. De um modo geral não significa que eu como igreja latina tenho dons que outros não tem, da mesma forma, os irmãos anglo-saxônicos têm coisas que eu não tenho; os irmãos do mundo muçulmano têm outras coisas que nem eu nem os outros têm. Este conceito de corpo – entenda-se como Igreja – fala-me que sou interdependente dos demais membros do Corpo de Cristo e que se eu, que sou a orelha ou o pé, penso que sou todo o corpo, estou muito enganado. Não posso dizer ao outro: não preciso de você, por que ele não vê as coisas como eu vejo.

Por isso a cooperação engloba fundamentalmente quatro coisas: primeiro que minha colaboração é principalmente com o Senhor. Segundo, o reconhecimento de minha própria humanidade e da humanidade dos demais, terceiro, eu prego a Cristo e esta minha atitude é de serviço e, em quarto lugar, eu não posso fazer tudo sozinho. Não estou falando que pelo fato de uma igreja local ser muito pequena não possa enviar um missionário. Estou falando que o Senhor capacitou os irmãos da África negra de uma maneira diferente da qual Ele me capacitou e, portanto preciso, da ajuda deles. Esses são os fundamentos. Vejamos na continuação algumas realidades.

Uma Igreja Latina em crescimento

A realidade da Igreja latino-americana – o que já foi dito antes é verdade – é que ela está crescendo e desejosa de ir ao mundo muçulmano. Agora quero fazer algumas considerações a esse respeito. Acredito que ninguém pode negar o fato de que a Igreja Latina está envolvendo-se em missões, e que o Senhor a está chamando para ir aos muçulmanos. Isto porém não é um resultado do Comibam nem do próprio Projeto Magreb, da Om, da Aem, do Conela, nem de ninguém. É o Senhor que está fazendo isto! Isso é inegável e não podemos ir contra o Senhor. A Igreja no mundo muçulmano precisa nos ver como colaboradores de Deus, como o braço de Deus, não como invasores porque somos parte do mesmo corpo. A Igreja latino-americana deve ver-se a si mesma, não como os novos manda-chuvas, porque não é o que somos; somos parte do Corpo de Cristo e somos servos, não pregamos a nós mesmos mas a Cristo. A Igreja nos Estados Unidos e na Europa e em todo o Ocidente não deve ver a Igreja latino-americana meramente como um

celeiro da onde vão tirar pessoas para treiná-las e enviá-las, senão como um novo braço que Deus está levantando. Isso é básico na cooperação. Nós temos que nos ver como humanos e ao mesmo tempo como instrumentos de Deus, não como os servos nem como os que mandam; simplesmente como colaboradores de Cristo, pregando a Cristo, servindo aos demais.

Treinamento e reflexão teológica

Lemos em Provérbios que o cavalo se prepara para guerra, mas a vitória é do Senhor. É importante ver que a vitória é do Senhor, mas o cavalo deve preparar-se; a não ser que peguem qualquer cavalo por aí. Em El Salvador dizemos: *“eu levo qualquer careca.”* Estamos falando do Corpo de Cristo e quero dizer que não estou favorável ao missionário leigo; isso é errado. O Corpo de Cristo não tem uma perna leiga e outra missionária; tem pernas e acabou! Como vou dizer para vocês que este é um dedo missionário e quando escrevo uma carta de negócios utilizei outro dedo? Não é assim; é minha mão. No entanto, o corpo tem partes diferentes.

Voltemos ao cavalo: o cavalo e prepara para a batalha. Que aprendemos sobre isto? Chamo a atenção para que realmente haja convencimento de que precisamos de treinamento, de reflexão teológica e que não podemos sair para a batalha com apenas um cavalo que encontramos na rua. Não é este o tipo de cavalo que precisamos. Os dois são cavalos, e ambos estão disponíveis para serem usados. Mas o cavalo deve ser preparado para a batalha; precisamos de treinamento e reflexão teológica. Por que precisamos de reflexão teológica? Acontece que este cavalo irá na terra do camelo! E ali as coisas são diferentes. Deve ser um cavalo preparado e experimentado nas batalhas.

Conscientização, informação e segurança

Precisamos, em relação às igrejas locais da América Latina, de missionários de centro de reflexão teológica que promovam a conscientização adequada de quem é o missionário, que perfil ele deve ter. Algumas vezes pensamos que os missionários são super-homens, e não são. Estão nos incentivando – a agora falo como quem está do outro lado – que consagremos nossas vidas, que nos adaptemos a coisas que desconhecemos, que confrontemos a política por não aceitarmos certas medidas entre outras coisas.

Precisamos conscientizar as igrejas sobre a informação e os aspectos de segurança. Algo que estava me tocando antes de falar a vocês, é que muitos estão pensando seriamente: *“Eu, não sei se é melhor que não façamos nada. Quem poderá fazer alguma coisa então? Eles me paralisaram dizendo que o trabalho e as dificuldades são tantas que é melhor sentar e desfazer as malas e...”* e nós cedemos porque não há mais nada para fazer. Irmãos, e os muçulmanos? Quem, então, irá aos muçulmanos?

Pesquisa e respeito

O que falamos anteriormente destaca a necessidade de uma pesquisa e o cuidado com a paralisia. Quem disse que é tão grande? Claro, se eu quiser sair amanhã de Miami e ir para minha casa caminhando, levarei uma eternidade para chegar lá. Mas quem foi que disse que preciso ir caminhando? E os aviões? Vamos investigar o que temos e quão grande é o bicho-papão, o que estamos construindo pode ser somente um tigre e leão de papel.

Isso tudo não é fácil, mas é preciso saber o que fazer. Em relação a outros missionários, quero destacar que nesta Consulta – que alguns já a chamam de histórica – os

irmãos do Oriente Médio disseram coisas como estas: *“Precisamos de vocês. Vamos trabalhar e treinar juntos.”* Nós lhes dizemos bem-vindos! Hoje de manhã escutamos o irmão árabe que nos dizia: *“É a primeira vez que me convidaram a um lugar que falam a meu respeito e me pergunta o que eu penso.”* De modo que a situação está como uma bandeja de prata posta sobre a mesa. Os irmãos da anglo-saxônia disseram: *“Cooperemos e trabalhemos juntos!”*

Quando saímos com nossos cavalos em direção ao deserto, minha oração é que encontremos o etíope; que não passem quarenta anos e esta geração tenha que morrer por causa da murmuração.

Porque o caminho do deserto tem duas estradas: ou encontramos o etíope saindo do avivamento ou saímos do deserto da euforia, do maravilhoso Senhor que nos tirou do Egito e morremos por causa da murmuração. Assim, meu desafio é que não murmuremos nem por isso e nem por aquilo, mas que nos consideremos parte do corpo, que pesquisemos, façamos reflexão teológica, estejamos unidos, que nos exercitemos e que possamos ir adiantes como servos do Senhor.

Oração e batalha espiritual

A Igreja talvez devesse praticar o que sugerimos quanto à batalha espiritual. A oração é um outro aspecto que temos descuidado. Por que não estabelecemos um movimento de oração permanente e forte ao redor do mundo muçulmano? Quero dizer-lhes que no país onde sirvo grande quantidade de missionários têm passado por ali e muitos têm voltado; poucos se colocam em oração. Eram turistas cristãos e os Pastor Churuarín falou-nos desta espécie de turismo. Irmãos, eu gostaria que os

turistas que vão aos países islâmicos passassem alguns dias caminhando, não para ver o Senhor os chama nem sequer para dar um folheto, mas somente para orar por este povo que anda pelas ruas. Caminhe bastante, caminhe e ore em vez de distribuir folhetos. Por que não oramos? O irmão que falou sobre a luta espiritual nos ares disse que devemos nos humilhar pelos nossos próprios pecados, humilharmo-nos pelos pecados da igreja, e também pelos pecados nação. Eu gostaria de incluir minha nação adotiva e pedir perdão por mais de um milhão de pessoas que foram mortas e sofrer por isto; pois alguns aqui sentem isso bem de perto. Será que eu sinto esse pecado da minha nação? No entanto, quando penso na cooperação, não posso deixar de pensar nisso.

O conceito de equipe

A Igreja do Oriente Médio, por outro lado, é variada. Em alguns lugares é pequena e perseguida, em outros lugares cresce com liberdade. Gostaria de lhes apresentar minha opinião sobre a minha filosofia do conceito de equipe, não no sentido de orientar na tarefa de onde dizemos: *“Quem pode fazer isto? Quem pode aquilo? Eu faço isto e você aquilo.”* Temos de estar juntos e dizer: *“Vamos em frente.”* Não se passaram nem dois anos e já brigaram entre eles mesmos e voltam para casa. Isto acontece.

Nas Escrituras encontramos o seguinte conceito de equipe: *“Somos um corpo em Cristo e todos membros uns dos outros”* (Romanos 12.5). É quase um casamento. De fato, Paulo fala do Corpo de Cristo usando ilustrações do casamento. Eu não posso dizer à minha mão: *“Não gosto de você! Somos incompatíveis.”* Isto não é possível. O conceito de equipe não é dependente da linha de produção de trabalho, mas do relacionamento que temos em Cristo. Eu quero animar às equipes que se formaram,

aqueles que viveram juntos já por alguns anos, e que sejam conhecidos os cheiros e os sabores para que trabalhem juntos.

Conclusão

O Senhor nos chama; é inegável. A Igreja da América Latina não é nem o novo invasor nem o novo semeador: é o novo instrumento de Deus. O mundo muçulmano diz: *“Trabalhemos juntos”*, os anglo-saxões dizem: *“Cooperemos.”* Os latinos dizem: *“Preparem-nos e ajudem-nos!”* Pv 24.6 diz: *“Com medidas de prudência farás a guerra, na multidão de conselheiros está a vitória.”*

Irmãos, temos de cooperar, não murmuremos. Vamos pegar o cavalo, prepará-lo para a batalha, encomendemo-nos ao Senhor, dependamos dEle, pois a vitória é do Senhor.

APÊNDICE

Extensão do islã

Abaixo assinalamos os países com mais de 1 milhão de muçulmanos. Os números foram obtidos junto a “World Population Data Sheet 1990” a qual edita o “Population Reference Bureau”, Inc. (Washington, D.C.) e as porcentagens foram fornecidas pelo “Samuel Zwemer Institute of Pasadena (Estados Unidos).

PAÍS	POPULAÇÃO	MUÇULMANOS	%
Indonésia	189.400.000	164.778.000	87,0
Paquistão			
Bangladesh			
Índia			
Turquia			
Irã			
Nigéria			
Egito			
Ex-União Soviética			
Argélia			
Marrocos			
China			
Etiópia			
Sudão			
Iraque			
Afeganistão			
Arábia Saudita			
Síria			
Malásia			
Somália			
Tunísia			
Tanzânia			
Mali			
Iemém do Norte			

Nigéria			
Senegal			
Guiné			
Líbia			
Ex-Iugoslávia			
Jordânia			
Filipinas			
Moçambique			
Costa de Marfim			
Iemém do Sul			
Estados Unidos			
Chade			
Alemanha			
Gana			

Preletores

- Marcos Amado:** Brasileiro, diretor de treinamento do “Projeto Magreb”. Reside com sua família no Norte da África.
- Victoria Aguilar:** Espanhola, professora universitária, licenciada em Estudos Islâmicos, conferencista. Reside em Madri.
- José Alcántara:** Mexicano, pastor, professor, escritor e teólogo. Reside no Distrito Federal do México.
- Samuel Berberian:** Nascido no Líbano, criado na Argentina e residente na Guatemala. Escritor, conferencista, professor universitário na Guatemala.
- Federico Bertuzzi:** Argentino. Tem servido no Projeto Magreb, Comibam e Missões Mundiais. Reside com sua família em Santa Fé, Argentina.
- Carlos Calderón:** Centro-americano, ex-administrador do Comibam. Trabalha como missionário, morando com sua família no Oriente Médio.
- Pablo Carrillo:** Mexicano. Fundador e presidente do Projeto Magreb. Reside com sua família na Espanha.
- Waldemar Carvalho:** Brasileiro. Pastor e diretor da Missão Kairós (servos entre os pobres e Magreb) no Brasil. Reside em São Paulo, Brasil.
- Juan Jose Churruarín:** Argentino, pastor da Congregación Cristiana em Goya, província de Corrientes onde reside. Conferencista internacional.
- Eliseo Escobar:** Salvadorenho. Reside em Monterrey, México, onde representa o Comibam mexicano e o Projeto Magreb.
- Gabino Fernández:** Espanhol, secretário regional da Sociedade Bíblica Espanhola. Reside em Sevilha. Escritor e historiador.
- Celedonio Gasca:** Mexicano, pastor, conferencista e educador. Reside na Cidade do México.

Rudy Giron:Guatemalteco.Presidente do Comibam Internacional.Diretor de Educação Cristão na Iglesia de Dios na Guatemala.

Don McCurry:Norte-americano, ex-missionário no Paquistão.Fundador do Instituto de Estudos Islâmicos Samuel Swemer nos Estados Unidos.Diretor do “Ministérios aos Muçulmanos”.

Abel Morales:Guatemalteco, cirurgião, membro fundador da Agência Misionera Evangélica e coordenador do Comitê de Missões do Centro Bíblico El Camino na Guatemala.

Maher Risk: É um conhecido líder árabe de certo país do Oriente Médio.

Larry Pate: Norte-americano, ex-missionário em Bangladesh.Estatístico, pesquisador de missões do terceiro mundo, escritor.Trabalha com a Sepal.

Antonio Peralta:Uruguaio, professor, missionário no Norte da África trabalhando com o Projeto Magreb.

Edison Queiroz:Brasileiro. Pastor da Igreja Batista Brasileira de Boston.Conferencista internacional de missões.

Patrick Sookhdeo: Guyanés, reside em Londres desenvolvendo ministério entre os muçulmanos.

Heinz Suter:Suíço, diretor-executivo do Projeto Magreb.Reside na Espanha com a família.

Victor Hashweh:É um conhecido líder árabe que ministra aos muçulmanos na Europa.

Samuel Wilson:Norte-americano.Ex-missionário no Peru.Diretor do Instituto de Estudos Islâmicos Samuel Zwemer nos Estados Unidos.Escritor e estatístico.

